



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Golden Gate Grand Café. Um aspeto da sociabilidade funchalense

Sara Beatriz Andrade Faria

Mestrado em Empreendedorismo e Estudos da Cultura

Orientador:

Doutor Jorge de Freitas Branco, Professor Catedrático,

Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2020



SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS

Departamento de História

Golden Gate Grand Café. Um aspeto da sociabilidade funchalense

Sara Beatriz Andrade Faria

Mestrado em Empreendedorismo e Estudos da Cultura

Orientador:

Doutor Jorge de Freitas Branco, Professor Catedrático,

Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2020

Agradecimentos

O desenvolver desta dissertação tornou-me mais rica a nível cultural e histórico, nomeadamente à riqueza da Ilha da Madeira, tendo ganho, em várias áreas, desde a sociabilidade, urbanização, arquitetura, entre outras, toda uma nova visão do Funchal, minha cidade natal. Mas toda esta nova bagagem de conhecimentos não seria possível sem a colaboração e apoio de várias pessoas e entidades, direta e indiretamente, por tal quero deixar o meu profundo agradecimento.

Agradeço à minha Mãe, Maria Amanda da Silva Andrade Faria pelo apoio emocional e crítico, ao meu Pai, Filipe Manuel Abreu de Faria pelo contributo teórico mas também crítico, ao meu irmão Pedro Miguel Andrade Faria pelo seu olhar analítico e à minha Tia Cármen Maria da Silva Andrade Sá pela ajuda na pesquisa de arquivo.

Sem o seu esforço e firme apoio não estaria neste momento a acabar o presente Mestrado. Foi esta a família e amigos que me incentivaram a seguir os meus sonhos, sem nunca deixaram de me acompanhar nas decisões pois acreditavam nas minhas capacidades.

Não posso deixar de prestar a minha gratidão pelo meu orientador Professor Doutor Jorge de Freitas Branco, do qual sem a sua orientação, amabilidade e dedicação, este trabalho não seria de todo possível, à orientadora do curso Professora Doutora Maria João Vaz pela sua disponibilização como guia dos processos necessários, e aos restantes professores do curso pela formação prestada.

Quero ainda deixar os meus agradecimentos a Margarida Tomás, pela sua voz como descendente da história aqui narrada e pela disponibilização de artigos únicos e de valor e ao Professor Doutor Rui Carita pelo interesse demonstrado e pelos vários esclarecimentos a nível histórico. Ao poeta, jornalista e ex-secretário regional do Turismo e Cultura João Carlos Abreu, à Professora Fátima Marques, a José Berenguer, a Dr. José Júlio Castro Fernandes e ainda a Abel Rebolo pelo importante contributo na disponibilização de informações e histórias que enriqueceram este trabalho. É necessário agradecer também à Câmara Municipal do Funchal, à Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira, à Direção Regional da Cultura, à RTP, e ao grupo “Madeira Quase Esquecida” por toda a informação disponibilizada.

Resumo

Golden Gate Grand Café, Um aspeto da sociabilidade funchalense, aborda um dos cafés/restaurantes mais afamados do Funchal, desde os finais do século XIX até ao presente. Tem sido local de encontro, convívio e de tertúlias das classes dominantes, assim como de frequência para os turistas.

Procuro compreender as transformações urbanas e as formas da sociabilidade da elite insular, recorrendo a documentação de arquivo impresso e visual, à imprensa e a testemunhos orais. O primeiro capítulo resume aspetos fundamentais da história dos cafés/restaurantes como estabelecimentos de comércio e lazer, e à mudanças na sociabilidade desde o período oitocentista até à atualidade. O segundo capítulo incide sobre o Golden Gate: a) os modos de vida dos grupos dominantes funchalenses no século XIX, b) As transformações ocorridas ao longo do século XX e c) o período até à atualidade.

Palavras-Chaves: *Habitus*; Cafés/Restaurantes; Funchal; séculos XIX-XXI; Memória Golden Gate.

Abstract

Golden Gate Grand Café, Um aspeto da sociabilidade funchalense, talks about one of the most famous cafés/restaurants in Funchal, from the end of XIX century until the present time. It has been a gathering and socializing place among the most dominant social classes as well as, very frequently, tourists.

I intend to comprehend the urban transformations and the elite forms of sociability in the island, using printed and visual archive documentation, press and oral testimonies.

The first chapter summarizes fundamental aspects of the cafés/restaurants history as a commerce and leisure establishment, and the changes in the sociability since the XIX century until the present time.

The second chapter focuses about the Golden Gate: a) the ways of life of the dominant groups from Funchal in the XIX century, b) the transformations occurred during the XX century and c) the time until today.

Key Words: *Habitus*; Café/Restaurant; Funchal; 19th – 20th centuries; Golden Gate memory.

Índice

Agradecimentos	i
Resumo / Abstract	ii
Índice	iv
Índice de Imagens	v
Glossário de Siglas	xv
INTRODUÇÃO	1
Apresentação do Tema.....	1
Metodologias.....	2
Fontes e Estado da Arte.....	4
CAPÍTULO 1 - DO CAFÉ AO <i>HABITUS</i>	12
a. Café como Estabelecimento.....	12
b. O “espaço”.....	15
c. O <i>Habitus</i>	16
CAPÍTULO 2 - UM ESPAÇO NA HISTÓRIA DA CIDADE DO FUNCHAL	18
d. Uma cidade que ansiava um café (Século XIX).....	18
e. O desenrolar de um lugar de memórias (Século XX)	31
i. O primor do Golden Gate.....	31
ii. “Ainda me lembro”.....	69
f. Tertúlia, Saudade, Vigor (Século XXI).....	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
FONTES E BIBLIOGRAFIA	112
ANEXOS	121
g. Anexo A.....	121
h. Anexo B.....	122
i. Anexo C.....	122
j. Anexo D.....	123
k. Anexo E.....	123
l. Anexo F.....	124

Índice de Imagens

Imagem II.a.1- Hotel Central em 1870 – Adaptado de DRAC(2017), *Arquivo Histórico da Madeira. Imagens Antigas do Funchal Urbano*, Funchal, Drac-ABM: Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira

Imagem II.a.2- Entrada da Cidade entre 1878-80-ultimo quartel do séc. XIX – Adaptado do projeto “Madeira Quase Esquecida”

(<https://www.facebook.com/MadeiraQuaseEsquecida/>)

Imagem II.a.3 - Entrada da Cidade e suposto Café Central entre 1896-1897 - Adaptado do projeto “Madeira Quase Esquecida”

(<https://www.facebook.com/MadeiraQuaseEsquecida/>)

Imagem II.a.4- Entrada da Cidade vista do Passeio Público e suposto Café Central entre 1888-1897 – Adaptado de Melo, Luís de Sousa e Susan E.Farrow (1983), *Impressões da Madeira Antiga*, Funchal, Pátio Livraria Inglesa.

Imagem II.a.5 - Entrada da Cidade e suposto Café Central entre 1888-1897 - Adaptado de DRAC (2017), *Arquivo Histórico da Madeira. Imagens Antigas do Funchal Urbano*, Funchal, Drac-ABM: Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira

Imagem II.a.6- Bilhete postal- Praça da Constituição entre 1887 -1888 - Fonte: "Muzeum Historii Fotografii", Adaptado do projeto “Madeira Quase Esquecida”

(<https://www.facebook.com/MadeiraQuaseEsquecida/>)

Imagem II.a.7- Bilhete postal- Funchal e Golden Gate entre 1897-1899- Adaptado de Mendes, José Manuel Melim (2007), *Memórias do Funchal, O Bilhete-Postal Ilustrado até à Primeira Metade do Século XX*, Funchal, Author's Edition

Imagem II.a.8- Bilhete postal- Funchal e Golden Gate entre 1897-1899- Adaptado de Mendes, José Manuel Melim (2007), *Memórias do Funchal, O Bilhete-Postal Ilustrado até à Primeira Metade do Século XX*, Funchal, Author's Edition

Imagem II.a.9- Militar, seguido das entidades oficiais e acompanhado pelo visconde de Vale Paraíso, na avenida Gonçalves Zarco entre 1897-1904 - Fonte: Museu de Fotografia da Madeira Atelier Vicente's - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira

Imagem II.a.10- Entrada da cidade e Golden Gate entre 1897-1905- Fonte: Museu de Fotografia da Madeira Atelier Vicente's - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira

Imagem II.a.11- Entrada da cidade e Golden Gate entre 1897-1905- Fonte: Museu de Fotografia da Madeira Atelier Vicente's - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira - Colorizada pela Autora

Imagem II.b.i.1- Ocasião da visita dos reis de Portugal à Ilha da Madeira entre os dias 22 e 25 junho de 1901 - Fonte: Museu de Fotografia da Madeira Atelier Vicente's - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira

Imagem II.b.i.2, 3 - Visita do Presidente da República, General Carmona, ao Funchal a 13 de Julho de 1938 - Adaptado de Mendes, José Manuel Melim (2007), *Memórias do Funchal, O Bilhete-Postal Ilustrado até à Primeira Metade do Século XX*, Funchal, Author's Edition

Imagem II.b.i.4, 5 - Harvey Foster e esposa no seu automóvel na praça da Constituição da Constituição em 1904- Fonte: Museu de Fotografia da Madeira Atelier Vicente's - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira- Colorizada pela Autora

Imagem II.b.i.6 – Golden Gate entre 1909-1912 -Adaptado de Mendes, José Manuel Melim (2007), *Memórias do Funchal, O Bilhete-Postal Ilustrado até à Primeira Metade do Século XX*, Funchal, Author's Edition

Imagem II.b.i.7 – Pormenor da entrada do Golden Gate onde se pode ler o nome da sociedade *J.C. D'Aguiar & C'*, entre 1928-1931 - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira

Imagem II.b.i.8 – Esplanada do Golden Gate entre 1914-1920 - Adaptado do projeto “Madeira Quase Esquecida” (<https://www.facebook.com/MadeiraQuaseEsquecida/>)

Imagem II.b.i.9 – Escadaria do interior do Golden Gate entre 1909 e 1948 – Fonte: José de Sainz-Trueva - Museu de Fotografia da Madeira Atelier Vicente's - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira – Colorizada pela Autora

Imagem II.b.i.10 – Bilhete-Postal do Golden Gate em 1912 - Adaptado do projeto “Madeira Quase Esquecida” (<https://www.facebook.com/MadeiraQuaseEsquecida/>)

Imagem II.b.i.11 – Madeira Bazar entre 1915-1940 - Adaptado de Mendes, José Manuel Melim (2007), *Memórias do Funchal, O Bilhete-Postal Ilustrado até à Primeira Metade do Século XX*, Funchal, Author's Edition

Imagem II.b.i.12- Hotel Golden Gate em 1920- Adaptado de Mendes, José Manuel Melim (2007), *Memórias do Funchal, O Bilhete-Postal Ilustrado até à Primeira Metade do Século XX*, Funchal, Author's Edition

Imagem II.b.i.13 – Utensílios do café e do Hotel Golden Gate no século XX – Fonte: Margarida Tomás.

Imagem II.b.i.14 – Utensílios do café e do Hotel Golden Gate no século XX – Fonte: Margarida Tomás.

Imagem II.b.i.15 – Sino para chamar os clientes do Hotel Golden Gate para as refeições – Fonte: Margarida Tomás

Imagem II.b.i.16, 17 – Entrada da cidade e Golden Gate em 1935 - Adaptado do projeto “Madeira Quase Esquecida” (<https://www.facebook.com/MadeiraQuaseEsquecida/>) - Colorizada pela Autora

Imagem II.b.i.18 - Bilhete-Postal do Golden Gate na década de 1930 – Adaptado de “Coleção Madeira música” (<https://colecaomadeiramusica.madeira.gov.pt/>)

Imagem II.b.i.19 -Bilhete-Postal do Golden Gate e da Sé do Funchal na década de 1930- Adaptado de Mendes, José Manuel Melim (2007), *Memórias do Funchal, O Bilhete-Postal Ilustrado até à Primeira Metade do Século XX*, Funchal, Author's Edition

Imagem II.b.i.20 -Bilhete-Postal da Entrada da cidade e do Golden Gate em 1912 - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira

Imagem II.b.i.21 – Golden Gate entre 1928-1931- Fonte: Museu de Fotografia da Madeira Atelier Vicente's - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira

Imagem II.b.i.22 – Golden Gate entre 1928-1931- Fonte: Museu de Fotografia da Madeira Atelier Vicente's - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira – Colorizada pela Autora

Imagem II.b.i.23, 24 – Sé do Funchal, Hospital da Misericórdia e Golden Gate em 1925 - Fonte: Museu de Fotografia da Madeira Atelier Vicente's - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira - Colorizada pela Autora

Imagem II.b.i.25 – Praça da Constituição entre 1936-1939 - Fonte: Museu de Fotografia da Madeira Atelier Vicente's - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira

Imagem II.b.i.26 – Golden Gate Grand Café e carro de bois entre 1934-1941 Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira

Imagem II.b.i.27, 28 – Entrada da cidade e Golden Gate em 1934 -Fonte: Museu de Fotografia da Madeira Atelier Vicente's - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira – Colorizada pela Autora

Imagem II.b.i.29, 30 – Entrada da cidade e Golden Gate entre 1934-1936 -Fonte: Museu de Fotografia da Madeira Atelier Vicente's - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira – Colorizada pela Autora

Imagem II.b.i.31 – Inauguração do monumento João Gonçalves Zarco a 28-5-1934 – Fonte: Perestrellos – Adaptado de Mendes, José Manuel Melim (2007), *Memórias do Funchal, O Bilhete-Postal Ilustrado até à Primeira Metade do Século XX*, Funchal, Author's Edition

Imagem II.b.i.32 – “Convívio realizado para homenagear a entrada de João dos Reis Gomes na Academia de Ciências de Lisboa. Da esquerda para a direita: Luís da Costa Pinheiro, Alfredo César de Oliveira, Nicásio Azevedo Ramos, Fernando Augusto da Silva, João dos Reis Gomes, Amintas de Lima, João Adolfo Sarmiento de Figueiredo, António Rodrigues dos Santos e J. Soares de Andrade. .” (Goís, 2015) em 1924 – Adaptado de Góis, Joana Catarina Silva(2015), *A Geração do Cenáculo e as Tertúlias Intelectuais Madeirenses (da I República*

aos anos 1940), Dissertação de Mestrado em História Contemporânea, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Imagem II.b.i.33 – Comemorações do 5º Centenário da Madeira em 1922 em frente ao Golden Gate – Adaptado de Mendes, José Manuel Melim (2007), *Memórias do Funchal, O Bilhete-Postal Ilustrado até à Primeira Metade do Século XX*, Funchal, Author's Edition

Imagem II.b.i.34, 35 - Almoço no Hotel Golden Gate, oferecido pelo cônsul do Brasil no Funchal em homenagem à travessia do Contra-almirante Carlos Viegas Gago Coutinho e capitão-de-fragata Artur de Sacadura Freire Cabral, em 1922 – Fonte: Museu de Fotografia da Madeira Atelier Vicente's - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira – Colorizada pelo autor. Fonte: Museu de Fotografia da Madeira Atelier Vicente's - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira – Colorizada pela Autora

Imagem II.b.i.36 – Movimento popular no Funchal, possivelmente durante a Revolta da Madeira em 1931, uma vez que as varandas do Golden estão cheias de pessoas que se dirigem ao povo. - Adaptado de Mendes, José Manuel Melim (2007), *Memórias do Funchal, O Bilhete-Postal Ilustrado até à Primeira Metade do Século XX*, Funchal, Author's Edition

Imagem II.b.i.37 - Militares e populares na revolta da Madeira em 1931 - Fonte: Museu de Fotografia da Madeira Atelier Vicente's - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira

Imagem II.b.i.38 – Revista Re-Nhau-Nhau nº8, 1 de Março de 1930 – “A comédia do Golden” - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira

Imagem II.b.i.39 – Revista Re-Nhau-Nhau nº9, 15 de Março de 1930 – “A mesa dos Desportistas” - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira

Imagem II.b.i.40 – Revista Re-Nhau-Nhau nº10, 22 de Março de 1930 – “Os ‘Gabardines Pálidas’ ” - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira

Imagem II.b.i.41 – Revista Re-Nhau-Nhau nº11, 1 de Abril de 1930 – “A Ceia dos ‘Imortais’ ” - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira

Imagem II.b.i.42 – Revista Re-Nhau-Nhau nº12, 12 de Abril de 1930 – “Os Homens Sérios ” - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira

Imagem II.b.i.43 – Golden Gate Grand Café em 1937 - Fonte: Museu de Fotografia da Madeira Atelier Vicente's - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira – Colorizada pela Autora

Imagem II.b.i.44 – Golden Gate Grand Café em 1937 - Fonte: Museu de Fotografia da Madeira Atelier Vicente's - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira

Imagem II.b.i.45- Mulheres na esplanada do Golden Gate e Vendedora de flores entre 1935-1940 - Adaptado do projeto “Madeira Quase Esquecida”
(<https://www.facebook.com/MadeiraQuaseEsquecida/>)

Imagem II.b.i.46 – Praça da Constituição e Golden Gate Grand Café em 1937 -1941 - Fonte: Museu de Fotografia da Madeira Atelier Vicente's - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira

Imagem II.b.i.47,48– Entrada da cidade e Golden Gate Grand Café em 1941 - Fonte: Museu de Fotografia da Madeira Atelier Vicente's - Adaptado do blog “Ruas do Funchal”
(<https://ruasdofunchal.blogspot.com/>)- Colorizada pela Autora

Imagem II.b.ii.1- Golden Gate Grand Café entre 1960-1970 - Adaptado do projeto “Madeira Quase Esquecida” (<https://www.facebook.com/MadeiraQuaseEsquecida/>)

Imagem II.b.ii.2- Logotipo do Golden Gate num prato - Fonte: Margarida Tomás.

Imagem II.b.ii.3,4- Sala de estar do Hotel Golden Gate em 1959 - Fonte: Museu de Fotografia da Madeira Atelier Vicente's - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira – Colorizada pela Autora

Imagem II.b.ii.5,6- Hotel Golden Gate em 1961 - Fonte: Museu de Fotografia da Madeira Atelier Vicente's - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira – Colorizada pela Autora

Imagem II.b.ii.7,8- Restaurante do Hotel Golden Gate a 07-03-1961 - Fonte: Museu de Fotografia da Madeira Atelier Vicente's - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira – Colorizada pela Autora

Imagem II.b.ii.9- Varanda do Hotel Golden Gate entre 1922-1932 - Fonte: Perestrellos – Adaptado de Diário de Notícias

Imagem II.b.ii.10- Varanda do Hotel e Café Golden Gate em 1967 - Fonte: Museu de Fotografia da Madeira Atelier Vicente's - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira

Imagem II.b.ii.11,12- Abel Rebolo, empregado de mesa do Café Golden Gate entre 1982-1997 – Fonte: Abel Rebolo

Imagem II.b.ii.13- Procissão de Nossa Senhora e Golden Gate em 1948- Fonte: Museu de Fotografia da Madeira Atelier Vicente's - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira

Imagem II.b.ii.14 – Procissão do Papa João Paulo II em 1991 - Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=YFW2EaY-un4>

Imagem II.b.ii.15 – Vales de 1 escudo e 50 centavos do Golden Gate Grand Café na década de 1970 – Fonte: Nestor Fatia Vital- Adaptado de “Fórum Numismático”

Imagem II.b.ii.16 – Golden Gate Grand Café em 1997 – Fonte: Jornal da Madeira

Imagem II.b.ii.17 Interior do Golden Gate Grand Café entre 1997-2013 – Adaptado de “Foursquare city guide”

Imagem II.b.ii.18 Interior do Golden Gate Grand Café em 2011 – Fonte: Diário de Notícias

Imagem II.c.1- Busto de Ferreira de Castro nas paredes do Golden Gate Grand Café – Fonte: Autora - 2020

Imagem II.c.2 – Homenagem a Ferreira de Castro transcrevendo o verso de uma das esquinas do mundo - Fonte: Autora - 2020

Imagem II.c.3 – Golden descrito como Património Histórico do Funchal, homenagem a Ferreira de Castro e ao Banco Comercial do Atlântico - Fonte: Autora - 2020

Imagem II.c.4 – Margarida Falcão no jantar literário do Golden Gate no dia 22-01-2003 – Fonte: *Jornal da Madeira*, Funchal, 23-1-2003, p.21

Imagem II.c.5 – João Carlos Abreu no jantar literário do Golden Gate no dia 20-03-2003 – Fonte: *Jornal da Madeira*, Funchal, 21-3-2003, p.22

Imagem II.c.6- Daniel Sampaio no jantar literário do Golden Gate no dia 30-01-2004 – Fonte: *Diário de Notícias- Suplemento Cultura e Espetáculos*, Funchal, 31-1-2004, p.24

Imagem II.c.7,8 – Grupo “Os Habitat” no Golden Gate Grand Café a 26 e 27 de Janeiro de 2007 – Fonte: *Jornal da Madeira*, Funchal, 26-2-2007, p.13 e *Jornal da Madeira*, Funchal, 28-1-2007, p.12

Imagem II.c.9 – Esplanada do Golden Gate Grand Café em 2008 – Fonte: Luke H. Gordon

Imagem II.c.10 – Entrevista a Mariana Medeiros, trisneta do primeiro proprietário- Fonte: *Diário de Notícias*, Funchal, 9-6-2017, p.1-3

Imagem II.c.11 – Reinauguração do Golden Gate Grand Café a 01-07-2017 – Fonte: *Jornal da Madeira*, Funchal, 01-07-2017

Imagem II.c.12 – Novo proprietário, João Dionísio de Sousa, família e Presidente da Câmara do Funchal Paulo Cafôfo na reinauguração do Golden Gate Grand Café a 01-07-2017 – Fonte: *Jornal da Madeira*, Funchal, 01-07-2017

Imagem II.c.13- Homenagem à reabertura e ao novo proprietário do Golden Gate Grand Café – Fonte: Autora (2020)

Imagem II.c.14 – Golden Gate Grand Café em 2017 – Adaptado de Revista “Essential”

Imagem II.c.15 – Esplanada do Golden Gate Grand Café em 2017 – Adaptado de “Funchal Notícias”

Imagem II.c.16 – Golden Gate Grand Café em 2018 – Adaptado de “Trip Adviser”

Imagem II.c.17 – Golden Gate Grand Café em 2017 – Adaptado de “Diário de Notícias”

Imagem II.c.18 – Cartão do Golden Gate Grand Café em 2019 – Adaptado de “Trip Adviser”

Imagem II.c.19 – Papel de mesa do Golden Gate Grand Café em 2019 – Adaptado de “Trip Adviser”

Imagem II.c.20 – Escadaria do Golden Gate Grand Café em 2017 – Adaptado do website “Golden Gate” (<http://www.goldengate.pt/>)

Imagem II.c.21 – Golden Gate Grand Café em 2017 – Adaptado do website “Golden Gate” (<http://www.goldengate.pt/>)

Imagem II.c.22 – Varanda do Golden Gate Grand Café em 2018 – Adaptado de “Funchal Daily Photo” (<https://www.funchaldailyphoto.com/>)

Imagem II.c.23 – Cozinha do Golden Gate Grand Café em 2019 – Adaptado de “Trip Adviser”

Imagem II.c.24 – Empregados de mesa do Golden Gate Grand Café em 2018 – Adaptado de “Trip Adviser”

Imagem II.c.25 – Mesa e cardápio do Golden Gate Grand Café em 2020 – Adaptado do Instagram da empresa Golden Gate

Imagem II.c.26,27,28,29 – Pratos do Golden Gate Grand Café em 2019 – Adaptado de “Trip Adviser”

Imagem III.1 - Bilhete postal- Funchal e Golden Gate entre 1897-1899- Adaptado de Mendes, José Manuel Melim (2007), *Memórias do Funchal, O Bilhete-Postal Ilustrado até à Primeira Metade do Século XX*, Funchal, Author’s Edition

Imagem III.2 –Bilhete Postal do Golden Gate Grand Café em 1940 - Adaptado do projeto “Madeira Quase Esquecida” (<https://www.facebook.com/MadeiraQuaseEsquecida/>)

Imagem III. 3– Golden Gate em 1967 Fonte: Museu de Fotografia da Madeira Atelier Vicente’s - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira

Imagem III.4 – Avenida Arriaga e Golden Gate Grand Café em 2020 durante a pandemia – Fonte: Autora

Imagem V. Anexo A- Mapa do Funchal em 1882 – Fonte: Revista Atlântico nº19, Outubro 1989

Imagem V. Anexo B- Carro Americano em 1910 – Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira

Imagem V. Anexo C- Carro de bois e Café Standard na década de 1920 - Fonte: *Arquivo Histórico da Madeira. Imagens Antigas do Funchal Urbano*, Funchal, Drac-ABM: Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira

Imagem V. Anexo D- Funchal na década de 1930 – Adaptado do projeto “Madeira Quase Esquecida” (<https://www.facebook.com/MadeiraQuaseEsquecida/>)

Imagem V. Anexo E- Entrada da Cidade e Café Kit-Kat na década de 1920 - Adaptado de Melo, Luís de Sousa e Susan E.Farrow (1983), *Impressões da Madeira Antiga*, Funchal, Pátio Livraria Inglesa

Imagem V. Anexo F- Vista aérea do Funchal, Avenida Arriaga em 2004 e 2018 respetivamente – Fonte: Câmara Municipal do Funchal

Glossário de Siglas

ABM - Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira

ACH- Associação dos Cafés com História de Portugal

BPA- Banco Português do Atlântico

DRC – Direção Regional da Cultura

EHICA- European Historic Cafés Association (Associação Europeia Dos Cafés com História)

SRTC- Secretaria Regional do Turismo e da Cultura

RAM- Região Autónoma da Madeira

INTRODUÇÃO

Apresentação do Tema

A ilha da Madeira tem uma história para contar em todas as suas pedras, um dos lugares com destaque, no centro do Funchal, é o Golden Gate Grand Café. O tema desta dissertação trata-se de uma monografia deste afamado café, uma vez que transborda história em todas as cadeiras de vime. Conhecer este fenómeno organizacional que evidenciou os modos da sociabilidade urbana pelos recursos da história e da inspiração metodológica de cunho etnográfico, aliadas ao gosto e interesse pela história da Ilha da Madeira, campo essencial a estudar uma vez que a sua cultura e sociedade vão influenciar o aparecimento e a contínua presença deste estabelecimento. A reabilitação do edificado, tem vindo a adquirir importância crescente numa ótica que é simultaneamente relacionável com a necessidade de promover, preservar e valorizar o património histórico da ilha, como pela sua incorporação no setor cultural. Acima de tudo esta investigação visa questionar as transformações do estabelecimento, desde o seu nascimento, a sua vida como hotel e personalidade de café-restaurant com esplanada até aos dias de hoje, através do estudo da sociedade e da cultura. Para preservar e divulgar a cultura da Ilha da Madeira é necessário continuar a reescrever as suas histórias.

Metodologia

Este trabalho tem por base uma pesquisa intensiva uma vez que tem como objeto de estudo um estabelecimento comercial, tem assim uma profundidade na análise e por sua vez uma pesquisa qualitativa através de entrevistas, observação e recolha de informação primária e secundária.

O primeiro passo consiste em analisar as informações secundárias para ter uma noção do que foi, e ainda é estudado na área a investigar. Serão recolhidas informações de assuntos relacionados com o crescimento e desenvolvimento da cidade do Funchal, nomeadamente os que se relacionam com o Golden Gate, e assuntos relacionados com a vida cultural e de lazer do séc. XIX ao séc. XXI, principalmente nos cafés/restaurantes da época. Desde obras, a artigos, monografias, dissertações, revistas, jornais, periódicos, fotografias, postais e websites. Toda esta informação secundária é encontrada na Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira (ABM), na Biblioteca Municipal do Funchal, na Biblioteca Nacional de Portugal, na Biblioteca do ISCTE-IUL e na Câmara Municipal do Funchal. Em suporte digital adquiri informação em websites dedicados à história da ilha como o “Arquipelagos”¹ e o “Aprender Madeira”². Em suporte áudio encontrei informação no RTPplay e na plataforma do Youtube. Fotografias, postais, gravuras, são o palco da análise do estilo de vida da cidade e dos próprios madeirenses e forasteiros, permitem nos viajar no tempo e compreender o património regional e sociocultural. São disponíveis nos arquivos da ABM, do Museu de Fotografia da Madeira - Atelier Vicente's e em arquivos pessoais. Ainda é me facilitada essa pesquisa pela disponibilização de algumas imagens no website “Postais da Madeira”³ e pela ajuda online do projeto “Madeira quase esquecida”, projeto esse que consiste na recolha e catalogação de imagens da sociedade madeirense. Todas estas imagens passaram por um processo de datação que realizei com minuciosidade devido aos pormenores que nelas apresentam. Esta última análise será feita através da comparação entre fotos de décadas distintas para entender o que mudou e quais as suas consequências. Realizei ainda um processo de coloração das fotografias a preto e branco, através do programa ‘My Heritage’, para melhor entender a vida daqueles tempos, para observar os pormenores e para enriquecer e dar vida ao Golden Gate de outrora. Estes caminhos dar-me-ão a base para a descrição dos primeiros 100 anos do Golden.

¹ <http://www.arquipelagos.pt/arquipelagos/>

² <http://aprenderamadeira.net/>

³ <https://postaisdamadeira.wordpress.com/category/x-editores/mop/>

Uma das estratégias para entender as vivências dessas ruas, e assim recolher informação primária sobre a etnografia do espaço, e as histórias pessoais no Golden Gate, é através de entrevistas a clientes do espaço. Serão estas descrições que darão a base da minha investigação a partir da segunda metade do século XX, uma vez que pretendo escrevê-la consoante os relatos reais dos acontecimentos e vivências do Golden Gate. Mas para uma melhor compreensão destas histórias, é necessário passar algum tempo a fazer trabalho de campo a nível da observação direta. No entanto esta observação deriva das minhas memórias, uma vez que durante os problemas de pandemia do país e do mundo, não foi possível fazer uma observação mais atual.

Numa conclusão deste trabalho e através de critérios de definição e valores, pretendo identificar o Golden Gate Grand Café como um Café Histórico. Para tal terei como base uma investigação de cariz qualitativo, “Cafés Históricos do Porto: Na demanda de um património ignoto” realizada em 2012 por Nuno Mendes.

Fontes e Estado da Arte

“a curiosidade do homem(...) excitada pelo espetáculo do mundo, pelo desejo de conhecer a sua estrutura actual e as revoluções passadas”

Paul Veyne, 1971

Golden Gate

Em relação ao caso de estudo, não há nenhuma obra que se dedicou única e exclusivamente ao seu estudo monográfico, apenas há obras que referenciam o Golden nas suas linhas com muito primor. Contudo, há um número significativo de referências ao Golden Gate na literatura e em memórias, entre outros textos. Um dos exemplos é a obra de Raul Brandão (1867-1930), “As ilhas desconhecidas” (2011), um livro de viagem pelos Açores e Madeira. Nesta narrativa descreve os arquipélagos atlânticos, não só retrata a beleza mas também as condições do seu ambiente e dos seus habitantes. Aquando da sua visita em 1924 às ilhas, é inspirado a narrá-las e assim publicar este livro em 1926, apesar de em sua maioria reproduzir os Açores, o último capítulo é dedicado à Madeira. É neste ponto que dedico a minha atenção, pois será importante conhecer a Madeira pelas delicadas palavras de Raul Brandão, que por sua vez irá referir os seus dias sentado no Golden Gate designando-o pela primeira vez como “esquina do mundo”.

Ferreira de Castro (1898-1974) escreve o romance “Eternidade” (1957), nesta obra narrada a história de um homem que após a morte da sua mulher, decide voltar à sua terra natal, a Madeira. A narrativa passa-se no Funchal nos anos 30 do século XX, logo o Golden Gate iria ser uma referência importante da sua obra, uma vez que esse era o café mais conhecido e requintado do Funchal. Assim Ferreira de Castro descreve os momentos de lazer da personagem principal no café, acompanhado de personagens reais e de altas patentes no Funchal naquela altura, mas também da sua estadia no Hotel Golden. Foi através das várias descrições da ilha e do Golden Gate que este livro foi muito acarinhado pelos madeirenses que por sua vez utilizaram o cognome que Ferreira de Castro, ao longo das suas descrições, acabou por definir como “uma das esquinas do Mundo”, cognome que ainda hoje é usado pelos Madeirenses.

José Marmelo e Silva (1911-1991) aquando da sua estadia na Madeira entre 1943 a 1947, é inspirado pelas vivências dos madeirenses. Assim transcreve a sua inspiração e em

1983 publica o romance “Desnudez Uivante” (2002). Este para além de descrever a ilha nessa época, capta um mundo em crise devido à guerra, mas uma crise desde económica, social e moral pois os personagens vão desde os mais puros madeirenses aos militares marcados pela guerra. Este livro torna-se relevante quando da descrição do Funchal, e como o Golden Gate era um marco de referência já nessa altura, será alvo de observação do autor contribuindo assim com pormenores do interior, quer físicos quer do ambiente em si.

Quem também dedica a sua escrita ao louvor da Madeira é Maria Lamas (1893-1983) na obra “Arquipélago da Madeira - Maravilha Atlântica” (1956). Em 1947 fica encantada com a paisagem, com as casas, com as quintas, com a vida quotidiana da ilha, dedicando-lhe assim esta obra onde descreve esses mesmos encantos, mas também o drama e a tragédia do povo madeirense. Trata-se de uma obra, publicada em 1956, onde retrata esse confronto entre a beleza e a riqueza histórica da ilha, com a vida quotidiana do povo e dos forasteiros. Será também importante para ajudar na descrição da ilha e do seu quotidiano no século XIX e principalmente nos parágrafos onde descrevera o ambiente que rodeia o Golden Gate causado pelos turistas e pelos residentes.

Uma outra escritora a imortalizar o Golden Gate foi Helena Marques (1935) na obra “Bazar Alemão”. Inspirada pelo período da Segunda Guerra Mundial publicou em 2010 esta obra onde descreve esse período na Ilha da Madeira, principalmente pelo olhar dos judeus que lá viviam na época. Descreve assim as insistentes tentativas de discriminação, pressões, chantagens, pela qual sofreu a comunidade alemã de origem hebraica na Madeira. No entanto este livro será relevante pela sua descrição da vida no século XX, e uma vez que o Golden era centro discussão política e social e foi precisamente lá que certas personagens sentaram a conversar, assim será útil na descrição do ambiente lá vivido nas épocas exatas entre 1939-1945.

José Niza, um outro autor que se inspirará no Golden Gate para o desenrolar da sua obra, ao ponto de utilizar o próprio nome do café no título “Golden Gate? Um quase diário de Guerra”(2012). Este livro trata-se das cartas do próprio autor, à sua mulher, durante a guerra de Angola (1968-1971) e fala-nos do Golden como o lugar de encontro antes de partir para a guerra.

Há ainda uma obra lançada em 2019 que usará o Golden Gate como inspiração para a sua narrativa, trata-se da obra de Laura Moniz, “Golden Gate Grand Café- O Romance da Vida de Sherlock Homes” (2019). Esta obra nasce à priori do convite de António Fournier para redigirem contos em homenagem ao Golden. Narra assim vida de Sherlock Holmes aquando do seu desaparecimento temporário e coloca-o na rota dos acontecimentos e

personagens entre 1891 e início do séc. XX com o madeirense Harry Hinton. Ainda a própria capa do livro será fundamental para a minha pesquisa, uma vez que se trata de uma ilustração, de Eduardo de Freitas, do interior, com vista para o exterior, do próprio Golden Gate Grand Café.

Por fim, grande parte da informação já escrita especificamente sobre o Golden Gate, quer no seu estatuto de hotel, quer no estatuto de café/restaurante, está descrita por inúmeros jornalistas em diversos jornais, diários, revistas e periódicos da ilha da Madeira desde o século XIX, tal como a histórias/notícias sobre a própria cidade do Funchal. Os que falam sobre o Golden Gate são o *Diário de Notícia*, *Jornal da Madeira*, *Revista Diário*, *Tribuna da Madeira*, *Notícias da Madeira*, *Revista Mais* e *Re-Nahu-Nahu*.

Há ainda a possibilidade de encontrar informação em suporte digital áudio sobre o Golden Gate, como por exemplo as reportagens da Antena 1 Madeira, disponíveis no website da RTPplay e da Agência Lusa na plataforma do YouTube. Desta última apenas há uma reportagem⁴, realizada a 14 de agosto de 2014, no qual fala do encerramento do Golden e por sua vez aborda pessoas que lamentam a situação recordando a importância daquele estabelecimento para o Funchal. As reportagens de rádio da Antena 1 foram realizadas no âmbito do programa “Hora 10” no qual relata o livro anteriormente falado, “Golden Gate Grand Café - O Romance da Vida de Sherlock Homes”⁵, mas também no programa “Páginas da Cultura”, “Sherlock Holmes, o famoso detetive britânico criado por Arthur Conan Doyle, é a personagem principal de um livro da madeirense Laura Moniz”. Estas foram realizadas em 18 de dezembro de 2019 e 31 de Outubro de 2018⁶, respetivamente. Ainda no programa “Páginas da Cultura”, a 15 de dezembro de 2017⁷, narram a história e a obra “Eternidade” do escritor Ferreira de Castro, “. O escritor Ferreira de Castro passou vários meses na Madeira no ano de 1933 e numa das suas obras baptizou o Golden Gate de "esquina do mundo". O romance, cuja ação se passa na Madeira, intitula-se ‘Eternidade’” Por fim a reportagem que mais se dedicou à história do Golden, faz parte do programa “Há que Tempos”, na edição de 22 de Novembro de 2017⁸, pela jornalista Celina Faria, “O Golden Gate, na "esquina do

⁴ Agência Luso (2014, Agosto 14). Portas fechadas do 'Golden Gate' causam surpresa na baixa do Funchal. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=m5ZbBeCrYok>

⁵ Disponível em: <https://www.rtp.pt/play/p1307/e445694/hora-10>

⁶ RTPplay Páginas da Cultura. Disponível em: <https://www.rtp.pt/play/p1133/e371453/paginas-de-cultura>

⁷ RTPplay Páginas da Cultura. Disponível em: <https://www.rtp.pt/play/p1133/e319496/paginas-de-cultura>

⁸ RTPplay Há que tempo. Disponível em: <https://www.rtp.pt/play/p2986/e317169/ha-que-tempos>

mundo" do Funchal abriu há 176 anos". Este programa trata de contar as memórias das cidades da Madeira, das suas ruas e dos seus estabelecimentos com História, é desse modo que o Golden Gate, estabelecimento com história, faz parte de uma edição. Celina relata assim em quatro minutos um resumo de toda a história e vivências do Golden Gate. Todas estas reportagens são importantes para o desenvolvimento desta dissertação, sendo esta última reportagem a mais importante uma vez que me possibilitou conhecer de ante mão o meu caso de estudo. Posso até afirmar que foi esta última reportagem que me inspirou para a realização desta dissertação, mostrando-me que há uma grande história por detrás daquelas paredes, uma vez que apenas quatro minutos não seriam suficientes para as descrever. Não é só através da escrita que se pode retirar informação, todas as ilustrações, quer pinturas ou fotografais, muitas delas em bilhetes-postais, serão uma grande referência para o desenvolvimento desta dissertação. Deste modo o livro que mais ilustrações disponibiliza sobre o Golden Gate, os seus arredores e sobre todo o Funchal em si, é a obra de José Manuel Melim Mendes, "Memórias do Funchal, O Bilhete-Postal Ilustrado até à Primeira Metade do Século XX"(2007). Este livro terá um grande peso no desenrolar desta dissertação, uma vez que irei recorrer inúmeras vezes às suas imagens para entender a vida que se desenrolavam no Golden Gate e nas ruas ao seu redor, mas também são estas imagens o testemunho e fonte de prova para a classe dos seus clientes e afirmações de acontecimentos. Há ainda a oportunidade de ver imagens do Golden Gate nas próprias redes sociais⁹ do negócio, onde partilham fotografias tiradas pela equipa ou pelos clientes e ainda no seu website profissional.¹⁰

Sociabilidades Urbanas do Funchal

Início esta parte da investigação com os livros de Rui Carita, os seus conhecimentos fizeram nascer um grande conjunto de obras, tais como *História do Funchal* (2013) e *História da Madeira* (2014-2019) dividida em cinco volumes para poder abranger e transcrever a vida madeirense desde o século XV ao século XIX. No entanto para o desenvolvimento deste trabalho apenas será utilizado o último volume, *História da Madeira século XIX-O Caminho do Liberalismo* (2019). *Histórias do Funchal* foi o seu terceiro livro sobre a Ilha da Madeira e com o intuito de atualizar a história do Funchal e reescrevê-la aos olhos do nosso século atual, pois este retrata a cidade desde o século XV até aos inícios do século XXI. Nesta obra irá

⁹ Instagram- <https://www.instagram.com/goldengate.1841/>

Facebook-

<https://www.facebook.com/pages/Golden%20Gate%20Grand%20Caf%C3%A9/154620941253050/>

¹⁰Website do Golden Gate Grand Café- <https://goldengate.pai.pt/>

explicar como o Funchal se tornou ao longo dos anos uma “porta cosmopolita e internacional da Europa para o novo Mundo” (Carita,2013: 5). Nestes livros aborda ainda o tema do turismo e como esse sempre foi uma das principais indústrias da região.

O Funchal, a sua história, os melhoramentos da cidade e a sua cultura são temas que cativam os estudantes universitários, por tal levou muitos desses a realizar as suas investigações com base na história e desenvolvimento do Funchal. Teresa Vasconcelos realizou a sua dissertação de Mestrado em História de Arte em 2005, “O Plano Ventura Terra e a Modernização da Cidade do Funchal”, na Universidade da Madeira. Cristina Perdigão também realizou, já em 2009, a sua tese de mestrado, “Formação do Centro Urbano do Funchal: Contributo das transformações Urbanísticas”, para terminar o curso de Arquitetura na Universidade da Beira Interior. Ambas abordaram o facto de o Funchal ser um organismo urbano em constante mudança. O Funchal “acompanhou as transformações urbanísticas das cidades europeias” (Perdigão,2009) através das mudanças nos edifícios e nas ruas para o desenvolvimento do centro urbano, tendo em conta os planos desde o nascer da ilha, de Ventura Terra e dos seguintes influenciados por esse. É perante estas descrições que deitarei o meu olhar para assim entender a vida urbana no centro da cidade, de como a burguesia influenciou as transformações e de como esta influenciará a vida do Golden Gate.

Para melhor entender a cidade do Funchal de hoje, é importante recorrer ao seu passado urbanístico, é neste sentido que José Gama realizou a sua tese em 2011, “Arquitetura e Turismo na Cidade do Funchal no século XX”, para terminar o mestrado em Arquitetura na FCTUC e Rui Campos Matos, também aquando da realização da sua dissertação “A Arquitetura do Turismo Terapêutico”, em 2016, como doutoramento em Arquitetura na Universidade de Lisboa. Sendo a Madeira um dos lugares turísticos de Portugal e conhecido, por tal estes estudantes decidem interligar a arquitetura e esta rede económica da região, deste modo iniciam o seu discurso nos antecedentes do turismo na Ilha e como esta influência os melhoramentos urbanísticos da cidade. É no sentido do planeamento urbano, do Plano Geral de Melhoramentos do Funchal, do Plano Geral de Urbanização do Funchal e do Plano Diretor da Cidade do Funchal explicados por José Gama, e Rui Campos Matos, que pretendo entender como estes demarcam a vida do Golden Gate por se centrar no local das transformações urbanas.

Uma boa forma de entender as sociabilidades no Funchal e dos seus residentes, é perceber as sociabilidades dos seus visitantes, assim na dissertação “A Madeira e os Alemães, 1917-1939, O discurso na imprensa madeirense” Helena Pernetá descreve as sociabilidades funchalenses e a influência dos alemães nessas. Esta dissertação realizada em 2011 foi com

destino à conclusão do mestrado de gestão Cultural na Universidade da Madeira. No caminho do liberalismo no Funchal arranca o jornalismo insular, assim os madeirenses são confrontados com o discurso público de auto e hétero-observação que dará aso a uma maior concentração de grupos de discussão, política, social e cultural. É neste desenrolar da sociabilidade no Funchal que iram influenciar a criação de grupos, clubes e academias de tertúlias que são difusores do discurso público.

Cafés Históricos

Os espaços de lazer e cultura, os cafés e restaurantes e os seus modos de dar vida às cidades e a sua história, estão descritos em poucos livros. *Os Cafés de Lisboa* de Mariana Tavares Dias, publicado em 1999 e o livro *Cafés Portugueses -Tertúlias e Tradições* de Samuel Alemão, publicado a 2017. Estes livros retratam os cafés emblemáticos das cidades de Portugal, que como o Golden foram locais de tertúlias, de discussões políticas, culturais e sociais. Referenciam vários escritores que transcreveram os seus pensamentos sobre cafés, sobre o facto desses locais não serem meros locais de apreciação da infusão, mas sim de apreciação de toda uma vida quotidiana. Descrevem com minúcia a deleitação dos homens nos cafés, e a vida da cidade influenciada por esses mesmos botequins. É neste sentido que estes livros se tornam extremamente importantes para esta dissertação pois retratam a vida dos cafés do mesmo modo que pretendo retratar e homenagear as memórias do Golden Gate.

Um livro, no qual gostaria com esta dissertação ingressar numa nova edição, é *o Rota dos cafés com história de Portugal* de Vítor Marques, publicado em 2016. Esta obra fala também da posição dos cafés nas cidades, como marcaram a sua identidade com o intuito de mostrar aos naturais e aos de fora uma rota de circuito turístico que divulga os espaços histórico-culturais. Um livro que retrata os cafés como a “alma da cidade” onde todos os dias se reinventam e recriam memórias, preservando as que já lá foram criadas. É deste modo que esta obra é importante para o desenvolvimento deste trabalho pois tem também o mesmo olhar do qual pretendo admirar o Golden, como as histórias dos cafés de Portugal continental foram. Há ainda o *50 Cafés Históricos de España y Portugal* de Fernando Franjo que, como diz no seu título, demonstra 50 emblemáticos cafés da Península Ibérica através de 300 fotografias e documentos de épocas anteriores. Explica como estes cafés podem ser museus vivos, de como narram histórias de sobrevivência, nomeia figuras conhecidas das artes como Picasso, Valle-Inclán, Fernando Pessoa, Mick Jagger ou Sara Montiel que passaram nesses cafés e de como esses lugares podem ser ainda hoje dinâmicos e multiculturais. Assim torna-

se importante para este trabalho pois demonstra a relevância deste tema, e de como este está a crescer em toda a Europa, uma vez que nos leva até à EHICA (European Historic Cafés Association)¹¹

Este tema suscitou o interesse em vários estudantes, como Nuno Mendes aquando da sua dissertação “Cafés Históricos do Porto. Na demanda de um património ignoto”, para conclusão do Mestrado em História da Arte Portuguesa em 2012 na Faculdade do Porto. Esta investigação inicia-se por uma breve introdução da história dos cafés como estabelecimentos de comércio e como estes se proliferaram pela Europa e Portugal e no qual referirá os critérios que definem e valorizam um café histórico. Deste modo esta dissertação será extremamente importante no meu estudo uma vez que pretendo investigar a história e vida de um dos cafés históricos do Funchal, logo serão relevantes os critérios para o identificar como tal, ao ponto de descrever o valor histórico, o seu valor de memória, valor artístico e cultural, estes últimos através da ambiência social do Funchal boémio. Uma outra dissertação que valoriza os cafés históricos é a “Cafés Históricos do Porto: a aventura sedentária” de Rui Duarte, realizada em 2017 na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Este inicia-se pela história do café em si mesmo para melhor entender a sua evolução até ser vendido em espaços comerciais e/ou botequins. Quem dá fama a esses espaços são também as pessoas que o frequentam, por tal aborda as sociabilidades nos anos oitocentos no Porto. Apesar desta investigação ter focado a cidade do Porto, será útil no sentido da história do café e no que toca aos hábitos sociais de oitocentos, numa comparação com os madeirenses e/ou estrangeiros.

Há ainda um estudo de uma revista que será relevante para o desenvolvimento da presente dissertação, “Organizações e contextos urbanos: os cafés e as sociabilidades”¹² escrito por Letícia Dias Fantinel e Tânia Fischer em 2012, para a *Revista Gestão e Sociedade*. Este estudo trata de caracterizar as organizações cafés como espaços privilegiados de sociabilidade urbana através de inspiração etnográfica a partir de diários de campo elaborados pela técnica de observação participante. Assim começa por descrever a história do café pelo mundo para entender a sua passagem para o contexto sociocultural, posteriormente desenvolve os conceitos de espaço para responder às relações dos indivíduos com os próprios espaços e assim chegar ao conceito de sociabilidade. Após a definição de cada conceito são já capazes de os interligar para descrever assim os cafés como espaços de sociabilidade urbana.

Há ainda artigos sobre o mesmo, como em 2010 na *Revista de Administração Mackenzie*, “A cultura da cidade e os seus espaços intermediários: os cafés e os

¹¹ Disponível em <https://www.ehica.eu/home-2/>

¹² Disponível em: <https://www.gestaoesociedade.org/gestaoesociedade/article/view/1553>

restaurantes”¹³ escrito por Ana Ipiranga. Este estuda a cidade como um lugar de tempo, memória e cultura, para tal utiliza vários autores que a inspiram na sua descrição de uma cidade como um lugar de experiências, como o Funchal o é com a ajuda dos seus cafés.

¹³ Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1678-69712010000100004&script=sci_abstract&tlng=pt

Capítulo 1 - Do café ao *habitus*

“O tempo caminha inexorável, atravessa a Natureza e os homens, deixando à memória a evocação das coisas dispersas que juntamos na construção de histórias fascinantes”

Maurício Fernandes 1996

Há uma necessidade histórica e sociológica de entender a vida quotidiana e as suas transformações, uma busca incessante pela memória dos espaços e do tempo. Tanto uma cidade como os espaços que alberga são portadores de vivências especiais, seja para a vida coletiva, seja para a vida pessoal, tornando-se assim relevantes para qualquer estudo sociológico de uma terra. Não se trata apenas de uma busca pelo passado mas também uma busca pelas memórias do presente, ou seja, “investigar a memória como um jogo em permanente construção” (Ipranga, 2010: 67).

Uma cidade tem capacidade de contar a sua história através dos seus monumentos, jardins, ruas, espaços comerciais e até através de simples prédios que se ostentam há várias décadas nas mesmas praças. Todas estas narrativas são contadas pelo silêncio das suas pedras. No entanto, entre elas ecoam as vozes de uma sociedade que vagueia entre as histórias. Essas vozes podem ser levadas pela deambulação da própria multidão, ou pelo vento que as recolhe das esplanadas dispersas no Funchal. É nestas conversações que se delineiam o futuro da cidade, se comenta o presente ou simplesmente se recorda o passado, dando assim voz à cidade e revelando os seus segredos. É neste sentido que Garrett diz que basta ouvir e observar como se comporta uma sociedade que se debruça no lazer de um café.

Café como Estabelecimento

A bebida café remota ao século IX na Etiópia na região Kaffa onde reconheceram os efeitos energizantes da planta do café. Já nos meados do século XV era visto na Arábia como planta milagrosa e foi nesse mesmo local que os grãos de café foram torrados e vertidos numa infusão pela primeira vez. O Egito e a Turquia foram os seus próximos destinos no século XVI, na sequência, no século XVII foi introduzido na Itália e na Inglaterra e por sua vez, com

a sua fama, em vários outros países da Europa como França, Alemanha, Suíça, Dinamarca e Países Baixos. Chegando assim à década de 80 do século XX como a bebida preparada mais consumida e a segunda mercadoria mais negociada do mundo. Os estabelecimentos/casas próprios para o seu consumo remota também ao século IX, em Meca. Só na década de 1550 é que aparecem os estabelecimentos com características mais idênticas aos de hoje, em Constantinopla, como “os dois primeiros salões destinados à venda e divulgação da bebida” (Dias, 1999: 14). Na Europa a viagem do café como venda ao público em lugares próprios, foi lenta e periódica, nascendo em Veneza a primeira loja em 1645. Seguiram-se Inglaterra em 1650, 1672 em Paris, na América em 1676, e em Viena em 1685. Com o passar dos anos chegamos ao século XVIII, na Itália, onde “o café como estabelecimento comercial já se encontra perfeitamente divulgado” (Mendes, 2012: 41) e assim, em meados desse mesmo século chegam os primeiros botequins a Portugal.

Uma vez que o café ainda não tinha supremacia sobre outras bebidas, os estabelecimentos denominavam-se botequins, nome que predominou até às primeiras décadas do século XX, no entanto a terminologia café já estava a tentar ganhar terreno desde o século XIX.

Uma vez que estes locais se tornam requintados, atraem clientes elitistas. Com a frequência de pessoas instruídas, estes locais, quer cafés quer restaurantes, transformam-se não só em lugares de lazer mas também lugares de “atualização e inspiração para artista, fonte de informação para jornalistas e meio privilegiado de auscultação e veiculação de ideias e ideais para políticos” (Mendes, 2012: 37). Muitos destes estabelecimentos que eram frequentados por políticos, literários, artistas e estudantes, devia-se à localização do próprio café/restaurante. Se estivessem situados nos grandes centros urbanos, podiam garantir essa frequência abastada. Elementos das elites sociais começaram a delinear as sociabilidades na cidade, influenciando a abertura de mais estabelecimentos de lazer requintados ao seu redor para satisfazer as necessidades das classes sociais e profissionais mais privilegiadas. Era necessário satisfazer o olhar dos clientes. Desse modo, a partir do século XVII, em Paris, surgem os estabelecimentos ricamente decorados e esses multiplicam-se no século XVIII, nascendo na cidade, e sob influência dos grandes *boulevards*¹⁴, “o protótipo do café oitocentista, mais amplo [...] e exuberantemente decorado” (Dias, 1999: 17).

Sendo lugares cada vez mais chamativos, atraíam mais pessoas a cada dia, principalmente os homens, pois a frequência das mulheres nesses estabelecimentos não era

¹⁴ Alameda, via urbana geralmente larga e arborizada, projetada com preocupação paisagística.

ainda bem aceite, sendo as mulheres que os frequentavam vistas como subversivas. Estes lugares começaram a ser o centro da política, dos negócios, dos jogos e da cultura, outrora feito em agremiações. Em Inglaterra começa por ser adotado por puristas, capitalistas conspiradores, já na França a elegância prevalece e torna-se uma bebida elegante dentro da aristocracia¹⁵. Mas com o passar dos anos, todos estes conteúdos se fundiram, tornando assim o café, a partir do século XVIII, o centro de toda a informação discutida e pensada.

O Iluminismo influenciava neste caminho uma vez que considera a planta do café e a sua infusão como uma ferramenta para a clareza no pensamento que tem como papel “incentivador da sabedoria, a bebida do pensamento claro, o epítome da modernidade e do progresso” (Fantinel e Fischer, 2012: 286), logo uma bebida ideal para os cientistas, filósofo, artistas, políticos e até homens de negócios. Nestas circunstâncias, quem quisesse colher ou debater informação de qualquer índole, dirigia-se aos centros das cidades, onde se localizavam os cafés/restaurantes repleto de gente instruída. Esses centros estavam recheados de comércio, negócios, era o local de residência dos mais influentes e poderosos agentes da cidade. Tinha por norma uma grande relevância viária e, como acontece no Funchal eram por vezes à beira mar, logo o local onde chegam as boas novas, chegam pessoas de todo o mundo e com elas as informações sobre os países e suas novas formas de viver, troca de conhecimentos, experiências e ideologias. Como afirma Rui Duarte (2017: 272), na segunda metade do século XIX, o café concebia modernidade e civilização a uma localidade e, aos poucos, os cafés foram-se tornando centros interclassistas, um grande areópago social, onde as classes sociais se misturavam, sem a obrigação de relação umas com as outras, as barreiras sociais caíam lentamente para assim várias as classes sociais poderem conviver lado a lado. No entanto, há cafés, que ao viverem esta era mais liberal e progressista, adotam o conceito de restauração, tornado assim a haver uma separação de classes, porque certos estabelecimentos pretendiam garantir o seu acesso exclusivo às elites, oferecendo serviços de qualidade necessariamente com custos elevados.

¹⁵ Fantinel, Letícia Dias e Tânia Fischer (2012) – “Organizações e contextos urbanos: os cafés e as sociabilidades”. In *Revista Gestão e Sociedade*, 6, 280-307 Consultado em: 02.04.2020 Disponível em: <https://www.gestaoesociedade.org/gestaoesociedade/article/view/1553>

O “espaço”

As cidades, as suas ruas, os seus estabelecimentos são espaços e suportes concretos de sociabilidade e experiências, de cultura e história. O espaço não é apenas algo físico, acarreta um componente subjetivo pois é no espaço onde acontece as ações do pensamento e as ações do corpo humano. É deste modo que Leticia Fantinel e Tânia Fischer, (2012: 288) citam Santos (1982), quando este afirma que todo o “espaço humano é um fato histórico”, ou seja, “a história não se escreve fora do espaço e não há sociedade a-espacial”. Neste sentido toda a atividade social tem uma relação com o espaço, com o “lugar”.

No sentido da real existência e da experiência vivida, Augé (2004) denomina de lugar antropológico, não necessariamente o lugar físico, mas sim as experiências vividas nele. Trata-se de um lugar identitário porque oferece um leque de possibilidades, um lugar relacional, porque é ao mesmo tempo um espaço existencial e experiencial. Um lugar pode ainda ser histórico no sentido em que são lugares de memória, ou seja, as pessoas vivem na história e na memória. Todo o espaço, assim, é um objeto de produção de significados. Para Augé, há ainda outro espaço, o não-lugar, nestes os indivíduos mantêm uma relação de uso, isto é, utilizam-nos como meios para atingir objetivos, como por exemplo os transportes, o comércio e até o lazer, são meios por onde circulam pessoas e bens. No entanto, o lugar e o não-lugar podem coexistir misturando-se para caracterizar um determinado espaço, com a consequência de que nunca se realizam totalmente. É neste sentido da coexistência que coloco o café/restaurante no espaço. Uma vez que este é um lugar de experiências e memórias, é também um lugar de passagem, de lazer e de troca de bens.

Podemos ainda afirmar que estes estabelecimentos são considerados espaços intermediários, ou seja, entre o privado, a casa, e o público, a rua. Pois trata-se de lugares aconchegantes, onde disfrutamos da prática da alimentação e ainda podemos estar à vontade com outras pessoas, quase como uma extensão do ambiente doméstico para a rua, é neste sentido que se torna intermediário, estamos na rua como se estivéssemos no nosso lar. Espaços semipúblicos, privados na sua composição solitária do pensamento, do conforto, e da possibilidade de convívio com pessoas próximas, e públicos devido à sua composição de uso e o facto de ser visível e acessível a todos. Neste contexto Letícia Fantinel, Tânia Fischer e Bernardo Lewgoy apontam a ideia de Richard Sennet (1988) de que há um isolamento público, desenvolve-se assim o direito de estar sozinho em público e não ser perturbado, estar sozinho no seu pensamento, liberdade exigida pela burguesia no séc. XIX e que perdura nos

dias de hoje. Mas perante esta ação o indivíduo torna-se também um espectador do quotidiano, e ao mesmo tempo uma personagem do mesmo, ou seja, desenvolve-se um tipo de interação, ver e ser visto.

“o expectador silencioso, sem ninguém de especial para assistir, protegido pelo seu direito de ser deixado sozinho, poderia agora também estar absolutamente perdido em seus pensamentos, em seus devaneios. As pessoas fugiam do seu parlatório familiar para o club ou para o café, à cata de sua privacidade. O silêncio, portanto, superpunha o imaginário público e privado. O silêncio tornava possível que se fosse ao mesmo tempo visível aos outros e isolado dos outros. (Sennet, 1988:269, *apud* Lewgoy, 2009, p.2)

O que separa estes espaços da rua é apenas uma barreira invisível de sociabilidade, de códigos e signos, ou seja, modos, padrões e formas de relacionamento social. Letícia Fantinel e Tânia Fischer afirmam que a modalidade básica da sociabilidade é a conversação “cujo conteúdo não é propriamente o propósito, mas, sim, o meio pelo qual o vínculo social se mantém enquanto forma” (Lewgoy, 2009: 291). Uma vez que a cidade é um espaço ocupado por objetos (no caso de estudo, os cafés), atividades e indivíduos, as suas apropriações não serão aleatórias nem “o resultado de escolhas individuais, mas o resultado de rotinas e invenções quotidianas ditadas por injunções criativas e coletivas que regulam o trabalho, o lazer e a convivência, e que deixam os seus signos no mapa da cidade” (Ipranga, 2010: 73) Cria-se assim espaços de sociabilidade, de dinâmica urbana, com base numa lógica cultural e territorial, traçando-se deste modo o quotidiano e a história, logo faz-se ciência social na cidade, e não da cidade. Por tal, para compreender uma cidade e/ou os seus espaços é preciso estudar a sociabilidade. É neste sentido que estas autoras referem Oliven (2007) aquando da sua afirmação dos botequins como espaços de integração, de sustentação do indivíduo no contexto urbano. “Os debates nos cafés moldavam e refletiam, ao mesmo tempo, a opinião pública, formando uma ponte entre o público e o privado” (Fantinel e Fischer, 2012: 286).

O Habitus

A cultura da sociabilidade baseia-se nas práticas, nos modos de vida e relacionamento, nos padrões da educação, e é neste seguimento que surge a teoria da cultura como sistema de

práticas. A esta teoria, Bourdieu (2000)¹⁶ denominou de *habitus*. Há uma relação entre passado e o presente, pois o conhecimento vem sendo construído através das práticas, a cultura constrói-se nas ações rotineiras, assim todo “o sujeito existe, se constitui culturalmente, como ser participante de uma série de atividades habituais que são tanto pressupostas como reproduzidas pelas ações individuais” (Braulio, 2006: 36). O que garante a passagem do conhecimento de geração em geração, mais concretamente as práticas diárias, é a prática corporificada. Ou seja, grande parte dessas práticas são instintivas, pré-conscientes, pois o corpo é o local de armazenamento de todos esses ensinamentos, assim o *habitus* acontece por vezes sem que o indivíduo reflita sobre as ações tomadas. A este conhecimento corporificado é denominado de conhecimento tático, aquele que não pressupõe uma lógica. É neste sentido que Braulio (2006) refere as ideias de Foley (1997) quando este afirma que o *habitus* é um guia que fornece pistas de como agir, logo não determina, por todo, as ações dos indivíduos. Nas ideias do mesmo o “nosso ser biológico é também uma construção social e cultura” (Braulio, 2006: 37), o indivíduo é assim produto da história, logo todo o ser humano em suas práticas constitui a cultura e é por ela constituído. Por sua vez os cafés/restaurantes foram “uma vertente muito importante e até revolucionária, em termos societários e de hábitos e costumes de diferenciada ordem” (Duarte, 2017: 271)

¹⁶Apud Braulio, Marisa (2006), *Léxico e Cultura: Um estudo de nomes de pratos oferecidos em restaurantes de Gramado (RS)*. Dissertação de Mestrado em Letras e Cultura Regional, Caixas do Sul, Universidade de Caixas do Sul. p.13

Capítulo 2 - Um espaço na história da cidade do Funchal

“A história é uma cidade que se visita pelo único prazer de ver assuntos humanos na sua diversidade e ao natural “

Paul Veyne 1971

Uma cidade que ansiava um café (Século XIX)

A Madeira foi uma das primeiras regiões turísticas internacionais, devido à sua localização, funcionando por vezes como escala, jardim de expedições científicas e lugar de descanso e cura para a tísica proporcionado pelo seu clima, gerando o turismo terapêutico. O turismo teve um crescimento espontâneo a partir do século XVIII obrigando assim a cidade e os seus moradores a adaptar-se à receção e à própria maneira de viver destes visitantes. No entanto, até meados do século XIX não era possível encontrar na Madeira estabelecimentos sofisticados de hospedaria e serviços para turistas. No deambular desse mesmo século, sentia-se cada vez mais uma presença estrangeira, dos quais muitos detinham vários períodos na ilha, logo era necessário desenvolver infraestruturas de apoio e lazer para estes. O aspeto de modernização da cidade deve-se principalmente à estadia de classes estrangeiras abastadas que desenvolviam o modo de vida e o comércio. É neste sentido que Perdigão (2009) afirma que “foi o setor turístico que fomentou a modernização da cidade”, uma vez que foram os estrangeiros a trazer para a ilha equipamentos modernos acompanhados dos seus quotidianos e ideais modernos.

O visitante John Driver refere, em 1834, a estranheza e necessidade urgentes de cafés na Ilha, “What seems most strange, in a city of this size, and where there are no hotels, is the want of 'cafès', generally so very numerous in all continental towns”(apud Matos, 2016). Um outro visitante, William White Cooper em 1840 volta a reforçar a ausência de cafés na Madeira. Assim, de acordo com a obra *Arquivo Histórico da Madeira: Imagens Antigas do Funchal Urbano*, aparece em Julho de 1877 o primeiro café no Funchal, o Café Central, no Hotel Central, pelos empresários Giulietti e Barros.

“Dotado com «uma excelente sala de bilhar», achava-se «preparado não só com asseio, mas com luxo» e viera «satisfazer uma necessidade pública, especialmente para os

forasteiros, que só tinham até aqui os botequins, que mais se assemelham a tabernas, e que muito depõem contra o estado do nosso comércio e civilização»” (DRAC, 2017: 30)

Mas só na década de 1890 (DRAC, 2017: 37) é que o Golden Gate abre portas para uma longa viagem de histórias, pela mão de Manoel Gomes da Silva e nas mãos da sua família perdurará até novas ordens políticas destabilizarem o seu sonho, como afirmou a sua bisneta Margarida Tomás.

Na segunda metade do século XIX, as Antilhas Britânicas foram dominadas por uma crise de mão-de-obra, causa que levará os angariadores britânicos a contratar novos contingentes humanos nas Ilhas Atlânticas. Um dos fortunados a emigrar para as Américas foi Manoel Gomes da Silva, que após anos a trabalhar fora, conseguiu reunir uma boa quantia de capitais e assim regressar à sua terra natal para concretizar um sonho. Chega à ilha com a sua riqueza e começa a comprar imóveis com o intuito de os explorar, como é o caso da Quinta Reids, várias casas nos arredores do Funchal e uma casa no centro onde nasceu, provavelmente em 1897¹⁷, o café Golden Gate e ainda o Hotel Central (anos mais tarde)¹⁸ anexo ao Golden, entre outras. Mas não trouxe consigo apenas dinheiro, mas também novas formas de pensar, novas vivências que foi adquirindo pelas novas culturas com o qual se deparou. É nesse século que os cafés estavam a ganhar vida e a dar vida às cidades, e Manoel Gomes da Silva, conhecendo o potencial da cidade do Funchal, idealiza um café no centro.

A partir de 1834, com a desamortização, o Funchal recebeu uma nova fisionomia urbana e por sua vez uma nova vida cidadina, quer no espaço edificado quer no espaço não edificado. Assim, “O coração da cidade correspondia ao espaço urbano histórico, administrativo e comercial que se erguia nas imediações da Sé (...) destinado ao convívio, palco onde a classe burguesa emergente observava e é observada” (Perdigão, 2009, p.53). É neste sentido de ver e ser visto que as classes privilegiadas, quer de origem portuguesa quer estrangeira, necessitavam de espaços de representação, e nada melhor que um café para os seus desejos.

¹⁷ Provavelmente em 1897 porque é a primeira fotografia (imagens II.a.7,8) encontrada daquele espaço com o símbolo, mas também pela falta de informação sobre o espaço nas épocas anteriores.

¹⁸ Aparece em 1877 o Café Rio no Hotel Central, logo nessa data e posteriormente já existia o Hotel, havendo fotografias dessa década. Em 1882, no livro de Ellen Taylor, um mapa que identifica dois *portuguese hotels*, estando um deles no local do Hotel Central, no entanto, na revista Atlântico nº19, referem dois hotéis na Entrada da Cidade, mas nenhum deles é o Central, mas sim o Hotel Francês e o Hotel Hollway. Devido a várias informações que se cruzam, é difícil datar com precisão o aparecimento do Hotel Central (Anexo A).



Imagem II.a.1- Hotel Central em 1870 – Adaptado de DRAC(2017), Arquivo Histórico da Madeira. Imagens Antigas do Funchal Urbano, Funchal, Drac-ABM: Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira

É escolhida, assim, uma esquina, já explorada como café¹⁹, entre as duas principais avenidas do Funchal, e a rua de entrada e saída de pessoas e bens. Assim a localização do Golden foi estrategicamente pensada nesse sentido, porque ambas as praças desempenhavam um papel fundamental na sociedade. A Praça Da Constituição²⁰ era o lugar de convívio e encontro dos madeirenses e dos forasteiros, uma vez que se concentravam ali um grande número de pessoas, foi também palco de protestos (Imagem II.b.i.36, 37) contra diretrizes do poder central. Esta, naquele tempo, era circundada por muros, que por sua vez serviam de bancos de repouso e detinha dois coretos, que animavam a praça às quintas-feiras e domingos, destinados às bandas filarmónicas quer do Funchal quer estrangeiras que vinham nos navios. Criou-se assim uma aura de sociabilidade no centro da cidade, lugar de lazer e onde se podia simplesmente estar. O mesmo se pode dizer sobre as características da Praça da Restauração (hoje Largo da Restauração), mas esta tem a particularidade de ser junto ao Palácio de São

¹⁹ Pelas informações que se cruzam este só poderá ter sido o Café Central, ou o Café Rio, que por sua vez deveriam ser o mesmo, mas pela sua localização ficou conhecido como Central.

²⁰ A avenida Arriaga, durante este século, precisamente o largo fronteiro da Sé era denominado como Passeio Público ou simplesmente Passeio. Em 1820 passa a Praça da Constituição porque a Revolução Liberal foi lá aclamada. Praça Real ou Praça D. Miguel, quando este sobe ao trono em 1834 mas torna-se uma denominação pontual, só durante esse mesmo ano, continuando depois novamente como Praça da Constituição. Em 1910 Praça da República devido à revolução de 5 de outubro, 1914 é já Rua Dr. Manuel de Arriaga e só em 1932 é abreviada para Avenida Arriaga, em homenagem ao primeiro presidente da República Portuguesa e primeiro deputado republicano pelo círculo do Funchal em 1882 e em 1911. O primeiro troço é construído até ao Jardim Municipal e concluído em 1916 e o restante, do jardim até à Rotunda do Infante em 1940.

Lourenço contendo uma das suas portas principais na altura. Era para esta praça que o Golden Gate abria as suas portas, pois era uma praça ampla e aberta, que com o passar dos anos passou a ser estacionamento de canoas (Imagem II.a.1), das carruagens, dos carros de bois, do carro americano (Anexo B) e dos automóveis. E entre o Golden e esta praça estava a Rua Portas da Saúde²¹, que devido à sua localização passou a ser a Entrada da Cidade²² a partir de 1850.



Imagem II.a.2- Entrada da Cidade entre 1878-80-último quartel do séc. XIX – Adaptado do projeto “Madeira Quase Esquecida”



Imagem II.a.3 - Entrada da Cidade e suposto Café Central entre 1896-1897 - Adaptado do projeto “Madeira Quase Esquecida”
(<https://www.facebook.com/MadeiraQuaseEsquecida/>)

²¹ Denominava-se assim porque na altura do Funchal fortificado, ali se encontrava uma das portas da fortificação, que encaminhava as pessoas para o Hospital da Misericórdia que se encontrava no fim da rua.

²² A designação de Entrada da Cidade nasce quando se constrói o primeiro cais, em 1817, motivado pela visita da princesa D. Leopoldina de Áustria, este de madeira não durará muito tempo. Assim surge um outro cais, mas desta vez em pedra em 1843, e que a partir então de 1850 é denominado como a Entrada da Cidade. Novamente este cais não dura devido às condições do mar e apenas em 1892 surge um novo cais que perdura até 1933, ano em que é aumentado. A alameda da Entrada da Cidade teve ênfase pela construção do cais de pedra de 1892, que tinha o objetivo de desembarcar os passageiros de uma forma mais prática, segura e cómoda para os mesmos, pois sem o cais o embarque e desembarque eram feitos no calhau. Assim este cais necessitava de um caminho que direcionasse os visitantes ao centro de uma forma convidativa e harmoniosa, o que motivou deste modo ao melhoramento e abertura da atual Avenida Zarco, a Alameda da Entrada da Cidade.



Imagem II.a.4- Entrada da Cidade vista do Passeio Público e suposto Café Central entre 1888-1897 – Adaptado de Melo, Luís de Sousa e Susan E.Farrow (1983), *Impressões da Madeira Antiga*, Funchal, Pátio Livraria Inglesa.



Imagem II.a.5 - Entrada da Cidade e suposto Café Central e entre 1888-1897 - Adaptado de DRAC (2017), Arquivo Histórico da Madeira. Imagens Antigas do Funchal Urbano, Funchal, DRAC-ABM: Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira

Começava-se a ver o esboço de uma cidade moderna no sentido da expansão urbana, construção de infraestruturas, equipamentos e serviços, logo uma concentração da atividade terciária. O Hospital, a Câmara Municipal, o Banco da Madeira, a Agência do Banco de Portugal, o Mercado, a Estação Central dos Bombeiros, o Teatro Funchalense entre outras casas de espetáculos, pensões e hotéis, lojas de comércio e cafés, nos finais do século XIX, que iram contribuir para a definição das imediações da Sé como o centro da cidade.

Manoel Gomes da Silva, quando adquire o Café Central transforma-o para adaptar-se à exigência e requinte dos seus clientes, não só muda a forma de servir, como muda o seu aspeto visual, para se tornar digno de ser observado por olhares críticos e para poder caminhar ao lado dos grandes cafés da Europa. Portanto, durante toda a última década do século XIX, entre 1890 a 1899, o Golden altera aos poucos a sua fisionomia para um ar cada vez mais clássico. Podemos observar isso pela junção das varandas, já existentes, no primeiro andar, e por sua vez o seu embelezamento. São abertas janelas novas e/ou ampliadas as já existentes, logo o seu aumento vai proporcionar, para além de entrada de luz, um convite aos de fora a apreciar o estabelecimento, e ao mesmo tempo proporcionar aos de dentro uma continuidade da vida lá fora. É construído um pequeno alpendre no primeiro andar para continuar a oferecer o seu requinte aos olhares dos visitantes, mas também para proporcionar mais conforto aos seus clientes. Em todas as fotos é possível ver as suas portas totalmente abertas, logo era um espaço convidativo. No entanto, em 1896 apenas havia uma porta. Logo com a sua afluência de clientes acharam necessário abrir uma segunda, no lugar de uma janela já existente, mas também a abertura progressiva de mais portas na sua lateral (hoje frontal, Avenida Arriaga), proporcionando assim uma maior circulação de pessoas. A colocação de cadeiras de vime passa a ser uma estratégia de pequena esplanada a partir dos anos seguintes, ou seja, a partir de 1897. Todas estas datas e transformações são obtidas pela análise de fotografias, desde a imagem II.a.1, a mais antiga daquele espaço (1870), às seguintes que apresentam uma transformação para café ao longo dos anos, até ao aparecimento do símbolo “Golden Gate” na década de 1890, como se comprova nas imagens II.a.7,8. Como a sua fisionomia se encontra diferente da foto de 1896 (imagem II.a.5), é entendido que este sofreu alterações entre 1896 e 1899, mas também pela comprovação de fotografias que datam já do ano seguinte, em 1897 este já se encontra diferente. “O telhado e beirado, as floreiras, o alpendre, os desenhos dos vãos e respectivas caixilharias, e mesmo a volumetria base, são tudo exemplos de referências a um reportório construtivo tradicional” (Gama, 2011, p.41)



Imagem II.a.6- Bilhete postal- Praça da Constituição entre 1887 -1888 - Fonte: "Muzeum Historii Fotografii", Adaptado do projeto "Madeira Quase Esquecida" (<https://www.facebook.com/MadeiraQuaseEsquecida/>)



Imagem II.a.7- Bilhete postal- Funchal e Golden Gate entre 1897-1899- Adaptado de Mendes, José Manuel Melim (2007), *Memórias do Funchal, O Bilhete-Postal Ilustrado até à Primeira Metade do Século XX*, Funchal, Author's Edition



Imagem II.a.8- Bilhete postal- Funchal e Golden Gate entre 1897-1899- Adaptado de Mendes, José Manuel Melim (2007), *Memórias do Funchal, O Bilhete-Postal Ilustrado até à Primeira Metade do Século XX*, Funchal, Author's Edition

A Europa oitocentista respirava, comércio, negócios e bem-estar, este último corresponde ao lazer e ao modo de vida mundana, que agora já não era apenas para a nobreza, mas para toda a classe burguesa. A frequência em cafés e restaurantes era apenas privilégio da classe burguesa, e com o crescimento da classe média, comer fora de casa já não era uma necessidade, mas sim um entretenimento, era um lugar oportuno para passar tempo com os familiares e amigos. Assim, os cafés vão-se tornando elementos centrais nas cidades, neste

sentido o Golden surge com esse mesmo propósito. As classes abastadas vinham para a Madeira para curar as suas doenças, ou simplesmente por prazer, muitos até acabavam por fixar morada na Ilha, são estas classes que vão permitir aos madeirenses um contacto com as novas formas de pensar e agir. Podemos afirmar que a busca para a cura da tísica foi um dos motores para o convívio dos madeirenses com poetas, escritores, políticos e aristocratas, sendo esses aristocratas de dinheiro e sangue, como afirmava Bulhão Pato (apud Vieira 2010)

É neste sentido que Rodrigues (2011) afirma que “O Funchal vai-se aburguesando e essa nova realidade exige o conforto e a diversão devidas. Havia que conviver, estar em sociedade, ser visto, e até o acasalamento é feito e pensado de outra maneira”, ou seja, a vida quotidiana madeirenses foi influenciada pelos estrangeiros. Perante esta nova convivência o café Golden será alvo para as suas representações pois sujeitou-se a abrir portas no centro da vida urbana, a partir desse momento constrói-se toda uma forma de conviver exigida por uma aura que circundava o café Golden.

Uma das formas de perceber que tipo de pessoas frequentava o Golden, é perceber o que havia nas redondezas do mesmo. A principal consequência é a própria rua, a Entrada da Cidade, uma vez que todo o forasteiro que chegava ao Funchal era obrigado a subir aquela rua. Sempre que desembarcavam no cais, aquele seria o único caminho que os levava ao centro do Funchal, assim o Golden viu passar pessoas desde a nobreza à pobreza. Vários cientistas, botânicos, geólogos, zoólogos, naturalistas, exploradores, médicos, professores, advogados, oficiais, engenheiros, escritores, poetas, artistas e entre outros de casas reais, todos estes de várias nacionalidades²³. Para além da grande concentração de ingleses que visitava ou garantia a sua presença na ilha durante longos períodos, os franceses e os alemães também marcaram presença nos finais do século XIX.

Outros estabelecimentos nas redondezas que garantiam uma afluência da classe burguesa naquele espaço eram, para além de espaços de serviços, espaços de lazer, como jardins e praças. Um dos espaços mais marcantes foi o Hospital da Misericórdia que se encontrava em frente ao Golden do outro lado da Praça da Constituição que abriu portas naquele espaço a 1726. Aí nasceu a Enfermaria Britânica que mais tarde deu lugar, em 1837, à Escola Médico-Cirúrgica do Funchal. Ou seja, sendo este hospital em frente ao Golden, proporcionava um afluente de médicos, cirurgiões, boticários, cientistas e estudantes, pessoas de classe alta e intelectualizados. A Sé é também dos locais de grande afluência de pessoas,

²³Vieira, Alberto (2017), “Viajantes”, Aprender Madeira (online) consultado em 25.05.2020 Disponível em <http://aprendermadeira.net/viajantes/>

neste caso de todas as classes e de várias nacionalidades, pois é a Igreja mor da Ilha e encontrava-se perto do Golden.

Se já desde finais do século XVIII havia uma “população abastada e bem-sucedida nos negócios, sedenta de divertimentos.” (Perdigão, 2009, p.38), era por tal necessário garantir esses divertimentos. Mesmo em pleno século XIX os únicos divertimentos seriam em teatros²⁴, cafés para o convívio, bailes para festas e jardins para passeios. O lazer e o entretenimento eram escassos, os visitantes ficavam assim pelos passeios de rede, excursões a cavalo, passeios de barco, recolha de espécies vegetais, bailes, música na praça da Constituição e mais tarde, em 1893, o comboio do monte e em 1896 o Carro Americano que iniciava a sua deslocação às portas do Golden Gate.

Quando não estavam disponíveis casas de espetáculo, ou simplesmente as classes mais ilustres e literatas pretendiam algo mais elitista, o Governador Civil abria os salões do Palácio de São Lourenço para se realizarem concertos e bailes. Uma vez que o Palácio se encontra em frente ao Golden, podemos concluir que as classes ilustres continuavam a frequentar a zona.

Entretanto, no século XIX a população, com o seu especial gosto por convívios e espetáculos, criou diversos clubes e/ou sociedades para o seu lazer. Temos assim os Salões Escola Lancasteriana, o Club Funchalense, a Sociedade Thalia, o Teatro Funchalense, o Teatro Aurora Dramática, o Teatro Glória Dramática, Recreio Artístico, o Grémio Literário, Sociedade de Concertos Funchalenses, o Teatro Mecânico e Cómico, havia casas particulares que abriam portas a eventos como a casa de Mr. Gorden e o Palácio do Conde Carvalhal. Muitos dos encontros dos sócios destes clubes eram no Golden Gate, como palco para as suas discussões, de onde alguns desses clubes foram mesmo lá fundados, gerando assim uma maior aura cultural e intelectual no café, que por sua vez irá influenciar o próprio funcionamento do mesmo.

Durante todo o século XIX, o único lugar capaz para agregar o convívio social interclassista e intergeracional apto para discussões políticas, culturais, religiosas, económicas e sociais, seriam então os cafés/botequins. Ganha assim tão grande relevo na sociedade que a partir da segunda metade desse século torna-se símbolo da modernização e civilização, trazendo essas mesmas qualidades à cidade. Os cafés e o seu dinamismo causado pela

²⁴ Em 1859 abre portas o Teatro Esperança, o mais importante espaço para espetáculos na cidade durante os finais do séc. XIX, pois acolhia companhias teatrais portuguesas e estrangeiras atraindo públicos de todas as nacionalidades. Só em 1886 é que abre portas o Teatro D. Maria Pia, hoje Teatro Baltazar Dias, no fim da Avenida Arriaga, o maior teatro no Funchal e por sua vez o de melhor qualidade frequentado por toda a classe mais abastada, quer da ilha, quer visitantes.

sociedade burguesa no século XIX a disfrutar deste novo tipo de lazer, causou tanto impacto nas formas de viver que até foi alvo de inspiração para pintores e escritores, pois eram lugares onde residiam a verdadeira vida das cidades e por onde passavam as novas classes ascendentes. Tornam-se lugares de diversão e convívio, de troca de informações, no caso do Golden não é apenas troca de informação, é mais um lugar de recolha de informações, pois encontrava-se junto ao cais de chegada dessas mesmas notícias, e por consequência tornava-se também um lugar apto para fazer negócios aquando da chegada à ilha. Mas quando não era ‘Dia de São Vapor’²⁵, o café tinha como clientes alguns residentes e os visitantes que prolongavam a sua estadia na ilha, sentavam-se naquelas cadeiras de vimes para estudar os seus negócios ou para disfruto lazer. No entanto, esses visitantes, quando não procuravam negócio, como dizia António Aragão (1992) “Convivem apenas entre si, alheados dos costumes e hábitos portugueses dos habitantes insulares, separados pela fronteira linguística e uma vivência cultural bem diversa”. Segundo Mendes (2012) os cafés ao longo deste século XIX até aos anos 60 do século seguinte, eram exclusivamente de cariz masculino e essa característica pode ser observada ao longo de todas a fotografias do Golden até aos anos 1930. Até esse ano apenas é visível homens sentados na esplanada e nos arredores do Golden. Esses homens eram abastados pois demonstram-no pelas roupas que vestem, pelo chapéu, pela bengala e pela postura que fala na ausência da voz e é um símbolo das suas relações sociais, mas também pela sua chegada em carruagens puxadas a cavalo, ou, para quem quisesse experienciar a cultura madeirense, os carros de bois.



Imagem II.a.9- Militar, seguido das entidades oficiais e acompanhado pelo visconde de Vale Paraíso, na avenida Gonçalves Zarco entre 1897-1904 - Fonte: Museu de Fotografia da Madeira Atelier Vicente's - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca

²⁵ Expressão usada pelos locais para identificar o dia de chegada de navios, que na altura eram de vapor. E a expressão ‘São’ como se o barco fosse um santo, pois traz a bonança e as oportunidades, para os mais pobres era sinal de bom comer na mesa e para os mais ricos era sinal de negócio.



Imagem II.a.10- Entrada da cidade e Golden Gate entre 1897-1905- Fonte: Museu de Fotografia da Madeira Atelier Vicente's - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira



Imagem II.a.11- Entrada da cidade e Golden Gate entre 1897-1905- Fonte: Museu de Fotografia da Madeira Atelier Vicente's - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira - Colorizada pela Autora

E com o passar do final do século XIX, é mostrado a continuação das melhorias do estabelecimento, no seu requinte e afluência de pessoas na sua esplanada, como retrará esta fotografia do álbum de Joaquim Augusto Sousa²⁶ entre 1897 e 1905.

Nestas fotografias, se prestarmos atenção, é possível ver uma via férrea destinada ao carro americano. Este carro circulava sobre carris puxado por três cavalos, levava as pessoas do cais à estação de partida do funicular e encerrou em 1905 devido a um acidente. Os carris em frente ao Golden Gate lembram-nos que dali eram transportados para a estação do comboio do Monte várias pessoas, atraindo a curiosidade dos populares. (Anexo B)

É ainda bem visível nestas fotografias a presença de postos de luz. Os primeiros candeeiros foram os de azeite e foram colocados em 1821 com o objetivo de iluminação pública, mas apenas nas atuais ruas 31 de Janeiro, 5 de Outubro e na Praça da República. Mais uma vez a localização do Golden era um sítio privilegiado pois foi o primeiro lugar a ter luz artificial. Em 1849 já havia 70 candeeiros, no entanto muitos eram de propriedade privada inglesa (Perdigão, 2009: 90), mais uma vez, os visitantes é que marcam a modernidade na cidade. Só em 1866 é que são substituídos por candeeiros a petróleo e em 1897 chega a luz elétrica à ilha. Estas já tinham capacidade de abranger mais espaços, tais como a Praça da Constituição, Praça da Restauração, Jardim Municipal, Praça Académica, Rua Aljube e Campo da Barca. Nesse tempo é possível ver os espaços habitados pelos quotidianos das pessoas no Funchal, daí a colocação de luz nesses espaços predominantes. Mas há estabelecimentos que também tiveram esse privilégio devido às suas condições de espaços eleitos pela sociedade como lugares de lazer, os únicos espaços no centro foram o Golden Gate e o Hotel do Carmo. A necessidade e a escolha do Golden Gate como espaço predileto para colocação de luz elétrica, prova que este constituiu um dos lugares mais importantes do centro do Funchal.

²⁶ Disponível online - https://issuu.com/arquivo-biblioteca-madeira/docs/dossierdivulga_o_jas_nov2019

O desenrolar de um lugar de memórias (Século XX)

O primor do Golden Gate

(...) o porto comanda a vida do burgo. A cidade vive de olhos postos nele e na linha do horizonte. Qualquer movimento que a retina alcançasse gerava, de imediato, um burburinho desusado nas ruas e no calhau. Em pouco tempo, as ruas da cidade ganhavam outra animação, com a chegada dos forasteiros e os residentes em permanente rodopio.

Alberto Vieira, 2017

No início do século XX continuava a marcar presença as características do séc. XIX, quer no Funchal, quer nas próprias pessoas. Todo o centro do Funchal continuava a vibrar com a chegada e partida dos forasteiros. O Golden mantendo firme o seu espaço, continua a fixar na sua história a passagem de várias pessoas de renome, umas apenas passam pelas suas fachadas mas outros transpassam pela porta. De casas reais passaram no Funchal D. Carlos I de Portugal e a sua mulher Rainha Dona Maria Amélia de Orleães (1901), Alberto I da Bélgica (1909), Carlos de Habsburgo Imperador da Áustria (1921), Marash de Barodá Soberano Indiano (1932) e um ex-rei da Albânia Wilhelm Prinz zu Wied (1932), Rei da Bulgária Ferdinando I (1936), o General Óscar Carmona (1938), chefe do Estado Português na altura. A ilha marcando a diferença com a sua hospitalidade, uma referência histórica, muitas destas chegadas eram recebidas pelas autoridades do arquipélago que preparavam receções através do embelezamento da Entrada da Cidade, logo as paredes do Golden viram passar estes abastados. E muitos madeirenses marcavam a sua presença no Golden como lugar de primeira fila para os ver passar.



Imagem II.b.i.1- Ocasião da visita dos reis de Portugal à Ilha da Madeira entre os dias 22 e 25 junho de 1901 - Fonte: Museu de Fotografia da Madeira Atelier Vicente's - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira



Imagem II.b.i.2, 3 - Visita do Presidente da República, General Carmona, ao Funchal a 13 de Julho de 1938 - Adaptado de Mendes, José Manuel Melim (2007), *Memórias do Funchal, O Bilhete-Postal Ilustrado até à Primeira Metade do Século XX*, Funchal, Author's

As pessoas que mais transpunham as portas do Golden, mas sem certeza, parecem ser os cientistas alemães, americanos, belgas, dinamarqueses, franceses, ingleses e noruegueses, e ainda escritores famosos como Bernard Shaw (1924), John dos Passos (1905,1921,1960), Raul Brandão (1925) e Ferreira de Castro (1932, 1933,1939, 1959 e 1967) estes dois últimos podemos afirmar a sua presença no Golden, pois essas cadeiras de vime proporcionaram-lhes tempo e inspiração para as suas obras.

O Largo da Restauração, na sua amplitude em frente às portas do Golden, foi mais uma vez palco das novidades do mundo, é neste espaço que Harvey Foster é fotografado mais a sua mulher, em 1904, no primeiro automóvel a chegar e a percorrer a Ilha da Madeira

(imagem II.a.10) Esta foto torna-se importante para esta investigação porque o seu pano de fundo é precisamente o Golden Gate, criando assim oportunidade de analisar o café e a sua evolução. Para além de ser a última fotografia encontrada do Golden com aquela arquitetura, é também perante esta que determino a datação do símbolo do Golden Gate. A imagem II.a.10 é datada pela ABM entre 1897 e 1905, por tal o símbolo deve ter sido alterado entre essas datas uma vez que há certezas da data da imagem II.b.i.4, 1904, onde já se encontra retangular.

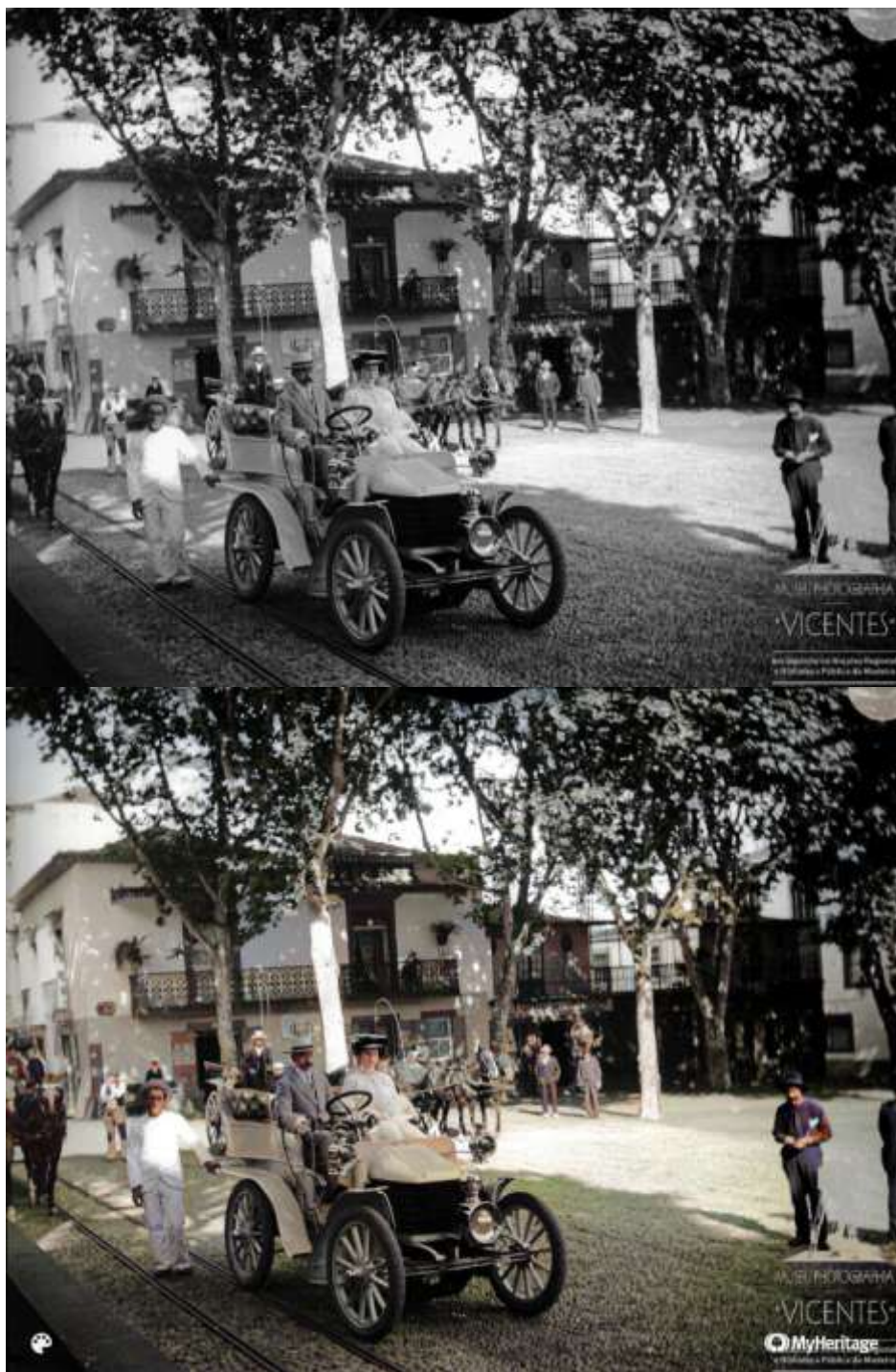


Imagem II.b.i.4, 5 - Harvey Foster e esposa no seu automóvel na praça da Constituição da Constituição em 1904- Fonte: Museu de Fotografia da Madeira Atelier Vicente's - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira- Colorizada pela Autora

No século XX, o estilo de vida urbana, moderno e cosmopolita do século XIX perdura, e as classes altas tomam conta deste espaço de lazer. Frequentar um café no século XX simbolizava o estilo de vida das classes mais abastadas, era como um emblema de distinção das identidades sociais.

A pressão demográfica não equilibrada na cidade trará problemas, tudo devido à falta de infraestruturas e ainda uma maior mistura de classes sociais, que não era bem visto na época. Acarreta assim um desequilíbrio à cidade e as classes mais abastadas sentem a necessidade de manter o *status quo*. Irão mantê-lo através dos seus círculos familiares e de amigos, dos seus grupos que dispõem da arte da conversação e dos códigos de conduta e assim garantir a presença nos cafés, no Golden como espaço elitista e de sofisticação. É também desta forma que se cria mais uma barreira de exclusão entre as classes mais altas e as mais baixas. Os lugares de lazer das classes burguesas são os cafés, bares e restaurantes que serviam também como casa de colóquios “onde se discutiam assuntos sociais e políticos e onde apareciam as novidades do dia” (Caldeira, 1964, p.20). Esses locais no centro do Funchal que faziam concorrência com o Golden Gate Grand Café são a Casa Havanesa, A Brasileira, o Café Suíço, o Monte Estoril, o Standard²⁷, o Café Mónaco e mais tarde o Majestic, o Kit-Kat e o Apolo nos anos 40. Todos estes situados entre a Praça da Rainha, a Entrada da Cidade e a Praça da República, logo, imediações do Golden, e ainda o Jardim Municipal, os teatros, as casas de espetáculo, os cinemas²⁸ mas também clubes ligados às artes e outros ao desporto, eram lugares de lazer e lugar de representação da burguesia.

O café/restaurante foi considerado o veículo da nova sociabilidade, foi o meio das transformações de vida urbana do século XIX para o século XX, tão grande impacto na sociedade que o século XX francês recebe a denominação de “civilização dos cafés” por Phillipe Ariés (1981). Sendo a Madeira uma adepta das mudanças na Europa, pois recebia em sua casa todos esses europeus, aos poucos sente essa civilização dos cafés a se manifestar no Funchal, principalmente no Golden Gate. De modo que já na primeira década do século XX, sofre uma grande transformação tanto na sua função como na sua arquitetura, onde é perceptível que não só modificam o edifício em si mas também aumenta interligando-se ao Hotel Central (lado direito) pois já o era explorado pela família. Nesta nova fase o Golden passa a ser a sociedade, *J.C. D’Aguiar & C’*, continua na família pela mão de Manoel Gomes da Silva mas é partilhado com mais alguns sócios.

²⁷ Este Restaurante situava-se em frente ao Golden, junto do antigo Hospital da Misericórdia (Anexo C)

²⁸ Aparece na ilha em termos comerciais em 1905



Imagem II.b.i.6 – Golden Gate entre 1909-1912 -Adaptado de Mendes, José Manuel Melim (2007), Memórias do Funchal, O Bilhete-Postal Ilustrado até à Primeira Metade do Século XX, Funchal, Author's Edition

O Golden Gate, para acompanhar as exigências e tendências da modernidade na Europa, remodelou o seu aspeto, para se tornar apto à classificação dos cafés das sociedades modernas e requintadas, mas também para aprimorar a hospedaria. Aumentou a sua esplanada até ao Hotel Central e passa também a ser lugar de comércio de vinho, a sociedade passa nesse momento a ser negociante e exportador de vinhos, é assim colocado uma inscrição por cima da porta a salientar esse fator “J.C. D’Aguiar & C’ Madeira Wine Exporters”, logo nas suas amplas vitrines serão expostos esses vinhos. A sua esquina, o seu acento naquele chão, continua a marcar o Funchal, mas o seu aspeto já não é o de uma mera casa de argamassa.



Imagem II.b.i.7 – Pormenor da entrada do Golden Gate onde se pode ler o nome da sociedade J.C. D’Aguiar & C’, entre 1928-1931 - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira

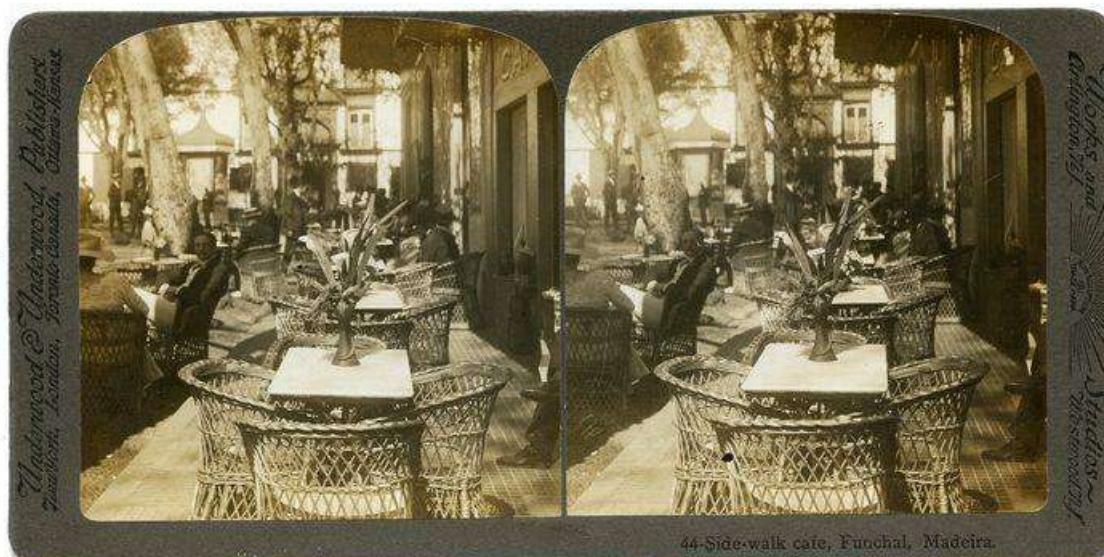


Imagem II.b.i.8 – Esplanada do Golden Gate entre 1914-1920 - Adaptado do projeto “Madeira Quase Esquecida” (<https://www.facebook.com/MadeiraQuaseEsquecida/>)

A sua nova arquitetura, *arts and crafts*²⁹, movimento estético e social inglês (mais uma vez é visível aqui a influência inglesa na ilha), simplicidade nas suas linhas mas demonstra grandiosidade e poder, requinte e carácter no seu todo, atraindo uma freguesia elegante e influente. Mantêm o seu traço de portas abertas ao longo de todo o prédio, sendo que uma dessas passou literalmente para a esquina do prédio. Esse fator, sendo uma das características da arquitetura dos primeiros anos do século XX, ajuda a pontoar a importância do estabelecimento na cidade, a criar valor urbano, a enobrecer o átrio da entrada no café e por sua vez a marcá-la como entrada principal. O prolongamento da varanda, de uma fachada para a outra, simboliza a continuidade do espaço de dentro para fora, a varanda funciona como um espaço de *belvedere*³⁰ de comunicação com o resto da praça e o design e material de ferro remete para o luxo. Em relação à sua fachada do andar térreo é influência portuguesa devido à escolha da utilização dos azulejos. O primeiro andar continua a ser a sala de restauração do Grande Hotel Central, que com estas remodelações ficou interligado no seu interior, como é visível pela imagem II.b.i.9 que é tirada a partir do antigo hotel original, tendo à sua esquerda a porta principal do Hotel e a escadaria que leva à sala de refeições, que fica por sua vez por cima do café.

²⁹ Estilo de arquitetura dos finais do século XIX e inícios do século XX.

³⁰ Miradouro ou pequena construção isolada com vista panorâmica.



Imagem II.b.i.9 – Escadaria do interior do Golden Gate entre 1909 e 1948 – Fonte: José de Sainz-Trueba - Museu de Fotografia da Madeira Atelier Vicente's - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira – Colorizada pela Autora

Em relação há datação da sua remodelação, foi percebida que deverá ter acontecido entre, 1909 e 1912. De 1904 temos a última fotografia do Golden Gate, e só em 1912 aparecem novamente fotografias do estabelecimento. No entanto, este já não tem a mesma traça que o anterior. Esta transformação aconteceu entre essas datas, uma vez que em 1909 demoliram a edificação setecentista³¹, e terminou as obras do novo prédio entre 1909 e 1910 pois o hotel passou a ser denominado de “Grande Hotel Central”, e ainda devido à fotografia que foi datada por um postal com o carimbo de “1912”



No “Roteiro e Guia do Funchal” dos irmãos Trigo o Hotel Central é

Imagem II.b.i.10 – Bilhete-Postal do Golden Gate em 1912 - Adaptado do projeto “Madeira Quase Esquecida” (<https://www.facebook.com/MadeiraQuaseEsquecida/>)

³¹ DRAC (2017), *Arquivo Histórico da Madeira. Imagens Antigas do Funchal Urbano*, Funchal, Drac-ABM: Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira.

denominado de Grande Hotel Central, logo, é pressuposto que o adjetivo ‘grande’ é acrescentado porque este sofreu obras para a sua ampliação que começou em 1909.

Grande Hotel Central – Hotel de 1.^a ordem, situado na Entrada da Cidade, n.º 3 a 5, dispondo de excellentes accommodações para 56 hospedes. Não possui jardim mas tem uma magnifica e espaçosa varanda sobre a avenida da Entrada da Cidade onde, na estação de verão, são servidos refrescos e refeições aos seus hospedes. Dispõe de todos os confortos e commodidades que podem exigir-se n’um bom hotel, tornando-se extremamente comodo para as pessoas que teem negocios a tratar na cidade ou nas proximidades do porto. Tem como annexos diversos estabelecimentos onde os hospedes e o publico podem recrear-se e adquirir pequenas lembranças da Madeira, como o Madeira Bazar, Bazar Brasileiro e Café do Rio.

O serviço de meza é de primeira ordem. Os preços de hospedagem variam entre 1\$500 e 3\$500 réis por dia, incluindo quarto e pensão, dependendo do tamanho e situação dos quartos ocupados.

As refeições teem o seguinte horario: para nacionaes- almoço das 10 ás 12 da manhã e jantar das 5 ás 8 da tarde; para estrangeiros- almoço ás 8, lunch á 1 e jantar das 5 ás 8 da tarde. (Trigo, 1910: 27)

Nesta pequena descrição conseguimos perceber inúmeras características do hotel, mas também dos costumes da sociedade no início do século XX. A primeira referência é logo a passagem da classificação de 2.^a ordem onde detinha 15 quartos, para 1.^a ordem, com 56 quartos estando assim no mesmo patamar que o Reids. Faz a referência às pessoas de negócios, devido à localização do hotel ser na entrada da cidade, logo o Café Golden poderá ter servido de palco dessas negociações, mas também o Café do Rio (nas portas 3º e 5º, as mesmas do Hotel Central) que referenciam. Curioso e estranho o facto de referirem esse, e não referirem o afamado Golden Gate, que estava parede com parede com o Hotel. Já os restantes anexos são identificáveis, o Madeira Bazar ficava em frente do Golden, entre esse e o Largo da Restauração imagem II.b.i.11 e o Bazar Brasileiro na lateral do hotel, já na rua das Murças (imagem II.b.i.12).

As referências que ajudam a datar o início do Golden como Hotel, ou seja, da



Imagem II.b.i.11 – Madeira Bazar entre 1915-1940 - Adaptado de Mendes, José Manuel Melim (2007), Memórias do Funchal, O Bilhete-Postal Ilustrado até à Primeira Metade do Século XX, Funchal, Author's Edition

alteração do nome de ‘Grande Hotel Central, para ‘Hotel Golden Gate’, são pela identificação das reuniões do grupo do Centenário, a partir de 1916 nesse espaço, e ainda é encontrado na obra de Abel Caldeira, “O Funchal no primeiro quartel do século XX 1900-1925”, quando este refere as hospedarias que existiam no centro do Funchal no período entre 1900 e 1925. Essas são assim o Hotel Golden Gate, o Hotel Bela vista, o Hotel Continental, o Hotel Europa, o Hotel Funchal, o Hotel Mondariz, o Hotel Universal, o Reid’s Carmo Hotel e a Pensão Phoenix. Em 1925 os 12 hotéis no Funchal não alojariam mais de 800 pessoas, e entre as duas guerras mundiais houve um aumento exponencial do tráfego marítimo logo havia hotéis preocupados com a sua expansão, trabalharam assim para isso o hotel ‘Bella Vista’, o ‘Reid’s’, o ‘Savoy’, e o ‘Golden Gate’.³²



Imagem II.b.i.12- Hotel Golden Gate em 1920- Adaptado de Mendes, José Manuel Melim (2007), *Memórias do Funchal, O Bilhete-Postal Ilustrado até à Primeira Metade do Século XX*, Funchal, Author's Edition

Na imagem II.b.i.12 é ainda possível visualizar que a porta de entrada do Hotel, que oferece cadeiras de vime para repouso dos clientes, está entre um Barbeiro (lado esquerdo) e uma loja de bordados e *souvenirs* (lado direito). Em relação ao Café Rio, este deve ter desaparecido quando o hotel recebeu o seu novo nome pois estava associado ao café Golden Gate. Podemos perceber pelo excerto que o hotel recebia pessoas quer nacionais quer

³² Secretaria Regional do Turismo e da Cultura (1985), *A Madeira e o Turismo Pequeno Esboço Histórico*. Funchal, DRAC- Direção Regional dos Assuntos Culturais.

estrangeiras e que para tal tinham o cuidado de adaptar os seus serviços aos hábitos culturais dos mesmos, neste caso o horário das refeições. O serviço de mesa é também referenciado como de primeira categoria. Pois por um lado, havia o cuidado com os horários, e do qual detinham de um sino para chamar os clientes às suas refeições, e por outro o seu serviço e utensílios, quer no hotel, quer no café: os talheres, os tabuleiros, os conjuntos de café, chá e as terrinas em Cristofle, a loiça de Vista Alegre e os copos de cristal Baccarat.



Imagem II.b.i.13 – Utensílios do café e do Hotel Golden Gate no século XX – Fonte: Margarida Tomás.



Imagem II.b.i.14 – Utensílios do café e do Hotel Golden Gate no século XX – Fonte: Margarida Tomás.



Imagem II.b.i.15 – Sino para chamar os clientes do Hotel Golden Gate para as refeições – Fonte: Margarida Tomás

Estes utensílios e o seu próprio material, são uma das características que fizeram o Golden Gate receber o atributo *Grand Café*. A qualidade do serviço, a atenção dos empregados, a decoração do espaço, dos talheres à toalha de mesa, todas estas especificidades dão carácter ao café, requinte e a classe exigida pelo título *Grand Café*. É nos demonstrado que essa designação foi possivelmente dada nos anos 30 do séc. XX pelo que indicam as fotos. A partir de 1930-1931, o Golden, nos seus dois pisos, dispõe de toldos e esses apresentam já descrito “Grand Café Golden Gate Restaurant”



Imagem II.b.i.16, 17 – Entrada da cidade e Golden Gate em 1935 - Adaptado do projeto “Madeira Quase Esquecida” (<https://www.facebook.com/MadeiraQuaseEsquecida/>) - Colorizada pela Autora

Percebemos que a partir desse momento o restaurante do hotel passa a ser acessível aos clientes do café, como o café passa a integrar cada vez mais como um suplemento do hotel. É visível também o anúncio da sala de restauração para aqueles que são de fora, ou seja, para os que não são clientes do hotel, pois em cima da porta principal do café anunciam “Tea Room”, e na lateral da Praça da Constituição o letreiro “Club Restauração” (imagem II.b.i.18). Este devido à sua fama é alvo de gravuras e pinturas representados em bilhetes postais.



Imagem II.b.i.18 - Bilhete-Postal do Golden Gate na década de 1930 – Adaptado de “Coleção Madeira música” (<https://coleccionmadeiramusica.madeira.gov.pt/>)



Imagem II.b.i.19 -Bilhete-Postal do Golden Gate e da Sé do Funchal na década de 1930- Adaptado de Mendes, José Manuel Melim (2007), Memórias do Funchal, O Bilhete-Postal Ilustrado até à Primeira Metade do Século XX, Funchal, Author's Edition



Imagem II.b.i.20 -Bilhete-Postal da Entrada da cidade e do Golden Gate em 1912 - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira

Não foi apenas o Golden a sofrer alterações, a cidade em si também se transformou. A Praça da República, outrora mais reservada, com os seus muros a limitar o passeio, e as suas árvores a criar a sensação de algo mais escurecido e fechado, em 1913 receberá uma transformação de abertura, possibilitando a passagem de carros, amplitude e luz aos pedestres, que perdura até aos dias de hoje.



Imagem II.b.i.21 – Golden Gate entre 1928-1931- Fonte: Museu de Fotografia da Madeira Atelier Vicente's - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira



Imagem II.b.i.22 – Golden Gate entre 1928-1931- Fonte: Museu de Fotografia da Madeira Atelier Vicente's - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira – Colorizada pela Autora

O Funchal estava estagnado numa feição de burgo medieval, mas tal nunca impediu a sua cidade de ser um centro cosmopolita devido às trocas comerciais e ao turismo terapêutico. No entanto, com a afluência de pessoas, era necessário melhorar a sua urbe. Assim só no início do século XX se deram os melhoramentos urbanos. As primeiras décadas foram marcadas pelas grandes transformações urbanas, sendo que a primeira intervenção teve lugar nos anos 1913 a 1915, o conhecido Plano Geral de Melhoramentos do Funchal de Ventura Terra. No entanto, no início do século já se começavam a abrir nova vias de acesso ao centro, como o alinhamento e alargamento de outras. O plano de Ventura veio trazer a modernidade à cidade, com a influência do urbanismo francês da época, o Funchal adquire medidas curativas, como praças, parques, alargamento de ruas, os *boulevards* que consistiam em duas faixas de rodagem com uma placa central arborizada e reservada a peões e uma melhor relação entre cidade e mar, traça-se assim os primeiros passos do Funchal dos nossos dias. Destarte “a renovação do meio urbano funchalense permitiria a sua conversão num importante centro de cultura, investimentos e viagens, e que ganharia uma imagem de salubridade, que faria crer, verdadeiramente, nas capacidades de cura deste ambiente.” (Gama, 2011, p.29) (Anexo D).



Imagem II.b.i.23, 24 – Sé do Funchal, Hospital da Misericórdia e Golden Gate em 1925 -Fonte: Museu de Fotografia da Madeira Atelier Vicente's - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira- Colorizada pela Autora



A Praça da República, hoje Avenida Arriaga, e da qual a sua morfologia urbana perdura nos nossos dias, advém dos melhoramentos de Ventura Terra. Este pretendia alinhar a Entrada da Cidade com esta praça para criar a sensação acolhedora e hospitaleira da ilha, fazer os visitantes sentirem que ao percorrer a Entrada da Cidade, hoje Avenida Zarco estariam a entrar para o coração da Cidade. Por sua vez criou os passeios centrais e laterais, todos eles arborizados, usando assim o estilo *boulevard*, prevendo também o futuro viário naquela zona que dará mais movimento ao café.

No entanto o Plano de Melhoramentos não satisfazia todas as necessidades de uma verdadeira urbe, pois não bastava uma reestruturação viária e sanitária, deste modo desenvolveram os Planos Gerais de Urbanização que entreviram na distribuição correta das funções urbanas através da construção ou reformulação de espaços, edifícios e equipamentos. A partir dos anos 1920 nota-se uma crescente agregação da terciarização no centro urbano motivada pela progressiva instalação de serviços e comércio nas áreas mais centrais. Este fenómeno contribuiu para o surgimento dos Planos de Urbanização, do qual aconteceram dois

no Funchal, um entre 1931 e 1933 pelo arquiteto Carlos Chambers Ramos e o segundo em 1959 pela parceria do engenheiro Jorge de Carvalho Mesquita e o arquiteto urbanista João Guilherme Faria da Costa. Mas já em 1928 a Câmara Municipal do Funchal, permite à empresa de João Carlos Aguiar & C^a, proprietária do Golden Gate, ocupar metade do passeio da Avenida Gonçalves Zarco para a sua esplanada. O embelezamento urbano, a salubridade, o lazer da população, a receção dos turistas e uma eficaz rede de transportes e comunicação, são elementos tidos sempre em conta durante os melhoramentos da cidade, e para tal há por vezes que sacrificar edifícios para introduzir esses elementos e um melhor acesso ao centro. É neste sentido que entre 1936-1937, parte do Hospital da Misericórdia, que passou a ser a Junta Geral do Distrito do Funchal, é destruído para dar lugar à Avenida Gonçalves Zarco, com a finalidade de melhorar a circulação na cidade.

Todas estas transformações no Funchal vão contribuir para o desenvolvimento do próprio Golden Gate, pois o seu acesso fica mais facilitado, quer a pé quer de carro, ou ainda pelos estrangeiros que andavam nos carros de bois, já o carro americano desaparece em 1915 influenciado também por estas remodelações. Com o advento do automóvel, o Golden começa a receber mais pessoas, e a sua localização possibilita àqueles com mais posses, a possibilidade de estacionar o seu carro em frente ao próprio café, ou aqueles que chegam, alugar um carro nesta praça da Restauração.



Imagem II.b.i.25 – Praça da Constituição entre 1936-1939 - Fonte: Museu de Fotografia da Madeira Atelier Vicente's - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira



Imagem II.b.i.26 – Golden Gate Grand Café e carro de bois entre 1934-1936
Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira

Imagem II.b.i.27, 28 – Entrada da cidade e Golden Gate em 1934 -Fonte: Museu de Fotografia da Madeira Atelier Vicente's - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira – Colorizada pela Autora





Imagem II.b.i.29, 30 – Entrada da cidade e Golden Gate entre 1934-1936 -Fonte: Museu de Fotografia da Madeira
Atelier Vicente's - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira – Colorizada pela Autora.

Nas imagens II.b.i.27, 28, 29, 30 há quase que uma barreira invisível que separa as classes sociais. Do lado esquerdo, na esplanada do Golden, são visíveis homens sentados em cadeiras de vime, a disfrutar do lazer de uma esplanada, e homens em pé a discutir possivelmente algo com maior valor cultural e intelectual, pois “a acessibilidade às rodas sociais processava-se em circuitos fechados e a leitura era apenas uma prerrogativa das classes sociais médias e altas” (Perneta, 2011: 11). Já do lado direito, podemos ver pessoas do povo, esses possivelmente analfabetos e alheados da realidade cultural, pois em 1900 ainda 90% dos madeirenses eram analfabetos, que não têm estatuto para frequentar o Café Golden. Alguns destes ganhavam a vida como choferes, pois nessa altura no Largo de Restauração estacionavam os carros de aluguer, ou como engraxador de sapatos naquele espaço³³. Vemos o contraste entre as roupas vestidas ou até pelo casaco pendurado em uma árvore, pela postura, pela idade e até pelo lugar onde descansam, uns em cadeiras e outros no chão.

O Café é uma das feições mais características de uma terra. O viajante experimentado e fino chega a qualquer parte, entra no Café, observa-o, examina-o, estuda-o, e tem conhecido o país em que está. O seu governo, as suas leis, os seus costumes, a sua religião. Levem-me de olhos tapados onde quiserem. Não me desvendem senão no Café, e prometo-lhes que em menos de dez minutos lhes digo a terra em que estou, se for país subllunar.

Almeida Garrett 1846

Agora o Golden torna-se cada vez mais um lugar restrito às classes privilegiadas, pois perante as regras sociológicas e o bom senso, a própria classe baixa não se sentiria apta a frequentar o Golden. Sob uma mentalidade burguesa, secular e personalista o Golden guardava as suas cadeiras de vimes para aqueles dotados da arte do discurso. “Se pode ficar sentado durante horas, a discutir, escrever, jogar às cartas, receber correio e, sobretudo, folhear um número ilimitado de jornais e de revistas” (Goethe apud Mariana Dias 1999), o café Golden proporcionava esse prazer aos seus clientes. Como Goethe e Garrett afirmavam, o café era o lugar do discurso, logo da troca de informação. Estando o Golden Gate posicionado na Entrada da Cidade, continuava a dispor primeiramente das notícias que chegavam de fora e das notícias da própria cidade, por se encontrar no coração da mesma. É neste sentido que Garrett diz que basta se sentar nos cafés para conhecer a cidade, “o seu governo, as suas leis, os seus costumes, a sua religião”, e o Golden Gate satisfazia essa viagem pela cultura da cidade, pois todos aqueles que a conheciam debatiam-na naquele

³³ Fátima Marques, possui uma fotografia de seu pai, nos anos 40, sentado no Golden Gate a engraxar os sapatos.

espaço, e toda a vida de cada cidadão era nas redondezas tratada. Mas ainda o Café Rio, o Café Monaco, o Restaurante Central e o Café Kit Kat dominavam também os assuntos da cidade e em dias de barco acolhiam o movimento cosmopolita por estarem também posicionados na Entrada da Cidade.

Neste núcleo do Funchal imperava vários grupos de natureza cultural mais elevada, consequência das atividades económicas, como por exemplo as aglomerações de comerciantes no Café Kit Kat uma vez que durante a década de 20 e 30, no seu primeiro andar funcionava a Associação Comercial do Funchal. Esse café era um grande concorrente do Golden nessa altura, pois estava na mesma rua, a Avenida Zarco e tinha o privilégio de ser o primeiro café aos olhos de viajantes, visto que se encontrava à saída do cais, no início da Entrada da Cidade (Anexo E). Este café estava ao mesmo patamar do Golden, dado que os seus clientes eram do mesmo estatuto social, e o seu serviço era igualmente de requinte e qualidade, oferecendo também o conforto das cadeiras de vime. Com a passagem da Associação Comercial para a Avenida Arriaga na década de 30, “época em que a cidade sobe” (Carita, 2020), e por sua vez com a inauguração da estátua de Gonçalves Zarco, o centro nevrálgico de toda a vida da Madeira passa da Avenida do Mar para a Avenida Arriaga. “A colocação da bela estátua de Gonçalves Zarco na principal avenida e no centro do Funchal, vira indubitavelmente por uma nota artística na nossa cidade, presentemente desprovida de monumentos”³⁴ mas também o símbolo do progresso no Funchal, já que a imagem de Zarco simbolizava o eco popular, revolucionário e institucional, pois foi colocada em homenagem aos portugueses, especialmente aos madeirenses, com o intuito de preservar a memória da origem da vida Madeirense. Esta foi assim apresentada aos olhos de todos a 28 de maio de 1934, com uma faustosa inauguração, onde muitas das pessoas tiveram lugar e vista privilegiado nas varandas e no terraço do Golden.

³⁴ Sem autor(1934), “A estatua do Descobridor da Madeira e o prolongamento da Avenida Goncalves Zarco” in *Diário de Notícias* (18-02-1934), p.1



Imagem II.b.i.31 – Inauguração do monumento João Gonçalves Zarco a 28-5-1934 – Fonte: Perestrellos – Adaptado de Mendes, José Manuel Melim (2007), *Memórias do Funchal, O Bilhete-Postal Ilustrado até à Primeira Metade do Século XX*, Funchal, Author's Edition

Apesar de ter sido inaugurada em 1934, a sua primeira pedra foi lançada em 1922, consequência das Comemorações do Quinto Centenário da Descoberta da Madeira. Essa, como tantas outras, foram iniciativa do Grupo do Centenário. Esse grupo, também conhecido pela Mesa do Centenário, porque as suas reuniões eram em redor de uma mesa, mesa essa no hotel do Golden Gate, provem de um grupo de tertúlias literárias fundado em 1911. Esse grupo foi fundado e liderado por João dos Reis Gomes, professor do Liceu, diretor da Escola Industrial e Comercial do Funchal, escritor e militar e por Fernando Augusto da Silva, padre e Alberto Artur Sarmento, militar. Era um grupo “caracterizado como profundamente conservador, religioso e com espírito rígido, embora liberal e eclético” (Castro, 2017)³⁵. Este grupo inicialmente reunia-se na redação do *Heraldo da Madeira* entre 1905 e 1915, pois o seu diretor era também João dos Reis Gomes, mas em 1916 é já diretor do *Diário da Madeira* e as reuniões passam a ser numa sala privada do Hotel Golden Gate, durante o fim da tarde e à noite. Como a imprensa principal da Madeira estava nas mãos do líder do grupo, os relatos das tertúlias e dos debates vinham a público nesses órgãos de comunicação. Desse grupo onde

³⁵ Castro, Fernanda de (2017), “Mesa do centenário /ou grupo do centenário e V centenário da descoberta da madeira” (online) consultado em 26.05.2020. Disponível em <http://aprenderamadeira.net/mesa-do-centenario-ou-grupo-do-centenario-e-v-centenario-da-descoberta-da-madeira/>

a sua tertúlia ficara “famosa pela categoria intelectual dos seus frequentadores e pela decisiva influência que exerceu no meio cultural e artístico madeirense” (Pestana, 1952) faziam parte:

“o historiador e padre Fernando Augusto da Silva, um dos autores do *Elucidário Madeirense*; Alberto Artur Sarmiento, professor de ciências e investigador da história insular; Adolfo de Figueiredo, crítico de teatro e antigo diretor da Alfândega; o médico António Rodrigues dos Santos; Rui de Bettencourt da Câmara, jurista e genealogista; Emanuel Ribeiro, professor do ensino técnico das belas artes; Azevedo Ramos; Alfredo César de Oliveira, vogal do município do Funchal e antigo empregado do banco Rocha Machado; Adolfo de Noronha; o médico João Francisco de Almada; o professor Alfredo Miguéis; Elmano Vieira, jornalista e escritor; o escultor Francisco Franco e o seu irmão Henrique Franco; Luís Pinheiro, crítico literário e funcionário da Alfândega; Baptista dos Santos; Fernando Câmara, poeta e decorador; Francisco Bento de Gouveia; o jornalista Soares de Andrade; o musicólogo Dário Flores; Assis Esperança; ou o poeta Jaime Câmara” (Castro, 2017)

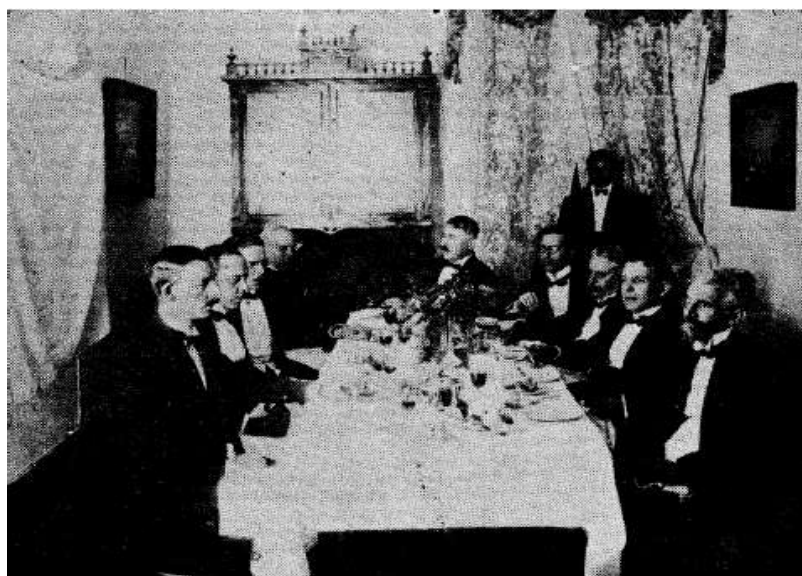


Imagem II.b.i.32 – “Convívio realizado para homenagear a entrada de João dos Reis Gomes na Academia de Ciências de Lisboa.

Da esquerda para a direita: Luís da Costa Pinheiro, Alfredo César de Oliveira, Nicásio Azevedo Ramos, Fernando Augusto da Silva, João dos Reis Gomes, Amintas de Lima, João Adolfo Sarmiento de Figueiredo, António Rodrigues dos Santos e J. Soares de Andrade. .” (Goís, 2015) em 1924 – Adaptado de Goís, Joana Catarina Silva(2015), *A Geração do Cenáculo e as Tertúlias*

Intelectuais Madeirenses (da I República aos anos 1940), Dissertação de Mestrado em História Contemporânea, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Para além de debaterem as iniciativas para o V Centenário, discutiam literatura, arte e os problemas da cidade do Funchal. A sua dedicação para com os assuntos do Funchal, fez com que as autoridades autárquicas pedissem várias vezes pela sua opinião. Uma vez que esse

grupo perdurou até aos anos 40, tiveram grande impacto nas décadas de modernização da cidade, as décadas de 1930, 40 e 50, pois foram responsáveis pelas ideias de calçamento, saneamento, limpeza das ruas e ribeiras, obras e fomento de indústrias, logo obras de melhoramento no Funchal. Apesar do Golden ser o seu lugar predileto, nos últimos anos do grupo, escolhiam as mesas do café Apolo para as suas reuniões, mas estas já sem carácter pragmático, transfigurando-se em simples tertúlias de amigos. Pois esse café era também um ponto de encontro e discussão na ilha que concorria com o Golden e ainda concorre, como aconteceu com o Café KitKat, que deu palco a uma coletividade de jornalistas, conhecidos como o “Grupo do Kit-Kat”.³⁶



Imagem II.b.i.33 – Comemorações do 5º Centenário da Madeira em 1922 em frente ao Golden Gate
– Adaptado de Mendes, José Manuel Melim (2007), *Memórias do Funchal*, O Bilhete-Postal
Ilustrado até à Primeira Metade do Século XX, Funchal, Author's Edition

Os festejos dos 500 anos do descobrimento da Madeira, nasceram no Golden, mas também foram de lá vividos, como podemos ver na imagem II.b.i.33 onde as pessoas estão na varanda do Golden com vista privilegiada sobre um dos cortejos das festividades.

³⁶ Góis, Joana Catarina Silva(2015), *A Geração do Cenáculo e as Tertúlias Intelectuais Madeirenses (da I República aos anos 1940)*, Dissertação de Mestrado em História Contemporânea, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. p.19



Imagem II.b.i.34, 35 - Almoço no Hotel Golden Gate, oferecido pelo cônsul do Brasil no Funchal em homenagem à travessia do Contra-almirante Carlos Viegas Gago Coutinho e capitão-de-fragata Artur de Sacadura Freire Cabral, em 1922 – Fonte: Museu de Fotografia da Madeira Atelier Vicente's - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira – Colorizada pelo autor. Fonte: Museu de Fotografia da Madeira Atelier Vicente's - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira – Colorizada pela Autora.

Na imagem II.b.i.34 não se trata de um dos almoços festivos/reunião das comemorações, como aconteceu a 28.10.1922 uma reunião da Comissão de Baile na Sala do Hotel Golden Gate, mas podemos ficar com a ideia de como terão decorrido. Trata-se assim de um almoço numa sala mais privada do Hotel Golden Gate, a 23.10.1922, oferecido pelo cônsul do Brasil no Funchal, Dr. Aminthas de Lima, aos aviadores Carlos Viegas Gago Coutinho e Artur de Sacadura Freire Cabral homenageando a sua travessia aérea de Lisboa ao Brasil.

“Em primeiro plano, seguindo a ordem dos elementos sentados na mesa, a partir do lado direito da imagem em direção ao lado esquerdo, identifica-se a seguinte ordem: 1.º - Raul Teives, vice-cônsul do Brasil; 2.º - Tenente-coronel e médico Dr. António da Cruz Rodrigues dos Santos; 3.º - Major Reis Gomes (1869-1950), diretor do "Diário da Madeira"; 4.º - comandante Artur de Sacadura Freire Cabral (1881-1924); 5.º - Eduardo da Rocha Sarsfield, governador civil; 6.º - (por identificar); 7.º - (por identificar); 8.º - Dr. Manuel Sardinha (1865-1946), diretor do "Correio da Madeira"; 9.º - alferes Gregório Paiva Cunha; 10.º - comendador Adolfo João Sarmento de Figueiredo (1864-1936), diretor da Alfândega do Funchal entre 1916 e 1927; 11.º - coronel João Maria Ferraz Júnior (1867 - 1955); 12.º - Contra-allmirante Gago Coutinho 1869 - 1959); 13.º - (por identificar); 14.º - (por identificar); 15.º - Maria Dulce da Câmara de Meneses Alves; 16 - comandante Romano Vital Gomes, capitão do Porto; 17.º - (por identificar); 18.º - Dr. Augusto Elmano Vieira (1892-1962), advogado, redator do Diário de Notícias e presidente do clube União.”(ABM, 2018)

Os cafés assumiram um aspeto não só literário como político. Prepararam-se nele as revoluções, derrubaram-se os ministérios, festejavam-se as vitórias governamentais.

Ferreira de Andrade, 1953

Mas o Golden Gate, tanto o café como as salas do hotel, não foram os únicos espaços de um só grupo de tertúlias. Esta influência das tertúlias no Funchal, remota já desde o século XVIII, onde esses grupos eram os centros nefrálgicos de toda a cultura insular. Mas foi só no século XX, após a Primeira República que se deu o “Ciclo de Oiro da Ilha”, como César Pestana chamava ao período dos domínios da cultura e do pensamento na Ilha da Madeira. Muitos dos intelectuais, que faziam parte desses grupos, estudaram no continente ou no estrangeiro, mas com o sentimento da saudade e o dever patriarcal que sentiam pela Ilha, levou-os a impulsionar um movimento cultural, intelectual e modernista na Ilha. Uma das consequências do discurso político nas mesas do Golden, foi a Revolta da Madeira³⁷, ou

³⁷ Mesmo antes da revolta da Madeira em 1931, estava já instaurado um clima desequilibrado pois sucediam-se várias revoltas republicanas e constitucionalistas e até fascistas, todas elas fracassadas, como por exemplo em 1927. Não só havia uma aura de disputas políticas como também havia de problemas sociais, assim em 1928 dá-se uma grande crise que abala a Madeira. É neste mar de abalo

Revolta da Farinha em 1931, essa foi pensada, declamada e impulsionada nas varandas do Golden, como tantas outras manifestações da sociedade na década de 20 e 30. Manuel Marcos dos Santos, na altura diretor do Golden, evoca no seu depoimento “as reuniões preparatórias do movimento, no Café Golden Gate, onde os militares e civis confraternizavam e se reuniam com o fim de planear, em todos os seus pormenores, a Revolta da Madeira contra a Ditadura” (Janes,1997: 140). Luís Vieira de Castro regionalista convicto, monárquico, advogado, jornalista e político foi um dos responsáveis pela Revolta da Farinha, “chegava ao Golden Gate acompanhado pelo capitão Carlos Vilhena, associando-se pouco depois o capitão Frazão Sardinha e o próprio Manuel Marcos dos Santos” (Janes,1997: 140). Uma vez que o Golden Gate era o local onde se reuniam conspiradores de movimentos revolucionários, será lá dado o primeiro passo para essa revolta. É assim na sala do Hotel Golden Gate que Luís Vieira de Castro redige um comunicado incentivando os madeirenses contra o Governo da Madeira e contra o Decreto da Fome, nº19273, de 29 de janeiro de 1931.

“Foi na sua "sala do Centenário", com a cumplicidade do seu director Manuel Marcos dos Santos, onde foi redigido o Manifesto ao Povo Madeirense contra o "decreto da fome" em que Lisboa instituiu uma subida insuportável no preço da farinha. (...) Lisboa perde o controlo da situação, pois, no "Golden", os Oficiais da Guarnição Militar confraternizavam amigavelmente, alheios às suas diferentes convicções políticas. Resultado das reuniões do "Golden Gate", Oficiais deportados e aí hospedados, Oficiais e Políticos madeirenses (entre os quais o Dr. Vasco Gonçalves Marques e o Dr. Vieira de Castro, director do "Jornal da Madeira"), a 4 de Abril de 1931 é desencadeada a Revolução da Madeira. Durante quase um mês - a mais longa revolução contra Salazar e com o maior impacto internacional num mundo pré-II Guerra Mundial - Lisboa não exerce quaisquer poderes soberanos no arquipélago. É a partir do "Golden Gate" que o Capitão Frazão Sardinha faz os telefonemas que nesse dia despoletaram a Revolta da Madeira. Guardam-se armas no hotel. Deportados dos Açores, no qual a revolta não funcionou lá, querem também se alojar no Golden e assim reforçar os revoltosos.(...) são ainda do Hotel "Golden Gate" a logística e os disfarces que permitem a fuga para Canárias dos capitães Sardinha e Vilhena.” (Alberto João Jardim, 2019)³⁸

político e social que em 1931 dá-se a conhecida Revolta da Madeira, ou Revolta da Farinha a 4 de Abril.

³⁸ Jardim, Alberto João (2019), “O ‘Golden Gate’ e a História da Madeira” in *Jornal da Madeira*, Funchal, 8-7-2019 (online) Disponível em: https://www.jm-madeira.pt/opinioes/ver/2675/O_Golden_Gate_e_a_Historia_da_Madeira



Imagem II.b.i.36 – Movimento popular no Funchal, possivelmente durante a Revolta da Madeira em 1931, uma vez que as varandas do Golden estão cheias de pessoas que se dirigem ao povo. - Adaptado de Mendes, José Manuel Melim (2007), *Memórias do Funchal, O Bilhete-Postal Ilustrado até à Primeira Metade do Século XX*, Funchal, Author's Edition



Imagem II.b.i.37 - Militares e populares na revolta da Madeira em 1931 - Fonte: Museu de Fotografia da Madeira Atelier Vicente's - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira

Um pormenor interessante na imagem II.b.i.37 é que é visível pela primeira vez um anúncio a um Casino no Hotel. Na década de 30, o hotel disponha de um pequeno casino, um salão de baile e uma casa de bilhares, esta já desde a década de 20. Esse casino e esse salão faziam parte do círculo de animação e entretenimento dos turistas e das classes mais abastadas, que para além do Golden, frequentavam cafés e clubs como Ritz Café, Kit Kat, Theo's Capitolio, Club Restauração, Club Inglês, e Monte Stranger Club.

“A distância da Madeira ao Continente, as dificuldades de comunicação – a falta de um maior convívio ou contato com a metrópole e suas instituições culturais, levou o estudioso ou intelectual madeirense a agrupar-se em círculos de estudos, clubes ou tertúlias literárias – de que o Funchal foi prodígio” (Pestana, 1952: 21-23)

O quotidiano da ilha continuava pacato, pautava-se pelo ritmo das estações do ano e do calendário religioso e por vezes de algum acontecimento de índole político. Os que tinham vontade de se expressar tinham de encontrar um recanto para o seu discurso e as suas ideias difundir. É nesse sentido que surgem os grupos das tertúlias, que não só cativa as personalidades da ilha, como todos os curiosos que apenas tinham acesso aos ideais pela imprensa. “As coletividades foram silenciosas e fechadas, manifestando as suas ações de uma forma oculta. As reuniões funcionaram como convívios íntimos entre amigos, autênticos espaços de debate, num jogo de influências sociais, políticas e culturais.” (Góis, 2015: 10). As tertúlias desenrolavam-se em espaços fechados, privados ou públicos, casas particulares, em redações de imprensa, em associações comerciais e culturais e ainda em estabelecimentos de restauração como aconteceu no Golden Gate onde “se viam sentados, tertulhando ou tagarelando, os vultos de mais fastígio na literatura e no jornalismo da época” (Gouveia, 1982: 5-11). O “Grupo da Escola de Belas Artes”, “Os Cinco Artistas Vagabundos”, “O Cenáculo” e o “Grupo dos Artistas Independentes”, foram os grupos que marcaram as vivências no Funchal na primeira metade do século XX, que possivelmente grande parte deles se encontrava no café Golden. Como já falado o Cenáculo discutia os seus assuntos no Golden, por sua vez em 1918, nasce o Grupo dos Artistas Independentes por uma coletividade que se formou no seio do Cenáculo, logo passará a reunir-se também no Golden Gate durante 15 anos³⁹. Este teve como fundadores Francisco Franco, Henrique Franco, Alfredo Migueis e Emanuel Vitorino Ribeiro. Este grupo vai trazer ao Golden artistas de renome no continente, como o pintor Abel Manta em 1924 a 1926, e os escritores João Cabral do Nascimento e Ernesto Gonçalves. “Assim, o Café *Golden* transformou-se, na década de 20, numa espécie de sucursal das tertúlias lisboetas no Funchal” já dizia Carlos Valente (1999) e podemos afirmar também que foi no Golden que se deu o despoletar da arte na Madeira, pois este grupo criou as suas ideias sob o teto do Golden para desenvolver a Madeira artisticamente, desde exposições a criação de museus. Todos estes grupos brindaram a ilha com eventos e estabelecimentos culturais, pedagógicos, com o intuito da prosperidade da arte, da literatura, do jornalismo e do regionalismo intelectual no século XX.

³⁹ Perneta, Helena Paula Freitas(2011), *A Madeira e os Alemães, 1917-1939 O discurso na imprensa madeirense*, Dissertação de Mestrado em Gestão Cultural, Funchal, Universidade da Madeira.

Percebemos assim que o Golden mantém as suas mesas reservadas a uma classe elitista, intelectual, de posses, quer pelas proximidades dos locais de trabalho como o Hospital⁴⁰, as Associações, entre outras, quer pela estada dos grupos de tertúlias que cativam e motivam diversas pessoas a frequentar. É possível denominar assim a frequência de jornalistas, escritores, professores, advogados, arquitetos, artistas (ligado ao teatro e ao desenho), banqueiros, cargos políticos e diplomáticos, comerciantes, dirigentes desportivos, eclesiásticos, engenheiros, funcionários públicos, médicos, militares e músicos.⁴¹

Junto da tertúlia da Mesa do Cenáculo, decorriam outras tertúlias de distintas naturezas, nas mesas do Golden Gate, como irá descrever o trimensário humorístico *Re-Nhau-Nhau*⁴² em 1930. “A Comédia do Golden” é assim denominada esta série de uma “Novela de Maus Costumes” dividida pelos cinco grupos da arte do discurso que batizaram as mesas com o seu carácter. De forma caricaturada, cada mesa será alvo de referência, há assim a *Mesa 1.ª (A dos Políticos)*, a *Mesa 2.ª (A do Desporto)*, a *Mesa 3.ª (A dos meninos das Gabardines Pálidas)*, a *Mesa 4.ª (A dos Jornalistas)* e a *Mesa 5.ª (A dos Homens Sérios)*. Cada edição apresenta na sua capa uma caricatura dos mais ilustres de cada mesa, por João Malho Rodrigues e desenhada por Terrique e Cardoso.

Esta comédia imortalizou as personalidades do Golden na década de 30 que muito possivelmente já o frequentavam nos anos 20 e continuaram até às suas vidas o permitiram. Dos políticos indígenas, *Re-nhau-nhau* imortalizou os Srs. Dr. João Augusto de Freitas, Dr. Vasco Marques e António Rodrigues Leitão, onde “aquela mesa de canto, à direita de quem entra no Golden pela porta da Entrada da Cidade” se discutia a política e o desejo de salvar o país. Neste “parlamento minucioso”, ainda se encontravam à volta da mesa outros “trunfos da política indígena” como o Sr. Ferraz, o Fernandinho, Carlos Ferreira, o Dr. Varela, o Dr. João Ferreira e o Sr. Macedo Faria, e de pé ainda o Sr. Manuel Eduardo e o Dr. João Augusto.

⁴⁰ É hospital até 1931/2 e em 1933 é já Junta Geral do Distrito

⁴¹ Góis, Joana Catarina Silva(2015), *A Geração do Cenáculo e as Tertúlias Intelectuais Madeirenses (da I República aos anos 1940)*, Dissertação de Mestrado em História Contemporânea, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

⁴² Sem autor(1930), “A comédia do Golden. A novela de maus costumes” in *Re-Nhau-Nhau*. Funchal, n.º 8 ao n.º 12, de 01-03-1930 a 12-04-1930.



Imagem II.b.i.38 – Revista Re-Nhau-Nhau nº8, 1 de Março de 1930 – “A comédia do Golden” - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira

Na mesa do Desporto foram imortalizados um ferranho de cada clube Madeirense, Sr. Dr. Elmano Vieira, que para além de presidente do União era advogado, o Sr. João Gomes adepto do Nacional e o Sr. Mário Simões do Marítimo. “Os desportistas não têm mesa certa. Para eles o Golden é o estádio da má língua desportiva, e qualquer mesa lhes serve. No entanto, preferem a mesa do canto, que fica junto do balcão” para poderem ficar perto do empregado que também é amigo do grupo, o “Luíz do Golden”, onde vão todos discutir os jogos das suas equipas.



Imagem II.b.i.39 – Revista Re-Nhau-Nhau nº9, 15 de Março de 1930 – “A mesa dos Desportistas” - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira

Numa terceira mesa, “qualquer uma delas serve” porque “eles surgem de toda a parte” estavam os “meninos das Gabardines Pálidas” cognome dado aqueles dotados de elegância, tendo a sua gabardine como um símbolo da fotogenia. Na presença destes o Golden “lembra um pequeno Hollywood”, pois ali descansavam os “azes da fotogenia indígena (...) os protótipos da beleza super-elegante (...) que todo o Funchal conhece”, como o Amaro, o Zé Augusto, e o Mariano, sentados na mesa, e o João Figueira, o Sardinha, o Doria, o Sales Caldeira e o Bonifácio de pé à volta da mesa. Estes discutiam sobre o sonho de Hollywood, porque a Madeira naquela altura sufocava-os com a falta das artes, e muitos ainda tinham uma educação britânica por influência de famílias estrangeiras que pela Madeira fizeram casa.



Imagem II.b.i.40 – Revista Re-Nhau-Nhau nº10, 22 de Março de 1930 – “Os ‘Gabardines Pálidas’ ” - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira

A mesa dos jornalistas era onde se discutiam assuntos mais literários pela voz dos “três mais consagrados Jornalistas de Portugal Continental, Insular e Ultramarino”, o Sr. Major Reis Gomes que representava o Diário da Madeira, Dr. Alberto de Araújo pelo Notícias da Madeira e o Sr. Carlos Rates pelo Jornal. Estes discutiam as suas preferências literárias, os autores que os fascinavam e até a própria filosofia.



Imagem II.b.i.41 – Revista Re-Nhau-Nhau nº11, 1 de Abril de 1930 – “A Ceia dos ‘Imortais’ ” - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira

A última mesa que mereceu ser immortalizada foi a dos “Homens Sérios” que discutiam as finanças e os negócios na mesa “que fica em frente ao espelho grande, de parede, a meio das duas portas que dão saída para a Entrada da Cidade”. Numa “compostura burguesa” estavam o Sr. Fernando Moniz, o Sr. Farinha e o Sr. Sinfronio, sentados à mesa, e em seu redor, “dando à mesa um aspeto solene de respeito” o Sr. Abílio Fagundes, o Sr. Castro Moniz, o Sr. Gonsalves dos Reis, o Pereirinha, o Sr. Coelho e o Sr. Sinfronio (o filho).



Imagem II.b.i.42 – Revista Re-Nhau-Nhau nº12, 12 de Abril de 1930 – “Os Homens Sérios ” - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira

Em todas estas reportagens é possível retirar pormenores do próprio Golden e da sua vivência. No Golden dos anos 30 havia um espelho grande na parede do seu interior, mesas de mármore, todas elas “quadrúpedes e retangulares”, que não aparentavam ser novas devido ao “caruncho”, havia “guardanapos de pano”, “cerveja de pipa” e “bolo de passas”. Neste ambiente havia senhores de charuto, outros de luvas, outros com as suas lunetas de vidro, que por vezes começam logo a conversar e esqueciam de pedir, “tanta gente a uma mesa e nem mandam vir um café!” e outros à volta do seu champanhe. Um ambiente que por vezes é de conflito devido às ideias opostas ou de pura alegria devido à poesia, à contemplação de mulheres, ou às simples interjeições e respostas de cada um que por vezes suscitam “um coro de gargalhadas”, “uma sinfonia de cascalhadinhas burguesas, que os circunstantes soltam, divertidíssimos”. Em todas as mesas, apesar de discutirem os seus assuntos sérios, também têm um momento de poesia, onde há sempre um dos senhores, que recita um poema.

Não foi apenas esta revista a imortalizar o ambiente do Golden, Raul Brandão, Ferreira de Castro, José Marmelo e Silva, Maria Lamas, Helena Marques e Laura Moniz guardaram o Golden do início do século XX nas suas obras. Respetivamente “As Ilhas desconhecidas”, “Eternidade”, “Desnudez Uivante”, “Arquipélago da Madeira - Maravilha Atlântica”, “Bazar Alemão” e “Golden Gate Grand Café- O Romance da Vida de Sherlock Homes” são as obras, que influenciadas pelo cosmopolitismo do café, dedicaram alguns parágrafos à atmosfera do Golden.

Raul Brandão – “As ilhas desconhecidas” - Inspirado na viagem em 1924- Publicado a 1926

“Sentado à porta do *Golden Gate*, ouço o apito do vapor, e já sei o que se vai passar: muda a armação como um cenário de mágica. Surgem homens com grandes chapéus de palha para vender bordados, colares falsos de coral, cestos de fruta; iluminam de repente as lojas, e segue o desfile de tipos- pretas de Cabo Verde com *foulards* vermelhos na cabeça, mulheres planturosas, alemães maciços, portugueses esverdeados e febris que regressam das colónias, velhas inglesas horríveis que vêm não sei de onde e partem não sei para onde, desaparecendo para sempre no mistério insondável do mar; criaturas inverosímeis que rondam a toda a força nos automóveis num frenesi que dura momentos e se passa na única rua onde há um café que transborda de luz. Mas as máquinas de bordo dão o sinal e uma hora de pois esta vida fictícia desapareceu e tudo reentra no isolamento e no silêncio. Apagam-se as luzes, correm-se os taipais e os vendedores mergulham na pacatez da vida quotidiana. O quadro está sempre a repetir-se com a chegada e a partida dos grandes transatlânticos.” (Brandão, 2011: 195)

É nesta obra que surge a primeira referência do Golden Gate como a esquina do Mundo (nas primeiras edições), apesar este autor ser o primeiro a criar esse cognome, Ferreira de Castro é que ficará com os louros, desde essa época aos dias de hoje no qual continua a ser referenciado.

Ferreira de Castro – “Eternidade” – Escrito entre 1932 e 1933- Publicado em 1954

6.^a Edição

“Depois do almoço sentara-se a uma das mesas do «Golden Gate», cá fora, sob os plátanos. Iam e vinham os turistas e não havia defronte um só automóvel parado. Aquele ângulo do Café era, entre as esquinas do mundo, um dos mais dobrados, em todos os dias do ano, pelo espírito cosmopolita do século. Em recreio ou em trânsito para Áfricas e Américas, à conquista de fortuna ou em peregrinação de porto a porto que abrisse passo para beleza moderna ou fausto de outros tempos, davam volta ao cunhal do «Golden Gate», diariamente, pernas de quási todas as nações. O Café, com o seu hotel em cima, orgulhava-se de oferecer, primeiro do qualquer outro, cadeira repousante a quem demandasse o Funchal. Situado pertinho do desembarcadoiro, tinha valor de instituição urbana e, após visita rápida à cidade, podia-se esquecer tudo menos a bebida tomada à sombra dos plátanos ou jacarandás que, dum lado e outro, lhe ensombravam as mesas.”⁴³

13.^a Edição

“Ao fim da tarde, respondeu ao «rádio» de Elisabeth, inquieta por não o ter visto no momento da partida, e sentou-se a uma das mesas do «Golden Gate». A rua continuava cheia de turistas e não havia defronte um só automóvel parado. Aquele ângulo do Funchal era, entre as esquinas do Mundo, um dos mais dobrados pelo espírito cosmopolita do século. Em viagem de recreio ou em trânsito para Áfricas e Américas, davam volta ao cunhal do «Golden Gate», diariamente, homens e mulheres de numerosas raças, o passo vagaroso, o nariz no ar as mãos carregadas de cestos, de garrafas e de bordados da Madeira.” (Castro, 1957: 233)

José Marmelo e Silva - “Desnudez Uivante”- Inspirado na Madeira durante o período 1940 - Publicado em 1983

“Um barco acaba de atracar, e com a avalanche vinda da Pontinha, o «Golden» ficou sem um lugar vago. Fui subindo ao 1 o andar e dei com um salão a tresandar de aburguesado, pequenas mesas rés-do-chão, meiples de coiro de javali para adormecer ingleses aposentados, e quase repleto, ele igualmente de fardas de não muita demora. Falavam ruidosamente, esfumaçavam ... Domino a curiosidade, enterro-me no

⁴³ Citado a partir de uma publicação do projeto “Madeira quase esquecida”. Consultado a 10/01/2020. Disponível em <https://www.facebook.com/MadeiraQuaseEsquecida/photos/a.265345593501820/965419516827754/?type=3>

estofadão. Começo a desdobrar os jornais, atento aos mapas da guerra” (Silva, 2002 *apud* Nepomuceno, 2013: 448)

**Maria Lamas – “Arquipélago da Madeira - Maravilha Atlântica”- Inspirada na Ilha em
1947 – Publicado em 1956**

“Entretanto a urbe tem ainda os seus dias grandes quando, extraordinariamente, se juntam na baía três ou mais recreios, e desembarcam, em trânsito, muitas centenas de excursionistas. Então, a cidade agita-se e alegra-se; o Golden Gate enche-se a transbordar; e turistas e ilhéus divertem-se com o panorama de tão variadas gentes, seus trajes e excentricidades, seu à vontade e exuberante palavrear. Circulam os típicos carros de bois que os boieiros e candeeiros estimulam com as suas exclamações; fervilham as floristas e os vendedores ambulantes de bugigangas e frutas; e a cada esquina os guias, solícitos, oferecem os seus préstimos” (Lamas, 1956 *apud* Nepomuceno, 2013: 236)

**Helena Marques – “Bazar Alemão” Inspirada pelo período da Segunda Guerra Mundial
– Publicado em 2010**

“(…) e entraram na Avenida Arriaga. O Golden Gate parecia polarizar, aquela hora, todo o escasso movimento da cidade. As cadeiras da esplanada ainda não tinham sido retiradas e contornavam a esquina perlongando-se pela Avenida Zarco, e foi aí que se sentaram em frente ao palácio de São Lourenço. Flores roxas, tombadas dos jacarandás, cobriam o pavimento calcetado a preto e branco, num padrão tradicional geometricamente perfeito” (Marques, 2010: 28)



Imagem II.b.i.43 – Golden Gate Grand Café em 1937 - Fonte: Museu de Fotografia da Madeira
Atelier Vicente's - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira –
Colorizada pela Autora



Imagem II.b.i.44 – Golden Gate Grand Café em 1937 - Fonte: Museu de Fotografia da Madeira
Atelier Vicente's - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira

Percebemos que quem reinava o Golden eram os habitantes locais elitistas e os turistas, esses com costumes diferentes deixavam já as mulheres sentarem a desfrutar das cadeiras de vimes, eram as únicas mulheres na altura com esse privilégio. Só a partir dos anos 30 é que o perfil turístico começa a alterar-se, com a ajuda da Comissão de Turismo e da criação da Delegação de Turismo da Madeira em 1936, sediada no último andar do prédio Golden Gate, como é visível na imagem II.b.i.43,44,45. Foi a partir desse ano que o Golden deixa de ser apenas café e hotel, e o seu prédio começa a ser explorado pela Delegação de Turismo e posteriormente por escritórios. Só em 1978 é que aparece a Secretaria Regional do Turismo que veio melhorar a organização do turismo da região.



Imagem II.b.i.45- Mulheres na esplanada do Golden Gate e Vendedora de flores entre 1935-1940 - Adaptado do projeto “Madeira Quase Esquecida”

(<https://www.facebook.com/MadeiraQuaseEsquecida/>)



Imagem II.b.i.46 – Praça da Constituição e Golden Gate Grand Café em 1937 -1941 - Fonte: Museu de Fotografia da Madeira Atelier Vicente's - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira



Imagem II.b.i.47,48– Entrada da cidade e Golden Gate Grand Café em 1941 - Fonte: Museu de Fotografia da Madeira Atelier Vicente's - Adaptado do blog “Ruas do Funchal” (<https://ruas dofunchal.blogspot.com/>)- Colorizada pela Autora

“Ainda me lembro”

“Tradição” – Fatinha Marques

“Não tenho palavra para descrever... Família” - Margarida Tomás

“Boas recordações que nunca mais se esquece” - Abel Rebolo

“Houve momentos inesquecíveis, momentos bem vividos” - José Berenguer

“casos paradigmáticos” – José Júlio

“canto de discussão do mundo” - Rui Carita

“transmite-me a história, uma historia romântica, humana, de relações humanas, houve histórias verdadeiramente apaixonantes” - João Carlos Abreu

Já dizia Alberto Vieira (2016), os “lugares de memória são espaços apropriados pelos afetos, pela História”, e o Golden Gate é um lugar que guardou e ainda guarda os afetos e a história de uma cidade. Os anos passam e o universo leva consigo a maior parte das memórias que não foram descritas em papel, assim em 2020, apenas encontramos vivas pessoas que guardam memórias do Golden Gate a partir da segunda metade do século XX. No final dos anos 50 o Golden volta a sofrer alterações na sua traça, passa de uma arquitetura tradicional, clássica, elegante, para uma moderna e simples. O arquiteto desta nova obra foi, possivelmente, João Guilherme Faria da Costa, uma vez que este fez pareceria com o engenheiro Jorge de Carvalho Mesquita durante os Planos de Urbanização em 1959, ano em que o Golden provavelmente⁴⁴ foi alvo duma remodelação. Tendo em conta o embelezamento urbano de acordo com as novas épocas vividas, o estilo moderno, considerando que se trata de uma reabilitação de um edifício antigo, deu ao Golden linhas limpas e geométricas e privilegiou a simplicidade. Rejeitando os estilos tradicionais e seguindo as características de um edifício moderno, arquitetura que estava em voga na altura, eleva o prédio com pilotis e assim relacionando-se com o espaço urbano age de forma cordial para com os cidadãos pois não impede o trânsito pedonal e amplia o espaço de lazer do café.

⁴⁴ Digo “Provavelmente” porque não foram encontradas fotografias do Golden Gate entre 1948 e 1959, ano em que aparece já fotografias do novo interior do Golden Gate já remodelado. Logo, se decidiram fotografar os interiores do Hotel, é possível que este tenha sido remodelado nesse ano.



Imagem II.b.ii.1- Golden Gate Grand Café entre 1959-1974 - Adaptado do projeto “Madeira Quase Esquecida” (<https://www.facebook.com/MadeiraQuaseEsquecida/>)

Mantiveram a varanda, pois era uma das suas características de identidade, tal como a porta na esquina, no entanto esta recuada dando mais espaço para uma esplanada e ao mesmo tempo passeio público, e ainda trocam as cadeiras de vime por cadeiras de ferro. Não só aumentaram o hotel em altura como aumentaram o restaurante em extensão. É neste momento que o Hotel passa a ser só o prédio em si com a nova aquisição dos prédios antigos que estavam ao lado, na Avenida Arriaga, passando a porta de entrada do Hotel para essa mesma rua. Abandonando, já desde as obras, a lateral do Hotel que tinha a sua entrada na Avenida Zarco, como podemos ver na imagem no canto inferior direito, o prédio permanece igual e já sem a ligação pelas varandas, mantendo ainda a Barbearia e a loja de bordados, no seu piso térreo desde a década de 20. O pormenor das janelas amarelas, foi como intuito de simbolizar as “portas douradas”, símbolo que marcou a geração que as viu perdurar até aos anos 90. No meio das janelas foi colocado, em cantaria, o novo símbolo do Golden, o mesmo que está desenhado nos pratos do hotel. Não só o exterior, mas também o interior foi remodelado, mas apenas foi possível encontrar fotografias da transformação moderna do interior do Hotel. Nestas imagens vemos duas salas de estar, e a sala de refeições.



Imagem II.b.ii.2- Logotipo do Golden Gate num prato -
Fonte: Margarida Tomás.



Imagem II.b.ii.3,4- Sala de estar do Hotel Golden Gate em 1959 - Fonte: Museu de Fotografia da Madeira Atelier Vicente's - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira – Colorizada pela Autora



Imagem II.b.ii.5,6- Hotel Golden Gate em 1961 - Fonte: Museu de Fotografia da Madeira Atelier Vicente's - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira – Colorizada pela Autora



Imagem II.b.ii.7,8- Restaurante do Hotel Golden Gate a 07-03-1961 - Fonte: Museu de Fotografia da Madeira Atelier Vicente's - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira – Colorizada pela Autora

O lugar é produto das relações humanas, entre homens e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vida, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é lugar da vida. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga-se indissociavelmente à produção de vida.

Carlos, 1996 apud Vieira, 2016:1

Segundo Pierre Nora (1993), os lugares de memória representam-se através de três formas, material, que é o seu conteúdo demográfico, funcional no sentido em que mantem a lembrança e transmite suas memórias, e simbólico pelos acontecimentos e experiências vividas.

João Carlos Abreu é das poucas pessoas do qual a sua memória viaja até aos anos 40 e 50, devido aos seus 85 anos recorda-se de um Golden ainda mais antigo. A sua profissão como jornalista irá proporcionar-lhe vários dias na esplanada do Golden, e com a sua alma de artista, que mais tarde chega a ser Secretário Regional do Turismo e da Cultura, irá ter um olhar mais romantizado sobre o Golden. Nos anos 40 João Carlos Abreu começa as suas viagens pelas mesas do Golden Gate, e nos anos 50 e 60 vive várias experiências,

“Foi há tantos anos, tenho 85 anos, a minha primeira memória foi justamente com o meu pai que era jornalista e levou-me lá, eu era muito novo, talvez isso tenha acontecido num dia 8 de Dezembro, numa cerimonia que houve na Sé e nesse dia foi inaugurado o Apolo (..) o meu pai levou-me lá com outros jornalistas (..) devia ter uns 11, 12 anos, e não sabia que mais tarde ia ser o meu ponto de encontro com toda a gente”

“Encontrei gente interessante no Golden, pessoas de quem fiquei amigo a vida inteira”

“Às vezes às 10h da manhã já estava lá”

“eu tinha várias mesas porque eu era um pouco saltão, conhecia muita gente, quando via uma pessoa conhecida sentava-me aqui, depois chegavam outras e sentava me ali, porque sempre tive o espírito de querer descobrir coisas sobre as pessoas, ainda hoje continuo com o mesmo espírito”

“havia um escritor madeirenses, o Carlos Martins, que entrou um dia com um cavalo pelo Golden adentro (...) ele era louco, claro que foi um escândalo”

“também assisti a uma pancadaria de marinheiros lá dentro, marinheiros franceses dos barcos de guerra”

“o Golden só me deu boas recordações”

Margarida Tomás, bisneta do fundador Manoel Gomes da Silva, guarda consigo muitas memórias. Como o Golden Gate, quer o café quer o Hotel eram da sua família, passou lá vários dias enquanto criança. As suas primeiras memórias foram aos 4/5 anos:

“A primeira vez que me lembro do Golden, entrei à frente das tais famosas mesas (...) entrei na porta, e logo a seguir tinha o balcão (...) e ao fundo tinha uma vitrine onde estavam os bolos, onde normalmente no Golden, pouco mais se vendia do que queques, então a primeira memória é de entrar ali e ir direitinha ao balcão dos queques e pedir ao senhor António, muito alto e muito magrinho, (..) e dizer ao senhor António ‘Sr. António queria um queque se faz favor’ e ele lá tirou o queque e meteu num pratinho e deu-me”

“Lembro-me de ir ao Golden, tinha 5 anos, ao Golden aquele de baixo da esquina, porque o meu pai passava lá o dia e eu ia às vezes lá ter com ele, e tinham o quiosque, onde vendiam tabaco, gelados, mas gelados de máquina e eu ia lá muito por causa dos gelados e dos queques do Golden”

“Lembro-me perfeitamente do Hotel, da entrada do Hotel, do balcão de check-in (...) O escritório do meu pai, era tão engraçado, tinha um daqueles balcões antigos tipo mercearias, levantava-se e tinha o PBX para ligar para os quartos, adorava aquilo, era miúda achava aquilo fantástico e depois atrás tinha uma portinha e entrava-se para o escritório do meu pai, que era muito pequeno, uma secretária e muitos papéis e tinha um cofre que achava maravilhoso (...) as minhas memórias são o cofre, o PBX e os gelados de maracujá”

José Júlio, dotado da arte do discurso, instruído nas artes e nas ciências e de boas famílias, com os seus 72 anos, recorda os seus dias nas mesas do Golden Gate, e gravou o primeiro como um momento inédito:

“Lembro-me perfeitamente em que circunstância foi. Fui com os meus colegas da comissão de festas do 5º ano do liceu, que eu era presidente da comissão de festas, tínhamos ido ao Casino (...) contratar aluguer do espaço para fazer o nosso baile de finalistas (...) e quando viemos do Casino para baixo, passamos no Golden e dissemos assim ‘épá vamos beber um café aqui no Golden’. Foi uma aventura porque éramos miúdos, 15 anos, bem que os 15 daquela altura não são os 15 anos de agora, eu com 15 anos já era um homenzinho, já tinha histórico (..) e então sentamo-nos na última mesa, já na descida da esplanada (..) e então ficamos meios encalacrados (..) veio o empregado com um ar meio desconfiado perguntar o que queríamos, e pedimos cafés, pagamos cafés e ficamos ali a olhar a ver se as pessoas nos viam, porque era assim uma coisa fora do normal para miúdos entrar ali”

Nos anos 60 e 70 o Golden continuava a ter a sua fama de café privilegiado. Para um jovem frequentar aquele café teria de ter posses e coragem para enfrentar as regras de sociabilidade da época, “para nós miúdos, no princípio, não era muito fácil porque os outros olhavam-nos de lado, os mais velhos não gostavam muito de ver uma mesa de miúdos” (José Júlio). Não só José Júlio mas outros jovens no início da sua vida adulta planejam um dia sentar naquelas mesas, era quase como uma obrigação para garantir a sua entrada no mundo

dos adultos. José Berenguer, com a sua grande vontade de um dia vir a poder se sentar no Golden, decide arriscar uns anos mais cedo,

“Tenho vaga ideia, eu devia ter os meus 12,13 anos, íamos para o Golden. Saímos do liceu, sentávamo-nos, onde chamávamos na altura ‘as placas’ que era onde havia a paragem dos carros dos ‘Negus’, e depois, tínhamos uns trocos e decidimos ir para o Golden, mas era muito jovem (...) tínhamos sempre um troco nos bolsos para tomar o nosso cafezinho”

“Frequentei muitas vezes nos anos 70 entre os 16 e os 21 anos, altura em que era estudante”

Esta referência da ida ao café depois das aulas, não era apenas de José Berenguer, mas de todos os estudantes adolescentes, das épocas de 70 e 80 pois para os estudantes era também como uma obrigação frequentar o Golden para garantir o estatuto social.

“Eu lembro-me de andar no 7º ano, o 12º de agora, e ir para a varanda do Golden tomar café com os meus amigos (...) foi um tempo muito bom e não demos valor (...) éramos alegres e descomprometidos” (Margarida Tomás)

“Eu ia mais um grupo de amigos para a varanda, já conhecíamos os empregados e pedíamos dois bules de chá, mas um deles não era chá, era Uísque” (Cármén Sá)

“Eu gostava de ir ao Golden só para ficar na varanda, para ver as pessoas a passear, para ver o dia” (Virgínia Faria)

“As meninas da varanda, as meninas da ‘Apresentação’, do Liceu, depois das aulas iam lá comer os queques e os cafezinhos (...) era o café das meninas da escola e dos meninos (...) eram os meninos que faziam a varanda do Golden Gate” (Abel Rebolo)

“Lembro-me de, quando estávamos a passear no Funchal, ver o meu pai, que vinha à varanda acenar, com a sua camisa branca e o laço ao pescoço” (Virgínia Faria)



Avenida Dr. Manuel de Arriaga, vista da varanda do Hotel Golden Gate.
1922 - 1932
Fotógrafo: Perestrellos Photographos

Imagem II.b.ii.9- Varanda do Hotel Golden Gate entre 1922-1932 - Fonte: Perestrellos – Adaptado de Diário de Notícias



Imagem II.b.ii.10- Varanda do Hotel e Café Golden Gate em 1967 - Fonte: Museu de Fotografia da Madeira Atelier Vicente's - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira

Abel Rebolo, antigo empregado de mesa, durante 1982 a 1997 trabalhou no Golden Gate, “no de cima”, no qual guarda com muito carinho e apreço os seus 15 anos no café. A sua farda, era a carismática camisa branca com o laço preto e as calças pretas e uma nova aquisição desta época⁴⁵, o colete amarelo com o símbolo do Golden. Recorda que as manhãs eram para os grupos mais velhos, a tarde para os mais jovens que saíam das escolas para comerem “os queques das 16h / os queques do Golden” e das senhoras para o chá das 17h,”as mulheres do senhores doutores, senhoras professoras, as madames”.



Imagem II.b.ii.11,12- Abel Rebolo, empregado de mesa do Café Golden Gate entre 1982-1997 – Fonte: Abel Rebolo

“O Golden antigo era todo o salão em mármore, tinha duas escadas, uma para um lado e uma para outro, por baixo das escadas era uma tabacaria”

“Os primeiros patrões que abriram o Golden foram o Sr. Jardim e o Sr. Ismael e depois foi Jorge Caldeira e depois o Sr. Orlando “

“O ambiente era agradável quer com clientes, colegas e patrões”

“a cozinha parecia a de um hotel”

“funcionava muito bem, tinha clientes assíduos todos os dias”

“A minha experiência foi boa, gostei muito, fiz amizades, conheci muita gente, gostei imenso, foi pena fechar”

Lembra-se de ainda vender os cafés, as torradas, as tostas e as cervejas no verão, em plena varanda característica do Café. Varanda essa, carismática e marca de identidade do café, que nos dias de desfile de Carnaval e Festa da Flor enchiam. Todas as mesas eram com antecedência reservadas, e com o almoço incluído, para quem lá sentasse tivesse vista privilegiada sobre o cortejo, que antigamente passava por aquelas ruas. Não só nesses dias,

⁴⁵ A farda dos empregados do Golden sempre foi a calça preta com uma camisa, ou casaco de manga comprida branco com um laço preto

mas também em dias de procissão, como por exemplo a vinda do Papa João Paulo II à Madeira em 1991⁴⁶. Mas esse hábito de ocupar a varanda do Golden para contemplar os acontecimentos na rua já vem deste a iniciativa da união, embelezamento e aumento das varandas, como podemos ver ao longo de fotografias disponibilizadas no decorrer deste trabalho.



Imagem II.b.ii.13- Procissão de Nossa Senhora e Golden Gate em 1948- Fonte: Museu de Fotografia da Madeira Atelier Vicente's - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira



Imagem II.b.ii.14 – Procissão do Papa João Paulo II em 1991 - Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=YFW2EaY-un4>

Um café, como anteriormente dito, é de cariz masculino, “casa dos que não tinham casa onde receber, escritório dos que não dispunham de outra mesa onde trabalhar (...) exibiam-se cigarreiras, jornais do dia, luvas de pelica, encadernações de percalina, dotes oratórios,

⁴⁶ É possível ver a varanda toda ela na sua extensão decorada e cheia de pessoas, neste vídeo a partir do minuto 10:13. - <https://www.youtube.com/watch?v=YFW2EaY-un4>

relógios e filosofias de bolso” (Dias, 1999). São os homens que tinham esses dotes e privilégios, uma sociedade que se regia pelas regras de sociabilidade da altura, onde as mulheres ficavam excluídas. Havia algumas exceções, as turistas, algumas mulheres madeirenses, ainda nos anos 1950 “Se por acaso iam ao café era ao domingo e iam a acompanhar o marido e mesmo assim era raro acontecer isso” (José Júlio) e Maria Mendonça (1916-1997)⁴⁷, por ser escritora e jornalista, conhecida como Mulher dos sete-ofícios, que criou incentivos culturais na ilha.

“Aquele café em especial era de homens (...) o Golden era frequentado basicamente por homens, nos anos 50, 60, não se via praticamente mulheres nos cafés” (José Júlio)

“Era o café dos senhores (...) junto a esta parede tinha umas 4 a 5 mesas que ninguém se sentava, porque essas mesas estavam reservadas para os senhores (...) essas mesas metiam respeito” (Margarida Tomás)

“Tinha as mesas mais ou menos marcadas, aquela era a mesa deste, aquela do outro (...) Iam sempre para a mesma mesa com o mesmo grupo de amigos e eu delirava, porque maior parte das vezes deixavam-me sentar ali calado a ouvir as conversas e deliciava-me com aquilo, era realmente um ambiente muito interessante” (José Júlio)

“O Golden ficou com uma memória de passagem de deputados, políticos, reuniões culturais na década de 30, 40, 50, onde se reuniam no café e restaurantes as figuras principais da sociedade madeirense da baixa do Funchal” (Rui Carita)

Quando estas testemunhas falam no café dos homens, detêm a figura de cada homem que lá sentava, nas mesas ditas “reservadas”. Essas personagens de forte posição na sociedade madeirense são, nas décadas de 60,70, 80 o Dr. Aníbal Faria (médico psiquiatra), Padre Fernandes Augusto da Silva, Dr. Simeão Mendes, Dr. Alcino Barreto, Dr. Salomão, Dr. Jordão Paulino, Dr. Nélcio Mendonça, Dr. Alberto João Jardim, João Carlos Abreu, entre outros que ao longo dos anos foram ganhando a sua posição devido aos cargos que desempenhavam. Estes, conforme diferentes testemunhas, iam de manhã antes do trabalho, almoçar, e ao fim da tarde, todos tinham o seu lugar como que reservado.

“Havia ali um conjunto de pessoas licenciadas, uns eram médicos, outros eram advogados, que se reuniam. Era hábito todas as manhãs por volta das 9h se encontrarem todos ali até por volta das 10h da manhã, onde conviviam e bebiam o seu café (...) Havia pessoas que diariamente eram presença assíduas ali no Golden,

⁴⁷ Maria da Trindade de Mendonça, natural de Nordeste, Açores, mas viveu a maior parte da sua vida no Funchal. Começou a escrever aos 16 anos, sendo também correspondente de vários jornais portugueses. Foi primeiramente chefe de redação e depois diretora do Eco do Funchal e ainda diretora e proprietária do jornal satírico da Madeira, o *Re-nhau-nhau* (1929-1977). Fundou a Casa Editora do Arquipélago da Madeira, o Centro Açoriano do Funchal, a Associação Jornalística Tertúlia Sem Título, a associação Jornalistas da Madeira e uma agência de publicidade. Publicou varias obras desde 1958 a 2001.

como este grupo, o Dr. Aníbal Faria, Dr. Simeão Mendes, Dr. Alcino Barreto, bastonário da ordem dos advogados, enfim havia uma série de pessoas que frequentavam mais que uma vez por dia (...) Um dia houve uma conversa muito engraçada (...) Eu segui isto com muita atenção, nesse dia, por acaso estava numa mesa ao lado com dois colegas e nós seguimos esta conversa. Nós às vezes tentávamo-nos sentar mesmo perto desse grupo, porque achávamos piada, eram pessoas que tinham o seu humor refinado” (José Berenguer)

“O que marcou foi conhecer muitas pessoas, principalmente pessoas da alta sociedade como o Dr. Salomão, Governador da Madeira na altura, Dr. Paulino, Dr. Nélcio Mendonça, o Dr. Alberto João Jardim, pessoas que me marcaram bastante” (Abel Rebolo)

“As pessoas que iam lá eram uns ‘castiços’ (...) O Dr. Aníbal Faria tinha um sentido de humor extraordinário (...) toda gente que lá passava ia pedir conselhos a ele” (José Júlio)

“Tradicionalmente aquele café sempre foi um ponto em que as pessoas se reuniam e logicamente daí surgiam situações que tinham algum impacto social, político e económico na região porque não havia muitos sítios onde isso acontecesse (...) O Golden na altura do Estado Novo foi palco de algumas conspirações” (José Júlio)

Percebemos que as mesas do Golden sempre estiveram ocupadas por pequenos grupos de homens de renome no Funchal, a discutir, cultura, política e negócios. Tornaram-se tão característicos desde os anos 20 e 30, ao ponto de serem alvo de revista, e assim perduraram, mas com pessoas novas a cada década. Recorda ainda João Carlos, na década de 50 “os grandes políticos da Madeira, o Alberto de Araújo, Gastão Figueira” que lá também sentavam e ainda os Governadores, os comandantes e os militares pois o Golden detinha dessa vantagem de estar junto do Palácio de São Lourenço.

Mas já dizia José Júlio, que tinha o privilégio de em novo conviver com os mais velhos devido à sua capacidade intelectual e cultural, que naquelas mesas nem sempre se discutiam assuntos sérios. Por vezes o assunto abrangia a vida pessoal de cada um e de outras pessoas, e alguns desses eram com um tom satírico. É este lado mais humano que João Carlos Abreu recorda também com gosto, pois diz que o Golden, para além de local de discussão intelectual, foi lugar de muitos romances onde muitos amores e muitas amizades nasceram ali,

“é a parte humana que é mais importante no fundo, e o Golden é bonito porque tem essa parte humana, porque tem muitas histórias juntas, histórias de amor de gente que se apaixonou, gente que casou”

“o Golden Gate foi o ponto de encontro para muitos amores, eu acho que é um café muito romântico (...) conheço muitas histórias de amor que passaram ali”

“houve histórias verdadeiramente apaixonantes de pessoas que se enamoraram de outras pessoas, e alguns deles já eram casados e enamoraram-se de artistas que vinham ali”

O Golden acolhia os estrangeiros da ilha e muitos desses eram artistas nacionais ou internacionais, desde pintores, escritores, cantores e atores. João Carlos Abreu viu lá o autor português

Vasco Santana, a companhia do Teatro Vasco Santana e Simone de Oliveira que por sua vez ficou hospedada no Hotel Golden Gate. Simone chegou a dar espetáculos na cave do Golden que era na altura uma pequena sala de espetáculos onde vários artistas atuavam e os clientes dançavam. Nos anos 60 José Júlio viu lá sentado o ator Terry-Thomas e teve a oportunidade de o entrevistar, também nas mesas do Golden, o ator americano Charlton Heston.

“ali passaram Ferreira de Castro, Joaquim Paço de Arcos, Fernanda de Castro, grandes escritores, Orlando Vitorino (...) o Villaret, uma quantidade de autores, praticamente todo os autores portugueses passavam ali porque era uma zona muito agradável de estar sentado, tinha aquela esplanada com as cadeiras de vime” (João Carlos Abreu)

“é muito interessante se chamar a esquina do mundo porque por ali passavam todas as pessoas, (...) era o meu ponto de encontro com os artistas que vinham de Lisboa que eu queria entrevistar, com os jornalistas da Madeira” (João Carlos Abreu)

“Mais que a esquina do mundo era um patamar do mundo, é mais vasto”, já dizia João Carlos Abreu como também afirmava que “é uma espécie de montra da cidade, quando se quer encontrar alguém vamos lá”. Principalmente os jornalistas eram os mais fáceis de encontrar sentados no Golden pois aquele era nos anos 50 o ponto de encontro dos jornalistas madeirenses, de modo que chegaram a criar um grupo de tertúlias denominado “Sem Título” fundado por Maria Mendonça, Manuel Gomes Abreu e mais alguns jornalistas, que mesmo com a censura tiveram força de continuar.

“depois todos nós aderimos a essa iniciativa e reuníamos muitas vezes para debater assuntos relacionados com a cidade e também para bilhardar um pouco (..) porque a ‘bilhardice’ faz parte da cultura madeirense (...) Sentava-me todas as tardes lá, encontrava o Rui Camacho, a Helena Marques, o Amândio também jornalistas (...) também iam lá Natália Correia, Etelvina Lopes de Almeida diretora da revista Modas e Bordados, Maria Alia escritora” (João Carlos Abreu)

“as tertúlias jornalísticas decorria com um espírito de muita fraternidade e troca de impressões e havia uma certa concorrência entre o Jornal da Madeira e o Diário de Notícias (...) era muito interessante porque cada um tinha ideias diferentes, havia o Gonçalves Preto do Re-nhau-nahu, a Maria Mendonça do Eco do Funchal (...) falávamos à volta de uma mesa, era muito interessante, aprendia-se muito com os mais velhos” (João Carlos Abreu)

Mas o Golden não será o único café de que as pessoas guardam as suas memórias, o Apolo é sempre referido, como que em comparação, pelos testemunhos de memórias do Golden.

“Havia sempre uma maior preferência pelo Golden, mesmo quando abre o Apolo” (João Carlos Abreu)

“O lugar para refeições era o Apolo, e não o Golden, o Golden era apenas cafés (...) se quisesse ir ao café de manhã ia ao Apolo, se quisesse ir á tarde ia ao Golden (José Júlio)

“As pessoas do Apolo eram diferentes das do Golden” (José Júlio)

“estudei muitas vezes no Apolo, lia, estudava e encontrava pessoas” (João Carlos Abreu)

“quando o Golden fecha, os habitues passam para o Apolo, uns ficam mas ouros voltam quando abre novamente o Golden” (João Carlos Abreu)

“Era o meu café, o meu café não era o Apolo, era o Golden (...) o Golden sempre foi o meu café de eleição, mesmo agora só vou ao Apolo para ver as amigas, porque o café que gosto de estar é o Golden” (Fátima Marques)

“Nessa altura haviam três sítios no Funchal para onde as pessoas iam, eram o Golden, em frente ao Apolo, naquela rua passavam carros e então paravam em espinha, portanto reunia-se muita gente em frente aos carros do Apolo, e o terceiro lugar era em frente ao governo regional, no passeio haviam duas paragens de autocarros e era lá que se reuniam” (Margarida Tomás)

“Todo o espaço entre o Apolo e o Golden era muito frequentado e eu frequentei muitas vezes” (José Berenguer)

“Era um espaço de referência, um local de referência de modo que frequentar sobretudo o Golden e o Apolo, podíamos encontrar pessoas de um estatuto social mais elevado, com um pouco mais de cultura” (José Berenguer)

“Pode haver muitos cafés antigos no Funchal, há o café Ritz, mas não tem a dimensão do Golden, como um paradigma de antiguidade” (Fátima Marques)

“Havia uma grande concentração entre o Golden e os três cafés, ali abaixo da Sé, logo a cidade passava toda por ali, era o Coral, o Café Funchal e o Apolo” (Rui Carita)

Alguns ainda se recordam até do interior do Golden, da sua decoração, do seu ambiente, e até da sua comida, pois aquele espaço foi para muitos, lugar de “momentos inesquecíveis, momentos bem vividos, momentos agradáveis, momentos felizes, interessantes e engraçados” (José Berenguer). Para José Júlio como para muitos, o que acontecia lá eram “casos paradigmáticos”, casos e pessoas que ficaram para a memória.

“No Hotel antigo tinha um lustro em bronze muito bonito, que me fascinava muito (..) era um Hotel que tinha muita característica” (João Carlos Abreu)

“Há um pudim que eles faziam no hotel, que se chama pudim Madeira, que eu tenho a receita do livro da minha avó, mas como tudo em antigamente eles normalmente alteravam as receitas para as pessoas não fazerem copias, e já tentei fazer o pudim várias vezes e não fica igual, esse pudim era delicioso!” (Margarida Tomás)

“as paredes eram feitas com azulejos pequeninos de piscina, azul turquesa e na parede do fundo tinha um desenho, um pássaro” (Margarida Tomás)

“No interior as mesas e cadeiras eram em vime, a esplanada também, (...) era um espaço engraçado, e onde se comia muitíssimo bem, atenção! Um prego no Golden era uma maravilha, isto à quarenta e tal anos” (José Berenguer).

“Havia uma coleção enorme de vinhos de uma das caves do hotel mas um dia um empregado bêbado deitou tudo a baixo pela década de 60, 70” (Margarida Tomás)

“Os empregados eram figuras conhecidas, carismáticas do Golden, haviam empregados ali que trabalharam uma vida, mais de 50 anos (...) eram pessoa extremamente atenciosas, amáveis, tratavam bem os clientes, eram pessoas educadas, (...) são pessoas recordáveis, (...) havia muita disciplina” (José Berenguer)

“Havia um empregado de mesa, António Pereira, que era conhecido como ‘o pintor’, ele falava aos clientes que fazia retratos e os clientes traziam nos dias seguintes uma fotografia e o senhor António pintava em sua casa os quadros, grandes e pequenos e demorava uns 2 a 3 dias e depois vendia a esses senhores” (Abel Rebolo)

“eram pessoas muito boas, muito educadas (...) As pessoas tratavam-se de outra maneira, mais atenciosas, mais predispostas a ajudar” (Margarida Tomás)

“era como se fosse uma família ali dentro, os empregados sempre tiveram um grande peso naquela história toda, porque eles é que faziam com que as pessoas voltassem ali, eram bem-educados, simpáticos, desempenhavam um papel, era uma espécie de teatro, no fundo” (João Carlos Abreu)

“Nessa altura também paravam muitos estrangeiros ali que vinham dos vapores do Cabo que vinham da Inglaterra com destino a Africa do Sul (...) Ou os barcos madeirenses que vinham de Africa e as pessoas vinham para o cais e espalhavam-se pela cidade e havia muita gente que parava no Golden no café para descansar” (José Júlio)

“Era tudo organizado, meticoloso, havia de facto um grande requinte, em tudo” (José Berenguer)

“As pessoas sentiam como um refúgio, sentiam-se protegidas devido à exclusividade do Golden” (Margarida Tomás)

Na década de 70, aquando da escassez de moedas de 50 centavos e 1 escudo devido à sua retirada para trocar por moedas de bronze, o Golden dava aos clientes o troco em vales, com esses mesmos valores, carimbando-os (havia dois tipos de carimbo) para mais tarde serem lá usados. Estes foram encontrados e registados por Nestor Fatia Vital⁴⁸, perito em numismática que atribuiu ao período de 1972/3 a edição desses vales com valor de 50 centavos e 1 escudo. Estes ficaram conhecidos na população madeirense, por pecúnias, nome aludido a uma moeda insulana madeirense emitida no século XIX, na década de 40.

⁴⁸ Informação e imagens disponíveis em: <http://www.forum-numismatica.com/viewtopic.php?t=23017>



Imagem II.b.ii.15 – Vales de 1 escudo e 50 centavos do Golden Gate Grand Café na década de 1970 – Fonte: Nestor Fatia Vital- Adaptado de “Fórum Numismático”

A década de 70 foi o ponto de viragem para a história do Golden Gate. Gastão Thomaz, era na altura o proprietário do café e do hotel, herdou esta propriedade pela mãe, Gabriela, que por sua vez herdou, em 1929, do seu pai Manoel Gomes da Silva. Mas na altura as condutas davam mais importância aos homens, por isso o nome Thomaz ficou como ligado ao Golden, sendo João Rodrigo Thomaz, quem casou com a filha do proprietário, Gabriela. Ficou conhecido como o ‘Thomaz do Golden’, que entrava nas discussões dos seus clientes que por sua vez eram amigos, os tais homens das mesas que “metiam respeito”. O cognome ‘Thomaz do Golden’ continuou a circular pois o seu filho, Gastão Thomaz, continuou a gerir o Golden Gate.

“O velho Thomaz do Golden, era uma figura também interessante, andava sempre ali, andava depressa” (João Carlos Abreu)

“Há uma história engraçada, que um dia o Dr. Aníbal Faria, eu estava ao pé e ouvi essa história, eram em tipo de gozo, enfim, contavam muitas histórias e esta em particular foi um sonho que o Dr. Aníbal Faria tinha tido, e um dia pela manhã o Dr. Aníbal faria diz ‘Oh Tomás! Opá! Vocês querem saber uma coisa? Tive um sonho, uma coisa terrível’ O Dr. Aníbal Faria é psiquiatra, era um homem, enfim, saía-se com umas histórias. ‘Tive um sonho esta noite, vocês nem queiram saber, ainda por cima com este gajo (que era o Tomás) (...)’ (José Berenguer)

Gastão Thomaz decide em 1971 fazer obras de ampliação e melhoramento do hotel, pretendiam acrescentar mais um andar e até construir uma piscina no seu terraço, pretendia

mudar também a porta de entrada para a Rua das Murças, para não incomodar mais o café. No entanto em 1974, dá-se a 25 de Abril, uma revolta que mudará Portugal para sempre. O Golden continua nestes últimos suspiros a ser palco das discussões políticas, podia não haver partidos, mas como diz Rui Cartita “cada pessoa é uma opinião, é um partido político”. Nessa altura Américo Tomás e Marcelo Caetano passaram pela Madeira a caminho do exílio e ficaram no palácio de São Lourenço, logo em frente do Golden onde “os reacionários iam para a varanda do Golden dizer mal dos que estavam em baixo a mandar os que estavam no palácio ir embora” (Margarida Tomás).

“Logo após o 25 de Abril foi ali no Golden, nessa altura eu era locutor de rádio na Estação Radio da Madeira, foi ali que se preparou numa reunião com a Teresa Portela, que veio de Lisboa de propósito à Madeira, para iniciarmos uma espécie de ‘guerra’, de uma manifestação para expulsar os diretores da RTP Madeira e da Estação Rádio Madeira. (...) ela veio para cá para fazer o saneamento do antigo diretor da RTP, Engenheiro Assis Correia e o Dr. Simão Mendes, censor da rádio (...) Manifestação preparada ali no interior do Golden na parte da manhã, e na parte da tarde avançamos para a Estação Rádio Madeira (...) nessa reunião estavam elementos dos órgãos de comunicação social como Ramos Teixeira da RTP, Manuel Correia, Armindo Abreu, Juvenal Xavier, entre outros” (José Berenguer)

Muitos recebem a Revolução dos Cravos como um sinónimo de prosperidade, outros como o caminho para o seu fim. Com o hotel em obras durante esta mudança radical no país, acabou por ir à falência devido aos problemas com os sindicatos da construção civil e também aos juros elevados cobrados pelos bancos. Estas dívidas fizeram com que Gastão Thomaz vende-se todo o prédio, quer o hotel, quer o café, ao Governo Regional. No entanto, como o Golden era estimado por todos, o Governo pediu a Gastão que continua-se a explorar o café, mas apenas no primeiro andar, o andar da varanda, enquanto os escritórios do Governo não estivessem prontos. Funciona assim durante algum tempo e fecha a 1978 quando a 18 de Agosto se procede à escritura de promessa de compra e venda 59.500.000\$00 (cinquenta e nove mil e quinhentos contos) e de trespasse 500.000\$00 (quinhentos mil escudos) do edifício e restaurante pelos seus proprietários e o promitente-comprador o Governo Regional da Madeira. Este negócio teve a sua conclusão um ano depois a 07/08/1979 com execução da Escritura da Compra e Venda e Trepasse, esta tem como 1ª outorgante a Sociedade João Carlos de Aguiar e Câmara, Sucessores, Lda., representada pelos sócios: Gastão Olegário da Silva Rodrigues Tomás, Maria Tula Amaral Victorino Mendes, Maria da Paz Tomás Pereira de Gouveia, Ana Isabel Tomás Pereira de Gouveia Manso de Sousa e Joaquim Carlos Tomás Pereira de Gouveia; e a RAM-SRES (Região Autónoma da Madeira Secretaria Regional do Equipamento Social) como segundo outorgante.

Na opinião de Margarida Tomás, filha de Gastão, é “uma geração a construir e duas a destruir”, ainda hoje sente um pesar quando lá passa, e tenta sempre o evitar porque ainda resta mágoas, “devido à minha idade, só assisti ao fim”. O seu pai, sente esta perda de uma forma mais intensa e magoado destrói objetos, papéis, tudo o que estava relacionado com o Golden Gate.

“Depois do 25 de abril ‘abandalhou-se’, as pessoas perderam uma certa classe (...) perdeu-se uma série de valores a todos os níveis, antigamente havia mais respeito pelas pessoas de classe, perdeu-se o servilismo. (José Berenguer)

No lugar térreo do Golden, nasce a 1974/75 o BPA (Banco Português do Atlântico) que funcionou nesse espaço até 1997. O BPA ficou também com a posse do primeiro andar, e deu de exploração, através do Contrato de Concessão a 31/12/1981, a Ismael Francisco Gomes Camacho e a José Manuel Gomes Jardim. Exploraram e deram de novo vida ao Golden Gate em Março de 1982, com uma renda mensal de 141.000\$00 escudos, apenas em formato café/restaurante. Para uns foi recebido com entusiasmo, para outros com desânimo devido à perda de qualidade, “é a partir daí que o espaço entra em decadência, começa a perder um certo valor” (José Berenguer), “entrou em decadência mas nunca deixou de ter gente, abriam outros lugares mas nenhum na verdade tem aquela localização fantástica de ser o tal encontro com o Mundo” (João Carlos Abreu). A sua entrada passa a ser por onde era a porta do antigo hotel, onde é hoje a agência de viagens Top Atlântico, havia uma escadaria emblemática que levava as pessoas ao centro do café. Na década de 80 e 90 é que a varanda é mais usada pois foi como uma transportação da qualidade de esplanada do andar térreo, para o andar superior. Foi nessa varanda que Abel recorda de fazer amizades com vários jovens, já dizia que eram “belos tempos para a gente conhecer gente”. As suas cadeiras eram de plástico, as de dentro eram de madeira, e as paredes tinham quadros de flores da ilha.

“Ambiente selecionado, calmo”

“ O barulho dos clientes já dava ambiente ao café”

Em 1997 o Golden volta a nascer no piso térreo devido à iniciativa da administração do banco que lá ocupava o espaço. Jorge Jardim Gonçalves, na opinião de João Carlos Abreu é um homem que deverá ser muito elogiado, apesar de saber que aquele era o local próprio para o banco, ele preferiu renunciar a esse espaço para restituir o café à cidade. Como antigo cliente do Golden, conhecia como todos a história do Golden, as memórias e a importante presença daquele café na cidade.

“o Golden tem um *background* muito grande, tem uma história muito grande, tem um peso na vida de todos nós, quem ama a cidade ama o Golden, faz parte integrante da cidade, tal como a catedral é uma referência, o Golden é uma referência” (João Carlos Abreu)

“Para grande amargura de muitas pessoas o café foi transformado num banco (...) quem fez reviver o café foi o Jorge Jardim Gonçalves, que é madeirense e era o Presidente do Concelho de Administração do Banco BPA, foi ele que fundou o banco (...) um dia ele pensa, teve esta ideia brilhante de restituir à cidade o café, em troca o Governo dá-lhe uma parte de cima e deixa o café todo livre (...) e dá de exploração ao Luís Camacho” (João Carlos Abreu)

Assim, ainda na família Camacho, Jorge Jardim Gonçalves dá a exploração do café com os seus dois andares a Margarida Camacho e o seu filho Luís Camacho, através do grupo Regency Hoteis & Resorts. Começa uma nova fase do Golden Gate em 1997 sendo a sua reabertura a 15 de dezembro. Nesse ano o Golden é alvo de notícias em jornais onde debatem esta alegria do novo Golden, do regresso, elogiando a iniciativa, relembrando memórias do passado como as personalidades que lá faziam de segunda casa e rematando os melhoramentos que são feitos, desde aos pratos confeccionados à decoração do interior e exterior. O *Diário de Notícias* pública a 22/10/1997 “De Novo, o café antigo” e o *Jornal da Madeira* publica a 15/12/1997 “Golden Gate: a nova esquina do Mundo”, e a 17/12/1997 “O renascimento do antigo Golden, Recuperação inspirada nos anos 80”.



Imagem II.b.ii.16 – Golden Gate Grand Café em 1997 – Fonte: Jornal da Madeira

“Meticulosamente renovado pelo grupo BCP/BPA”⁴⁹ e pelo grupo “Regency Hotels & Resorts”⁵⁰ este Golden dos finais do século XX permanece com a arquitetura moderna da sua última transformação em 1959, e apenas altera o seu andar térreo em homenagem ao Golden do início do século XX. Não se trata de uma réplica, mas de uma reinvenção de um determinado momento histórico, não podendo ignorar a estrutura de prédio de seis andares o projeto arquitetónico tenta equilibrar “permitindo uma saudável convivência da expressão arquitetónica do edifício e da imagem exterior do café”⁵¹. Volta a ser fechado, com a sua porta principal na própria esquina, retoma a tradição das cadeiras de vime, as mesas e o desenho da escadaria em ferro forjado, as grandes ventoinhas douradas, os azulejos verde escuro (fabricados à medida dos originais), as cantarias de basalto que revestem as portas e janelas e os toldos às riscas. Têm ainda o gosto pela história e pela cultura e por sua vez em homenagem ao Golden, colocam nas paredes quadros de grande dimensão com fotografias do Golden em várias épocas distintas. Na varanda desaparece o símbolo do Golden, ainda hoje não se sabe o seu paradeiro, e diminui parcialmente, de 12 janelas para 8 (lateral da Avenida Arriaga) e os tapa-sóis do restante prédio deixam de ter a característica amarela. Neste Golden serão servidas refeições elaboradas pelo chefe executivo do Reid’s Palace, Peter Brennan, privilegiando a cozinha portuguesa, madeirense, chinesa e japonesa.



Imagem II.b.ii.17 Interior do Golden Gate Grand Café entre 1997-2013 – Adaptado de “Foursquare city guide”

⁴⁹ Sem autor (1997), “Golden Gate: a nova esquina do Mundo” in *Jornal da Madeira- Destacável*, Funchal, Segunda-feira, 15 de Dezembro de 1997, p.1-3

⁵⁰ Moura, Sara (2003), “Golden recria século XIX” in *Diário de Notícias-Suplemento Cultura e Espetáculos*, Funchal, 28-4-2003, p.10

⁵¹ Sem autor (1997), “O renascimento do antigo Golden, Recuperação inspirada nos anos 80” in *Jornal da Madeira*, Funchal, Quarta-Feira, 17 de Dezembro de 1997, p.25



Imagem II.b.ii.18 Interior do Golden Gate Grand Café em 2011 – Fonte: Diário de Notícias

“Neste contexto, a mais simples e natural correspondência do público à obra de bom gosto, ao investimento de categoria, que melhora a oferta turística do Funchal e serve a qualidade de vida dos funchalenses, será previsivelmente a da frequência e reanimação do velho e roçado Café que, assim reimplantado agora, mergulhando raízes em tempos remotos, se projetará por certo, com vigor próprio e proveito geral, nos anos futuros”⁵²

⁵² Sem autor (1997), “De Novo, o café antigo” in *Diário de Notícias*, Funchal, 22-10-1997, p.16

Tertúlia, Saudade, Vigor (Século- XXI)

“São lugares com alma dentro. São lugares que guardam histórias escondidas em todos os recantos, em todos os objetos, nos olhares que se vão pousando em cada coisa e desencadeando outras memórias”

Alberto Vieira 2016

“No Golden Gate cheirava a tabaco e a café aromático do Brasil arrefecendo na mesa cheia de conversa cinzeiros copos de brandy e jornais sobre as cadeiras de vime cansado”.

José António Gonçalves 2004⁵³

Uma cidade e os espaços nela presente, são meros esqueletos se não forem vividos e dinamizados. A identidade e as memórias da cidade do Funchal têm sido protegidas, preservadas, reabilitadas e divulgadas através do regionalismo e carinho pela história. Assim, o Golden Gate passa a Património Histórico do Funchal, em 2001, recebe uma placa com esse mesmo título e com o agradecimento ao Banco Comercial Português pela devolução do café à cidade. Homenageia também Ferreira de Castro, com uma efígie de bronze, pelas suas palavras que fizeram o Golden ser ainda hoje denominado de “esquina do mundo”.



Imagem II.c.1- Busto de Ferreira de Castro nas paredes do Golden Gate Grand Café – Fonte: Autora - 2020

⁵³ Estrofe do poema “Dias Húmidos na Ilha”



Imagem II.c.2 – Homenagem a Ferreira de Castro transcrevendo o verso de uma das esquinas do mundo -
Fonte: Autora - 2020



Imagem II.c.3 – Golden descrito como Património Histórico do Funchal, homenagem a Ferreira de Castro e ao Banco Comercial do Atlântico - Fonte: Autora - 2020

Para voltar a dinamizar, dar vida e animar esta esquina, e tornar novamente um lugar de tertúlias, Maria do Carmo Santos, professora de inglês na Escola Secundária Jaime Moniz, diretora da Biblioteca de Culturas Estrangeiras da Direção Regional dos Assuntos Culturais, “uma senhora de muitas posses, uma senhora cheia de vontade de viver, vontade de inovar, vontade de fazer coisas, resolveu criar no Golden (...) uma série de tertúlias” (Fátima Marques). Assim em 2002 dá-se início a uma sucessão de tertúlias literárias no Golden Gate para manter o hábito do desejo e debate da cultura nos madeirenses⁵⁴ e como dizia Maria do Carmo “um povo sem conhecimentos fundamentais de literatura é um povo triste⁵⁵”. A primeira tertúlia foi realizada a 28 de fevereiro de 2002 pela professora de Português Fátima Marques, no qual invoca Ferreira de Castro e a sua obra “Eternidade” em homenagem às suas referências do Golden Gate no livro e pela designação que imortalizou o Golden como “uma das esquinas do Mundo”. Foi esse mesmo livro que criou o desejo a Fátima, como a tantos outro, de conhecer aquele café quando da sua primeira vinda à Madeira, mas também porque o seu pai guardava em sua casa uma fotografia emoldurada na porta do Golden Gate, nos anos 40, a engraxar os sapatos, daí sempre suscitar a curiosidade de conhecer aquele lugar, onde mais tarde seria o seu café de eleição após vir viver para a Madeira.

“A primeira vez que fui ao Golden, foi uma vez que fui viajar, tinha 16 anos. A primeira vez que vim à Madeira, fui ao Golden, mas era em cima (...) o Golden estava associado ao Funchal e era um café de referência pelo livro, que no meu tempo toda gente lia esse livro”

“Quando o meu pai vinha de férias cá, íamos todos os dias ao Golden comer uma torrada e uma chinesa”. Para além das memórias do seu pai, recorda com muita animação as tertúlias,

⁵⁴ M.D (2002), “Jantar Literário revivem tradição no Golden Gate” in *Jornal da Madeira*, Funchal, 26-2-2002, p.15

⁵⁵ Maria do Carmo Santos apud Rocha, Luís (2002), “Tertúlia literária em breve no ‘Golden’ “ in *Diário de Notícias*, Funchal, 8-2-2002, p.26

ademais de as ter inaugurado, assistiu a todas. Estas começavam com um pequeno cocktail, vinham acompanhadas com um jantar, às 20h, que por sua vez o menu era de acordo com o livro a ser apresentado, depois realizava-se uma conferência seguindo-se para um debate sobre a literatura. Várias quartas-feiras enchiam o Golden Gate de cultura, pelo preço de 20€, em cada um dos seis jantares desse ano, do qual podiam participar cerca de setenta pessoas.

“Como essa foi um sucesso, seguiram-se outras (...) Essas tertúlias tinham muita graça, porque ela era muito minuciosa, e ia aos livros procurar, se por acaso na narrativa havia alguma menção a comida (...) Então era o menu dessas tertúlias (...) aquilo tinha muita gente, toda gente ia a essas tertúlias, enchia a parte de cima, o convidado falava, e era servido um jantar que tinha haver um pouco com os livros (...) Isso foi um sucesso!” (Fátima Marques)

A segunda tertúlia⁵⁶, a 20 do mesmo mês pelas 19h45 com a presença de Maria Aurora Carvalho Homem, escritora e apresentadora de televisão, com o papel de oradora no qual apresentou “As ilhas em memória” do poeta madeirense José Agostinho Baptista. A terceira tertúlia⁵⁷ decorreu no dia 8 de Maio com a presença da convidada escritora madeirense, jornalista do Diário de Notícias Madeira e mais tarde Diretora do Diário de Notícias de Lisboa, Helena Marques. Abordou primeiramente a sua evolução do jornalismo à literatura, falou no conjunto das suas obras, e apresentou a nova obra que iria lançar “Os Íbis Vermelhos”.

Outubro, a dimensão foi grande, esta quarta tertúlia⁵⁸ teve como orador Francisco Fernandes, Secretário Regional da Educação na altura. Neste jantar, pelas 20h do dia 16, foi abordado a obra de Antoine de Saint-Exupère, “O Príncipezinho”, obra muito acarinha pelo orador, com o intuito de transmitir à plateia a importância da criança interior⁵⁹. Durante o mês de Outubro já se juntavam forças e meios para trazer a escritora Agustina Bessa-Luís aos jantares literários do Golden, e assim o conseguem realizar no dia 19 de Novembro com a sua presença. “Uma das tertúlias muito, muito importante foi feita pela Agustina Bessa Luís, e ela entretanto conseguiu trazer dois escritores” (Fátima Marques). Foi assim alvo de várias

⁵⁶ Rocha, Luís (2002), “Jantar Literário debate no dia 20 J.A. Baptista” in *Diário de Notícias*, Funchal, 15-3-2002, p.30

⁵⁷ Rocha, Luís (2002), “Escritora Helena Marques fará palestra no Golden Gate” in *Diário de Notícias*, Funchal, 17-4-2002, p.22

⁵⁸ Rocha, Luís (2002), “Golden Gate recomeça Jantares Literários” in *Diário de Notícias*, Funchal, 3-10-2002, p.20

Loja, Roberto (2002), “O Príncipezinho” in *Diário de Notícias*, Funchal, 11-10-20002, p.3

⁵⁹ Joaquim, Anete M. (2002), “ ‘O Príncipezinho’ no jantar do Golden” in *Jornal da Madeira*, Funchal, 17-10-2002, p.24

notícias nos jornais⁶⁰ devido à sua fama e à “brilhante conferência que realizou” (João Carlos Abreu). A oradora convidada, enche o Golden⁶¹ com um público interessado, tendo como assunto central a lenda de Machim numa comunicação intitulada “A Saudade de Ana de Arfet” e baseia-se na obra de D. Francisco Manuel de Melo, “Epanáfora Amorosa”, pois esta narra a lenda. Esta tertúlia iniciou-se com uma apresentação sobre a escritora e a sua obra que se passa na Madeira, “A Corte do Norte”, pela professora da Universidade da Madeira Teresa Nascimento.

Estes jantares “tertulianos” continuam a decorrer em 2003, assim alvo também de várias menções nos jornais⁶² foi o jantar literário mais dinamizado, em homenagem ao poeta madeirense Herberto Helder, no primeiro mês desse ano. No dia 22, pelas 20h Margarida Falcão, escritora e professora universitária, foi oradora da comunicação intitulada “Imagens da Madeira na poesia de Herberto Helder”, apesar de na sua poesia não ser explícita quanto à Madeira, Ana Margarida sentiu⁶³ que certos poemas descreviam a ilha, sendo essas quatro montagens de poemas declamados no jantar pela voz (em gravação) do próprio Herberto Helder. Este jantar foi ainda acompanhado de uma exposição de fotografias da Madeira dos anos 30 e 40. Essas oferecidas ao pai da oradora pela jornalista Maria Mendonça, e hoje no livro “Arquipélago da Madeira, Maravilha Atlântica” de Maria Lamas. E ainda dos desenhos de Diniz Conefrey sobre a poesia de Herberto, que são hoje encontrados no livro “Arquipélagos”, tudo isto ao som do pianista António Couto⁶⁴.

⁶⁰ Sem autor (2002), “Agustina Bessa-Luís em jantar no Golden” in *Jornal da Madeira- Suplemento Cultura Viva*, Funchal, 14-11-2002, p.II

⁶¹ Rocha Luís (2002), “Agustina enche o Golden” in *Diário de Notícias- Suplemento Cultura e Espetáculos*, Funchal, 21-11-2002, p.19

⁶² Sem autor (2003), “Herberto Helder no Golden Gate” in *Jornal da Madeira*, Funchal, 22-1-2003, p.18

⁶³ Gouveia, Odília (2003), “Poesia de Herberto Helder no Golden Gate” in *Notícias da Madeira*, Funchal, 23-2-2003, p.23

⁶⁴ Santos, Maria (2003), “Jantar literário em ambiente de tertúlia” in *Jornal da Madeira*, Funchal, 23-1-2003, p.21

Rocha, Luís (2003), “Herberto e as imagens da ilha” in *Diário de Notícias-Suplemento Cultura e Espetáculos*, Funchal, 24-1-2003, p. 23



Imagem II.c.4 – Margarida Falcão no jantar literário do Golden Gate no dia 22-01-2003 –
Fonte: Jornal da Madeira, Funchal, 23-1-2003, p.21



Imagem II.c.5 – João Carlos Abreu no jantar literário do Golden Gate no
dia 20-03-2003 – Fonte: Jornal da Madeira, Funchal, 21-3-2003, p.22

“Amor, poesia e sabedoria à volta de um livro”⁶⁵, foi o tema da seguinte tertúlia nas palavras de João Carlos Abreu. Na altura Secretário Regional do Turismo e Cultura e tendo já dedicado parte da sua vida à poesia e à prosa. Debateu no dia 20 de Março a sua obra “Dona Joana Rabo de Peixe” entre outras temáticas. Este jantar, pelas 20h, iniciou-se com uma pequena introdução à palestra, por João David Pinto Correia, professor universitário. João

⁶⁵ Rocha, Luís (2003), “João Carlos no Golden” in *Diário de Notícias-Suplemento Cultura e Espetáculos*, Funchal, 7-3-2003, p.19

Carlos, homem de grande prestígio na ilha teve também direito a várias menções nos jornais⁶⁶ sobre a sua obra e o carinho pelo qual declamou os seus feitos durante o jantar.

A saga dos jantares literários continua e desta vez, trazido pela Editora Ambar⁶⁷, o escritor, dramaturgo, jornalista, cantor, autor, professor⁶⁸ Jorge Letria que veio à Madeira de propósito participar nestas tertúlias. Esta decorreu no dia 5 de maio, pelas 20h⁶⁹, onde acompanhado pelo seu filho, apresentou a sua obra “Versos para os pais lerem aos filhos em noites de luar”. A introdução foi feita por Dina Pimentel, professora da Universidade da Madeira, e André Letria complementou a tertúlia com uma exposição de 43 ilustrações⁷⁰. O último jantar literário decorreu no dia 30 de Janeiro de 2004, novamente pelas 20h⁷¹ onde o orador convidado foi o psiquiatra e escritor Daniel Sampaio no qual abordou o seu percurso literário, profissional e as suas preocupações de natureza psicológica e social, temas de seus livros.⁷²



Imagem II.c.6- Daniel Sampaio no jantar literário do Golden Gate no dia 30-01-2004 – Fonte: Diário de Notícias-Suplemento Cultura e Espetáculos, Funchal, 31-1-2004, p.24

⁶⁶ Santos, Marisa (2003), “Literatura de volta ao Golden Gate” in *Jornal da Madeira*, Funchal, 18-3-2003, p.22

Dias, Catarina Costa (2003), “Tertúlia literária no Golden Gate” in *Notícias da Madeira*, Funchal, 21-3-2003, p.23

Joaquim, Anete M. (2003), “Jantar literário no Golden” in *Jornal da Madeira*, Funchal, 21-3-2003, p.22

⁶⁷ Dias, Catarina Costa (2003), “José Jorge Letria no Golden Gate” in *Notícias da Madeira*, Funchal, 30-4-2003, p.23

⁶⁸ Santos, Maria (2003), “Em Maio no Golden Gate -José Jorge Letria no Funchal” in *Jornal da Madeira*, Funchal, 15-4-2003, p.25

⁶⁹ Gouveia, Nuno (2003), “Jantar com Letria no Golden Gate” in *Notícias da Madeira*, Funchal, 28-4-2003, p.23

⁷⁰ Rocha, Luís (2003), “Jantar Literário no Golden com José Jorge Letria” in *Diário de Notícias-Suplemento Cultura e Espetáculos*, Funchal, 15-4-2003, p.20

⁷¹ Rocha, Luís (2004), “ Daniel Sampaio em ‘jantar literário’ no Golden” in *Diário de Notícias-Suplemento Cultura e Espetáculos*, Funchal, 27-1-2004, p.20

⁷² Rocha, Luís (2004), “ Daniel Sampaio no Golden” in *Diário de Notícias- Suplemento Cultura e Espetáculos*, Funchal, 31-1-2004, p.24

Não é possível conhecer a razão pela qual deixaram de acontecer, no entanto Maria do Carmo queria continuar a dinamizar o Golden, uma vez que este se posicionava para ser um núcleo cultural. “Organizavam as noites, as noites especiais do Golden Gate onde cantavam ou tocavam ou declamavam, pertence tudo a um role de iniciativas que tornou o Golden muito carismático”(João Carlos Abreu) e ainda tocava o pianista António Couto.

“Nas primeiras sextas e sábados, eu fui lá jantar, porque tocava esse rapaz que realmente é muito talentoso. Mas desapareceu também, porque as pessoas naquela altura não aderiram muito. No início sim mas depois foi desvanecendo.” (Fátima Marques)

Em 2007, o Golden recebe durante as noites de 26 e 27 de Janeiro um grupo musical, “Os Habitat” constituído por Paulo Ferraz, Luís Filipe, Rui Lima e Duarte Vasconcelos.⁷³ Realizam um pequeno evento cultural denominado de “4 Friends” que consistiu em dois concertos intimistas⁷⁴ intercalados com conversas, onde cantam para os amigos temas dos anos 70 e 80.



Imagem II.c.7,8 – Grupo “Os Habitat” no Golden Gate Grand Café a 26 e 27 de Janeiro de 2007 – Fonte: Jornal da Madeira, Funchal, 26-2-2007, p.13 e Jornal da Madeira, Funchal, 28-1-2007, p.12

Em 2004 o Funchal sofre alterações nas suas ruas (Anexo F), a Avenida Arriaga deixa de fazer parte da rede viária e passa a passeio público, mas apenas num dos lados, precisamente a da esplanada do Golden, oferecendo assim possibilidade deste expandir. Em 2013 a comunidade russa na região ofereceu, à Madeira uma efígie do pintor Karl Brullov

⁷³ Abreu, Paula (2007), “Cantar para amigos: elementos dos Habitat surgem com ‘4Friends’ no Golden Gate” in *Jornal da Madeira*, Funchal, 26-2-2007, p.13

⁷⁴ Gouveia, Odília (2007), “Habitat cantaram para amigos, ‘4 Friends’ animaram noite do Golden Gate” in *Jornal da Madeira*, Funchal, 28-1-2007, p.12

(1799-1852), pois este viveu na ilha durante algum tempo e era cliente assíduo do suposto⁷⁵ Golden. Essa efígie tinha como destino esse mesmo café onde passava as suas manhãs entre 1848 e 1850. No entanto como este foi oferecido numa altura em que o Golden estava a dar indícios de fechar, não o colocaram.



Imagem II.c.9 – Esplanada do Golden Gate Grand Café em 2008 – Fonte: Luke H. Gordon

O Golden continua assim durante mais uns anos, mas chega a 2014 e volta novamente a fechar portas. Este recanto de memórias fecha por dívidas na ordem dos 5,3 milhões de euros (3 milhões à Segurança Social, e 472 mil às Finanças e cerca de um milhão ao BCP) acumulados pela empresa Santolido. Dia 3 de Agosto de 2014 é o dia do seu encerramento. Este não foi calmo, 35 trabalhadores foram para o desemprego, deixam o Golden com protestos e manifestação⁷⁶. As portas encerradas do Golden Gate levam muitos à tristeza, à saudade, mesmo aqueles que nunca lá sentaram, sentiram um grande vazio na cidade, pois este, para além de ser o café de vários madeirenses, era já também paisagem integrante da cidade.

⁷⁵ “Suposto” porque este pintor frequentava todas as manhãs entre 1848 e 1850 (altura em que veio há ilha curar a tuberculose) e como a história da fundação do Golden está por fazer, acreditaram que era esse o café, no entanto este pode ter frequentado o café que lá existiu no mesmo lugar.

⁷⁶ Silva, Miguel e António Macedo Ferreira (2014), “Café do Golden fecha amanhã com manifestação” in *Diário De Notícias*, Funchal, 3-8-2014, p.20

“Senti uma certa pena porque aquilo era um marco da cidade” (José Júlio)

“Senti falta do Golden porque o associava às tardes com o meu pai, não gostei que tivesse fechado” (Fátima Marques)

“(…) realmente empobrece a cidade (…) No último dia em que o café esteve aberto, eu fui lá com os meus amigos e celebrei a memória do café, fazendo um brinde para que voltasse a abrir” (António Fournier, 2014)⁷⁷

“Senti uma profunda tristeza, senti que era uma parte da cidade que morria e quando reabre senti uma grande alegria” (João Carlos Abreu)

“Tudo se tem feito a bem do progresso, mostrando o nosso intenso regionalismo, como símbolo de amor e carinho à terra onde nascemos.” (Caldeira, 1964: 23). No tempo em que esteve fechado, havia sempre a inquietação de voltar a reabri-lo, apesar de haver um impasse devido a relações processuais porque a existência de uma parte pertencente a privados, o Millennium BCP (90 m2), e outra, mais de 70%, pertencer ao património da região (240 m2), tentou-se procurar uma solução.⁷⁸ Perante esta situação o banco estava disposto a vender a sua parte e depois de avanços e recuos é ponto assente para que ambas as partes façam uma venda em conjunto através de hasta pública, sendo o valor da venda repartido em partes iguais⁷⁹. O processo negocial encerrou com um protocolo de entendimento, cuja minuta foi aprovada pelo Conselho do Governo de então e que estabeleceu a regularização do edifício Golden e a alienação da fração, onde se encontra instalado o estabelecimento comercial café Golden Gate. Após a constituição da nova propriedade horizontal a RAM e o BCP procederam à realização da hasta pública nos termos do Decreto Legislativo Regional nº7/2012/M de 20 de Abril, pelo valor base de 2 milhões de euros.

A hasta pública, promovida pela Direção Regional do Património e de Gestão de serviços Partilhados⁸⁰, realizada a 22 de novembro de 2016⁸¹, com mais de 30 interessados, foi muito disputada acabando por ser comprada pelo valor de 4, 7 milhões (4.748.056 euros). Quem licitou foi a empresa *Golden Medal* representada pelo advogado Alves Teixeira, informando posteriormente que a sociedade pertence a João Dionísio de Sousa, emigrante madeirense na Venezuela. O novo proprietário não pode dar-lhe outro uso senão o de

⁷⁷ Henriques, Paula (2014), “Golden Gate em livro” in *Diário de Notícias*, Funchal, 17-8-2014, p.26

⁷⁸ Oliveira, Ricardo Miguel (2016), “ ‘Golden Gate’ deverá ser vendido em hasta pública” in *Diário de Notícias*, Funchal, 12-3-2016, p.10

⁷⁹ Silva, Agostinho (2016), “ ‘Golden’ vendido no verão pelo valor mais alto” in *Diário de Notícias*, Funchal, 6-5-2016, p.20

⁸⁰ Silva, Agostinho (2016), “Golden: leilão do ano é hoje” in *Diário de Notícias*, Funchal, 22-11-2016, p.17

⁸¹ Luís, Miguel Fernandes (2016), “Eis o homem que deu 4,7 milhões pelo Golden” in *Diário de Notícias*, Funchal, 23-11-2016, p. 1-3

restauração, nem outro nome que não “Golden Gate “, conforme consta do caderno de encargos.

No entanto, este fator da atribuição do mesmo nome que perdura desde a década de 1890, não foi bem aceite pela família que fez nascer o Golden. Em 2017, dias depois do Golden abrir, sai no *Diário de Notícias*, um comunicado que surpreende muitos. “Golden Gate dá Brado”⁸², esta notícia vem mostrar a indignação dos descendentes de Manoel Gomes da Silva, o primeiro proprietário, pelo facto deste novo dono utilizar o nome sem permissão. Mariana Medeiros, neta de Gastão Thomaz, dias depois de concluída a hasta pública para a venda do Golden, fez o pedido de registo da marca ao Instituto Nacional da Propriedade Industrial, a 28 de Novembro. Desde 5 de Abril de 2017 é marca nacional registada na classe 43, a Serviços de Restauração e Alojamento. No entanto, apesar de ameaças ao atual dono, este não cede, de modo que hoje em dia ainda não se sabe o futuro desta situação caricata.



Imagem II.c.10 – Entrevista a Mariana Medeiros, trisneta do primeiro proprietário- Fonte: Diário de Notícias, Funchal, 9-6-2017, p.1-3

Em relação ao restante prédio que são mais de 5 mil m2 de área bruta de construção de todo o edifício de 9 andares já está para ser vendido ou arrendado a algum tempo. O edifício foi pela primeira vez em 2018, depois das remodelações, a hasta pública com o preço base de 12,6 milhões de euros, no entanto o Governo não recebeu nenhuma proposta para o seu arrendamento em nenhuma das três hastas públicas realizadas, uma em setembro, outra em outubro, já com o valor base em 11,9 milhões e a última em dezembro. Em 2018 no edifício

⁸² Oliveira, Ricardo Miguel (2017), “ ‘Golden Gate’ dá Brado. Neta do antigo proprietário regista marca ‘Golden Gate’ “ in *Diário de Notícias*, Funchal, 9-6-2017, p.1-3

Golden funcionava serviços públicos como a Secretaria da Agricultura e Pescas, Instituto de Desenvolvimento Empresarial e Direção Regional do Património.

Após obras e remodelações, que custaram 7 milhões, o Golden Gate Grand Café foi reinaugurado no dia 1 de Julho de 2017, dia da Região Autónoma da Madeira e Comunidades Madeirenses, pelo presidente do Governo Regional Miguel Albuquerque e pelo presidente da Câmara Municipal do Funchal, Paulo Cafôfo. Momento de muita animação com música e cerca de 500 pessoas⁸³ que esperavam ansiosamente o regressos do estimado café Golden Gate. Abriu assim as portas aos seus clientes no dia seguinte.



Imagem II.c.11 – Reinauguração do Golden Gate Grand Café a 01-07-2017 – Fonte :Jornal da Madeira, Funchal, 01-07-2017



Imagem II.c.12 – Novo proprietário, João Dionísio de Sousa, família e Presidente da Câmara do Funchal Paulo Cafôfo na reinauguração do Golden Gate Grand Café a 01-07-2017 – Fonte: *Jornal da Madeira*, Funchal, 01-07-2017

⁸³ Ferreira, Andreína (2017), “Golden Gate Café voltou ‘com cara renovada’ “ in *Diário de Notícias*, Funchal, 2-7-2017, p.5

Dionísio de Sousa, proprietário também do restaurante-estalagem “Montanha”, concretizou um sonho de criança⁸⁴ ao adquirir o Golden. Entre os seus 10 e 12 anos ia ao Golden Gate com o seu pai quando o acompanhava nos seus negócios. Anos mais tarde sempre que vinha à Madeira, frequentava o Golden, com o sonho de aquele “palácio” ser seu, e assim foi, depois de 57 anos emigrado na Venezuela. Sente-se feliz em ter devolvido o Golden ao Funchal, e um grande apreço quando vê os madeirenses a entrarem satisfeitos⁸⁵ no seu café, hoje administrado pelo seu filho Dr. Charles Denis de Sousa.



Imagem II.c.13- Homenagem à reabertura e ao novo proprietário do Golden Gate Grand Café – Fonte: Autora (2020)

Este novo Golden, em pleno século XXI, é o Golden que mais se parece, por fora, com o do início do século XX. Foi em homenagem à sua história, que os desenhos das varandas retomam o estilo clássico ornamentado, as luzes nas paredes são também no estilo de outros tempos, as cadeiras de vimes continuam a circundar as paredes do Golden em ambas as ruas, e os empregados, voltaram a ter a sua farda preta e branca, mas desta vez com pormenores diferentes. A restante esplanada cresceu, apesar de não serem todas as cadeiras de vime, tiveram o cuidado de escolher cadeiras que se assemelhassem a essas. Nos primeiros tempos esta era fechada por uma corda branca de limitação, mas a partir de 2018, para uma maior comodidade e privacidade, colocaram placas de vidro, que para muitos foi alvo de crítica. O Golden tem agora um novo símbolo na parede, novamente em homenagem à sua história, pois retrata o Golden do início do século XX, e marca a suposta data de origem. E ainda nos

⁸⁴ Madeira, Antena 1 (2017, Novembro 22). O Golden Gate, na "esquina do mundo" do Funchal abriu há 176 anos. In RTPplay Há que tempo. Disponível em: <https://www.rtp.pt/play/p2986/e317169/ha-que-tempos>

⁸⁵ *ibidem*

beirais das varandas foi colocado o nome do café também em dourado para representar o ouro quer do nome, quer da riqueza daquela esquina do mundo. O seu interior ficou mais requintado, nomeadamente o andar superior. No restaurante servem pratos de cozinha italiana e portuguesa, nomeadamente madeirense, na varanda também são servidas refeições e/ou serviços de cafetaria. Dionísio teve também em atenção à própria escadaria, pois quis devolver o seu lugar original no centro do espaço, como em outrora.



Imagem II.c.14 – Golden Gate Grand Café em 2017 – Adaptado de Revista “Essential”



Imagem II.c.15 – Esplanada do Golden Gate Grand Café em 2017 – Adaptado de “Funchal Notícias”



Imagem II.c.16 – Golden Gate Grand Café em 2018 – Adaptado de “Trip Adviser”



Imagem II.c.17 – Golden Gate Grand Café em 2017 – Adaptado de “Diário de Notícias”



Imagem II.c.18 – Cartão do Golden Gate Grand Café em 2019 – Adaptado de “Trip Adviser”



Imagem II.c.19 – Papel de mesa do Golden Gate Grand Café em 2019 – Adaptado de “Trip Adviser”



Imagem II.c.20 – Escadaria do Golden Gate Grand Café em 2017 – Adaptado do website “Golden Gate”
(<http://www.goldengate.pt/>)



Imagem II.c.21 – Golden Gate Grand Café em 2017 – Adaptado do website “Golden Gate”
(<http://www.goldengate.pt/>)



Imagem II.c.22 – Varanda do Golden Gate Grand Café em 2018 – Adaptado de “Funchal Daily Photo”
(<https://www.funchaldailyphoto.com/>)



Imagem II.c.23 – Cozinha do Golden Gate Grand Café em 2019 – Adaptado de “Trip Adviser”



Imagem II.c.24 – Empregados de mesa do Golden Gate Grand Café em 2018 – Adaptado de “Trip Adviser”



Imagem II.c.25 – Mesa e cardápio do Golden Gate Grand Café em 2020 – Adaptado do Instagram da empresa Golden Gate



Imagem II.c.26,27,28,29 – Pratos do Golden Gate Grand Café em 2019 – Adaptado de “Trip Adviser”

Em 2019, nas celebrações dos 600 Anos da Madeira, foram realizados no Golden, no dia 12 de julho, um evento que abrangeu a exposição de pinturas, representações teatrais e tertúlias, sobre as revoltas e motins na história da Madeira e Porto Santo. A exposição, tal como este evento, têm como autora a Professora Margarida Jardim de Freitas, a apresentação teatral foi realizada pelo Teatro Experimental do Funchal, e a tertúlia teve como participantes Dr. Guilherme Silva, pelo Dr. Marcelino de Castro, Diretor da Revista "Islenha", pelo Historiador Dr. Emanuel Janes e Dr. Alberto João Jardim.

O Golden está nas memórias de muitos, por tal um projeto em sua homenagem está a ser realizado desde 2014, trata-se da produção de um livro com contos sobre dias inesquecíveis naquele café. Quem teve esta iniciativa foi o escritor e investigador António Fournier, mas com o seu falecimento, Rui Teles tomou o comando, dando continuidade, agora também em homenagem a Fournier. Pelas histórias e memórias que o Golden proporcionou aos madeirenses, Fournier decidiu criar uma antologia que junta dez contos de histórias memoráveis e singulares no “palco” do Golden Gate. Motivado pela necessidade de consolidar a memória literária do Funchal. Este livro terá o prazer de acolher a escrita de nove escritores madeirenses e um escritor nacional, António Torrado, que teve a oportunidade de conhecer também o ambiente do café Golden. Os escritores madeirenses são então, pela sua ligação com o café, Ana Margarida Falcão, João Carlos Abreu, Irene Lucília Andrade, Margarida Gonçalves Marques, Graça Alves, Francisco Fernandes, Francisco Pestana e o próprio António Fournier com o conto “Aquele Portão Dourado” que fala sobre os submarinos no Funchal nos tempos de guerra. Todos estes contos direcionados para “uma pequena homenagem ao Funchal vista através do Golden, como se o Golden fosse uma câmara fotográfica que fotografasse o Funchal e as pessoas estivessem ali e vissem o Funchal à sua volta”⁸⁶.

⁸⁶ António Fournier apud Henriques, Paula (2014) “Golden Gate em livro” in *Diário de Notícias*, Funchal, 17-8-2014, p.26

Considerações Finais

O estudo sobre o Golden Gate teve como principal objetivo uma memória descritiva do café em si e de como este influenciou a vida da cidade através do seu carácter e das suas transformações. Os primeiros 100 anos de vida do Golden foram estudados a partir de livros, documentos, jornais e imagens. Foi ainda necessário a datação de várias fotografias, tendo em conta a história da própria cidade que ajudou a definir certas épocas. Já as memórias a partir da década de 50 do século XX, foram recuperadas pelo diálogo com clientes, proprietários e empregados do Golden Gate, que proporcionaram-me facilidade na descrição destes restantes 79 anos, mesmo que interrompidos.

Considerando o peso histórico e social deste café na cidade do Funchal é entendido que tem as qualidades e características de um Café Histórico. Uma vez que não há definição de Café Histórico, este será comparado a um monumento histórico, como fez Nuno Mendes⁸⁷. Tal como um monumento, o Golden tem valor para a história, desde acontecimentos sociais, culturais, económicos e políticos. Tem valor estético/artístico que permite conhecer as realidades artísticas que caracterizam o gosto e valores de sociedades do passado e tem também valor de memória. Apesar deste último ser apenas do campo da arquitetura, é relevante para a definição de Café Histórico, pois “a arquitetura é o único meio de que dispomos para conservar vivo um laço com um passado, ao qual devemos a nossa identidade, e que é constitutivo do nosso ser” (Mendes, 2012: 56). Uma vez que o Golden sofre várias transformações, e nas suas últimas duas tentou sempre recriar um pouco do Golden de outrora, é visível esse cuidado pela memória através da arquitetura e da decoração, daí também ser uma das razões que o BPA devolveu o café ao seu lugar. É reforçada a definição do Golden Gate como um monumento histórico pela definição desse na *Carta de Veneza*⁸⁸, quando afirma que o é quando são “patentes os testemunhos de uma civilização particular, de uma fase significativa da evolução ou do progresso, ou de algum acontecimento histórico” (Mendes, 2012: 53). O Golden sendo um Café Histórico que atingiu um valor cultural significativo, pode ainda ser um bem patrimonial, analisando a Lei das bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural *N.º 107/2001 de 8 de Setembro*, no

⁸⁷ Mendes, Nuno (2012), *Cafés Históricos do Porto, Na demanda de um património ignoto*, Dissertação de Mestrado em História da Arte Portuguesa, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto

⁸⁸ Carta Internacional sobre a Conservação e Restauro dos Monumentos e dos Sítios

seu Artigo 17.º é nos dado a conhecer os critérios de definição, valorização e proteção de um monumento histórico:

“a) o carácter matricial do bem; b) o génio do respetivo criador; c) o interesse do bem como testemunho simbólico ou religioso; d) o interesse do bem como testemunho notável de vivências ou factos históricos; e) o valor estético, técnico ou material intrínseco do bem; f) a conceção arquitetónica, urbanística e paisagística; g) a extensão do bem e o que nele se reflete do ponto de vista da memória coletiva; h) a importância do bem do ponto de vista da investigação histórica ou científica; i) as circunstâncias suscetíveis de acarretarem diminuição ou perda da perenidade ou da integridade do bem”⁸⁹

Sendo o termo *bem* definido pela *Carta de Burra*⁹⁰ como “um local, uma zona, um edifício (...) que possuam uma significação cultural” (Mendes, 2012: 54), percebemos que o Golden Gate é portador dessas características.

É neste sentido que o café Golden Gate, e por sua vez, esta investigação, poderão suscitar o interesse da entrada do Golden Gate Grand Café na Rota dos Cafés com História de Portugal⁹¹, e por sua vez no livro, na Associação dos Cafés com História de Portugal (ACH) e na Associação Europeia Dos Cafés com História (EHICA). A rota em Portugal e o livro têm como mentor Vitor Marques, gerente do café histórico Santa Cruz em Coimbra e presidente da ACH. Em 2014 fazem o levantamento fotográfico e histórico dos 23 cafés de 12 cidades, todos eles ainda com o seu funcionamento tradicional e pelo qual representariam as cidades. Após o lançamento do livro em 2014 o correio CTT, em 2016, desenvolveu uma série de selos que representavam esses cafés. Em 2018 realizou-se em Portugal o Encontro Internacional de Cafés Históricos Europeus denominado de “Os Cafés Históricos como Património Cultural”.

Como o Golden Gate, todos os cafés afamados de uma cidade, foram palco de acontecimentos de diversas áreas que marcaram uma sociedade com a presença dos seus residentes e forasteiros, que sem intenção criaram história desde a origem do café como espaço comercial. A história não procura mais que a verdade, é pitoresca e ao mesmo tempo é conhecimento mutilado. Quando no presente pretendemos contar o passado, não estamos a contar todo o seu esplendor, mas sim apenas o que é possível saber sobre ele através dos

⁸⁹ Assembleia da República – Lei n.º 107/2001: Bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural. Lisboa, *Diário da República*, série I-A, n.º 209, 8 de Setembro de 2001, pp. 5808-5829. Consultada em 15-6-2020. Disponível em <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/629790/details/normal?q=lei+N.%C2%BA%20107%2F2001+de+8+de+Setembro>

⁹⁰ Carta para a Conservação de Lugares de Valor Cultural

⁹¹ ESECTV, (2016), “Livro ‘Rota dos Cafés com História de Portugal’ // Vitor Marques” Consultado a 15-6-2020 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=OG0keDUkgiM&fbclid=IwAR3ld03HwmtZDixDC5zoKFV5wWHfaG3gOt-946xCSbTaEUkciTQMgL8b4RI&app=desktop>

vestígios deixados pelo caminho da história. Lugares, acontecimentos, vivências, são dignos de viver nos nossos conhecimentos, nas nossas memórias, assim o Golden Gate, sendo um café e lugar histórico para o Funchal, e também pelo facto da história se relacionar, na sua maioria, com o homem em grupo, tem o privilégio de se manter nas nossas memórias durante gerações.

Após várias remodelações, 179 anos passados, e histórias ainda por contar, o Golden de hoje continua a ser amado por vários madeirenses e acarinhado por muitos estrangeiros. Um local onde em outros tempos era o café dos madeirenses, é hoje cada vez mais um café dos estrangeiros, no entanto estes não retiraram o lugar dos habitués residentes. Consoante as entrevistas é perceptível que para alguns esta nova fase do café é agradável, com as suas especificidades, mas para muitos é ainda alvo de muitas críticas, uma vez que se recordam do Golden de outros tempos. Para esses, esta nova fase perdeu qualidade e valores, desde a educação e servilismo dos empregados, à decoração do interior onde misturam o requinte de um Grand Café com a banalidade de um simples bar, até ao alvo mais criticado, nos dois sentidos, a esplanada. Esta agrada e desagrada com as suas placas de vidro, para uns é acolhedor e assemelha-se aos cafés das grandes cidades europeias, para outros é objeto que exclui as pessoas e também inestético para a imagem da cidade.

Conclui-se que é um espaço na história da cidade do Funchal, que permite manter as tradições, pois caso se percam, perde-se a história. Para além do Golden Gate preservar os ecos do passado e manter o seu uso tradicional, é um sinónimo de herança que foi legado aos madeirenses, no qual transmite uma parte da identidade funchalense.



Imagem III.1 – Bilhete postal- Funchal e Golden Gate entre 1897-1899- Adaptado de Mendes, José Manuel Melim (2007), *Memórias do Funchal, O Bilhete-Postal Ilustrado até à Primeira Metade do Século XX*, Funchal, Author's Edition



Imagem III.2 – Bilhete Postal do Golden Gate Grand Café em 1940 - Adaptado do projeto “Madeira Quase Esquecida” (<https://www.facebook.com/MadeiraQuaseEsquecida/>)



Imagem III.3 – Golden Gate em 1967 Fonte: Museu de Fotografia da Madeira Atelier Vicente's - Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira



Imagem III.4 – Avenida Arriaga e Golden Gate Grand Café em 2020 durante a pandemia – Fonte: Autora

Fontes e Bibliografia

Abreu, Paula (2007), “Cantar para amigos: elementos dos Habitat surgem com ‘4Friends’ no Golden Gate” in *Jornal da Madeira*, Funchal, 26-2-2007, p.13

Almão, Samuel (2017), *Cafés Portugueses - Tertúlias e Tradições*. Lisboa, Clube do Colecionador dos CTT

Antena 1 Madeira (2017, Novembro 22). O Golden Gate, na "esquina do mundo" do Funchal abriu há 176 anos. In *RTPplay Há que tempo*. Disponível em:
<https://www.rtp.pt/play/p2986/e317169/ha-que-tempos>

Antena 1 Madeira (2017, Dezembro 15). O escritor Ferreira de Castro passou vários meses na Madeira no ano de 1933 e numa das suas obras baptizou o Golden Gate de "esquina do mundo". O romance, cuja ação se passa na Madeira, intitula-se "Eternidade". In *RTPplay Páginas da Cultura*. Disponível em:
<https://www.rtp.pt/play/p1133/e319496/paginas-de-cultura>

Antena 1 Madeira (2018, Outubro 31). Sherlock Holmes, o famoso detetive britânico criado por Arthur Conan Doyle, é a personagem principal de um livro da madeirense Laura Moniz. In *RTPplay Páginas da Cultura*. Disponível em:
<https://www.rtp.pt/play/p1133/e371453/paginas-de-cultura>

Antena 1 Madeira (2019, Dezembro 18). Golden Gate Grand Café - O Romance da Vida de Sherlock Homes. In *RTPplay Hora 10*. Disponível em:
<https://www.rtp.pt/play/p1307/e445694/hora-10>

Agência Luso (2014, Agosto 14). Portas fechadas do 'Golden Gate' causam surpresa na baixa do Funchal. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=m5ZbBeCrYok>

Aragão, António (1992), *O espírito do lugar A cidade do Funchal*. Lisboa, Pedro Ferreira Artes Gráficas

Bettencourt, Luísa (2010), “Espaços públicos e percursos de continuidade nas cidades contemporâneas. Cidades mais atrativas e vividas. O caso da cidade do Funchal”. In *Revista Malha Urbana*, 9, 41-78 (online) Disponível em <http://www.revistas.ulusofona.pt>

Brandão, Raul(2011), *As Ilhas Desconhecidas*, Lisboa, Quetzal Editores

Braulio, Marisa (2006) - *Léxico e Cultura: Um estudo de nomes de pratos oferecidos em restaurantes de Gramado (RS)*. Dissertação de Mestrado em Letras e Cultura Regional, Caixas do Sul, Universidade de Caixas do Sul.

Caldeira, Abel Marques(1964), *O Funchal no Primeiro Quartel do Século XX 1900-1925*. Funchal, Câmara Municipal do Funchal-Departamento de Cultura da C.M.F.

Carita, Rui (2013), *Histórias do Funchal, Funchal*, Imprensa Académica

Carita, Rui (2019), *História da Madeira séc. XIX-O Caminho do Liberalismo*, Funchal, Imprensa Académica.

Carita, Rui (2012), “A Imagem da Emigração Madeirense nos finais do século XIX”, comunicação apresentada na conferência Ler, Ver e Debater a problemática da Emigração, 6 de Setembro de 2012, Machico.

Castro, Fernanda de (2017), “Mesa do centenário /ou grupo do centenário e V centenário da descoberta da madeira” (online) consultado em 26.05.2020 Disponível em <http://aprenderamadeira.net/mesa-do-centenario-ou-grupo-do-centenario-e-v-centenario-da-descoberta-da-madeira/>

Castro, Ferreira de (1957), *Eternidade*, Lisboa, Guimarães Editores

Dias, Catarina Costa (2003), “José Jorge Letria no Golden Gate” in *Notícias da Madeira*, Funchal, 30-4-2003, p.23

Dias, Catarina Costa (2003), “Tertúlia literária no Golden Gate” in *Notícias da Madeira*, Funchal, 21-3-2003, p.23

Dias, Mariana Tavares (1999), *Os cafés de Lisboa*. Lisboa, Quimera Editores

DRAC (2017), *Arquivo Histórico da Madeira. Imagens Antigas do Funchal Urbano*, Funchal, Drac-ABM: Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira

Duarte, Rui (2017), *Cafés Históricos do Porto: a aventura sedentária*, Dissertação de Mestrado, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto

ESECTV, (2016), “Livro ‘Rota dos Cafés com História de Portugal’ // Vitor Marques” Consultado a 15-6-2020 Disponível em

<https://www.youtube.com/watch?v=OG0keDUkgiM&fbclid=IwAR3ld03HwmtZDixDC5zoKFV5wWHfaG3gOt-946xCSbTaEUkciTQMgL8b4RI&app=desktop>

European Historic Cafés Association – Consultado a 15-6-2020 Disponível em

<https://www.ehica.eu/home-2/>

Fantinel, Letícia Dias e Tânia Fischer (2012) – “Organizações e contextos urbanos: os cafés e as sociabilidades”. In *Revista Gestão e Sociedade*, 6, 280-307 Consultado em: 02.04.2020 Disponível em:

<https://www.gestaoesociedade.org/gestaoesociedade/article/view/1553>

Fernandes, Maurício(1996), “Notas para uma cidade visitada: Os hotéis do Funchal (1850-90)” In *Revista Margem*,4, 45-48.

Ferreira, Andreína (2017), “Golden Gate Café voltou ‘com cara renovada’ “ in *Diário de Notícias*, Funchal, 2-7-2017, p.5

Gama, José (2011) - *Arquitetura e Turismo na Cidade do Funchal no século XX*, (Dissertação de Mestrado) Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

Góis, Joana Catarina Silva(2015), *A Geração do Cenáculo e as Tertúlias Intelectuais Madeirenses (da I República aos anos 1940)*, Dissertação de Mestrado em História Contemporânea, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Gomes, Fátima Freitas (1989), “Hotéis e hospedarias” in *Atlântico Revista de Temas Culturais* nº19, Funchal.

Gouveia, Horácio Bento de(1982), “Funchal de ontem, Funchal de Hoje”. *Diário de Notícias*. Funchal, nº35 062, 21-08-1982, p.5 e 11

Gouveia, Nuno (2003), “Jantar com Letria no Golden Gate” in *Notícias da Madeira*, Funchal, 28-4-2003, p.23

Gouveia, Odília (2003), “Poesia de Herberto Helder no Golden Gate” in *Notícias da Madeira*, Funchal, 23-2-2003, p.23

Gouveia, Odília (2007), “Habitat cantaram para amigos, ‘4 Friends’ animaram noite do Golden Gate” in *Jornal da Madeira*, Funchal, 28-1-2007, p.12

Henriques, Paula (2014) “Golden Gate em livro” in *Diário de Notícias*, Funchal, 17-8-2014, p.26

Ipiranga, Ana (2010) – “A cultura da cidade e os seus espaços intermediários: os cafés e os restaurantes”. In *Revista de Administração Mackenzie*, 11, 65-91. Consultado em: 01.02.2020 Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1678-69712010000100004&script=sci_abstract&tlng=pt

Janes, Emanuel (1997), *Nacionalismo e Nacionalistas na Madeira nos anos 30 (1928-1936)*, Funchal, SRTC, Centro de Estudos de Histórias do Atlântico, p.140

Jardim, Alberto João (2019), “O ‘Golden Gate’ e a História da Madeira” in *Jornal da Madeira*, Funchal, 8-7-2019 (online) Disponível em:

https://www.jm-madeira.pt/opinioes/ver/2675/O_Golden_Gate_e_a_Historia_da_Madeira

Joaquim, Anete M. (2002), “ ‘O Príncipezinho’ no jantar do Golden” in *Jornal da Madeira*, Funchal, 17-10-2002, p.24

Joaquim, Anete M. (2003), “Jantar literário no Golden” in *Jornal da Madeira*, Funchal, 21-3-2003, p.22

Lamas, Maria (1956), *Arquipélago da Madeira- Maravilha Atlântica*, Editorial Eco do Funchal, Funchal

Lewgoy, Bernardo (2009) - Os cafés na vida urbana de Porto Alegre (1920-1940): as transformações em um espaço de sociabilidade masculino. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

Lino, Luís Sena (2000), “A Porta Dourada” in *Revista Diário*, Funchal, 23 a 29-7-2000, p.5

Loja, Roberto (2002), “O Principezinho” in *Diário de Notícias*, Funchal, 11-10-20002, p.3

Luís, Miguel Fernandes (2016), “Eis o homem que deu 4,7 milhões pelo Golden” in *Diário de Notícias*, Funchal, 23-11-2016, p. 1-3

Marques, Vítor (2016), *Rota dos cafés com história de Portugal*, Lisboa, Caleidoscópio

Matos, Rui Campos(2016), *A Arquitetura do Turismo Terapêutico: Madeira e Canárias, 1800-1914*, Dissertação de Doutoramento em Arquitetura, Lisboa, Universidade de Lisboa - Faculdade de Arquitetura.

M.D (2002), “Jantar Literário revivem tradição no Golden Gate” in *Jornal da Madeira*, Funchal, 26-2-2002, p.15

Mendes, José Manuel Melim (2007),*Memórias do Funchal, O Bilhete-Postal Ilustrado até à Primeira Metade do Século XX*, Funchal, Author’s Edition

Mendes, Nuno (2012) - *Cafés Históricos do Porto, Na demanda de um património ignoto*, Dissertação de Mestrado em História da Arte Portuguesa, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Mendonça, Lisandra Franco de (2014), “ A inauguração da estátua de Gonçalves Zarco no Funchal” In *História Revista da FLUP Porto*, IV série, 4, 209-223 (online) Disponível em: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/historia/article/view/1214>

Moniz, Laura (2019)- *Golden Gate Grand Café- O Romance da Vida de Sherlock Home*,

Moura, Sara (2003), “Golden recria século XIX” in *Diário de Notícias-Suplemento Cultura e Espetáculos*, Funchal, 28-4-2003, p.10

Nepomuceno, Rui (2013), *A Madeira na obra de Escritores Portugueses [Séculos XIX e XXI]*, Funchal, O Liberal.

Niza, José (2012) – *Golden Gate- Um quase diário de guerra*, Alfragide, D.Quixote

Oliveira, Ricardo Miguel (2016), “ ‘Golden Gate’ deverá ser vendido em hasta pública” in *Diário de Notícias*, Funchal, 12-3-2016, p.10

Oliveira, Ricardo Miguel (2017), “ ‘Golden Gate’ dá Brado. Neta do antigo proprietário regista marca ‘Golden Gate’ “ in *Diário de Notícias*, Funchal, 9-6-2017, p.1-3

Ornelas, Sílvia (2011), “Uma esquina com História” in *Diário de Notícias- Revista Mais*, Funchal, 12-6-2011, p14-15

Pestana, César(1952) “Academias e tertúlias da Madeira” In *Das Artes e da História da Madeira*. vol. II. Funchal.

Perdigão, Cristina (2009) - *Formação do Centro Urbano do Funchal: Contributo das transformações Urbanísticas*, (Dissertação de Mestrado) Universidade da Beira Interior

Perneta, Helena Paula Freitas (2011), *A Madeira e os Alemães, 1917-1939 O discurso na imprensa madeirense*, Dissertação de Mestrado em Gestão Cultural, Funchal, Universidade da Madeira.

Pestana, César (1952) “Academias e tertúlias da Madeira” In *Das Artes e da História da Madeira*. vol. II. Funchal. (Maio-Junho 1952), p.21-23

Rocha Luís (2002), “Agustina enche o Golden” in *Diário de Notícias- Suplemento Cultura e Espetáculos*, Funchal, 21-11-2002, p.19

Rocha, Luís (2002), “Escritora Helena Marques fará palestra no Golden Gate” in *Diário de Notícias*, Funchal, 17-4-2002, p.22

Rocha, Luís (2002), “Golden Gate recomeça Jantares Literários” in *Diário de Notícias*, Funchal, 3-10-2002, p.20

Rocha, Luís (2002), “Jantar Literário debate no dia 20 J.A. Baptista” in *Diário de Notícias*, Funchal, 15-3-2002, p.30

Rocha, Luís (2002), “Tertúlia literária em breve no ‘Golden’ “ in *Diário de Notícias*, Funchal, 8-2-2002, p.26

Rocha, Luís (2003), “Herberto e as imagens da ilha” in *Diário de Notícias-Suplemento Cultura e Espetáculos*, Funchal, 24-1-2003, p. 23

Rocha, Luís (2003), “Jantar Literário no Golden com José Jorge Letria” in *Diário de Notícias- Suplemento Cultura e Espetáculos*, Funchal, 15-4-2003, p.20

Rocha, Luís (2003), “João Carlos no Golden” in *Diário de Notícias-Suplemento Cultura e Espetáculos*, Funchal, 7-3-2003, p.19

Rocha, Luís (2004), “ Daniel Sampaio em ‘jantar literário’ no Golden” in *Diário de Notícias- Suplemento Cultura e Espetáculos*, Funchal, 27-1-2004, p.20

Rocha, Luís (2004), “ Daniel Sampaio no Golden” in *Diário de Notícias- Suplemento Cultura e Espetáculos*, Funchal, 31-1-2004, p.24

Rodrigues, Maria da Paz (2011), *As artes performativas no Funchal oitocentista (1820-1913)*, Dissertação de Mestrado em Gestão Cultural, Funchal, Universidade da Madeira

Santos, Maria (2003), “Em Maio no Golden Gate -José Jorge Letria no Funchal” in *Jornal da Madeira*, Funchal, 15-4-2003, p.25

Santos, Marisa (2003), “Literatura de volta ao Golden Gate” in *Jornal da Madeira*, Funchal, 18-3-2003, p.22

Santos, Maria (2003), “Jantar literário em ambiente de tertúlia” in *Jornal da Madeira*, Funchal, 23-1-2003, p.21

Secretaria Regional do Turismo e da Cultura (1985), *A Madeira e o Turismo Pequeno Esboço Histórico*. Funchal, DRAC- Direção Regional dos Assuntos Culturais

Sem autor (1930), “A comédia do Golden. A novela de maus costumes” in *Re-Nhau-Nhau*. Funchal, n.º 8 ao n.º 12, de 01-03-1930 a 12-04-1930, p.1-2

Sem autor (1934), “A estatua do Descobridor da Madeira e o prolongamento da Avenida Goncalves Zarco” in *Diário de Notícias* (18-02-1934), p.1

Sem autor (1997), “De Novo, o café antigo” in *Diário de Notícias*, Funchal, 22-10-1997, p.16

Sem autor (1997), “Golden Gate: a nova esquina do Mundo” in *Jornal da Madeira-Destacável*, Funchal, Segunda-feira, 15 de Dezembro de 1997, p.1-3

Sem autor (1997), “O renascimento do antigo Golden, Recuperação inspirada nos anos 80” in *Jornal da Madeira*, Funchal, Quarta-Feira, 17 de Dezembro de 1997, p.25

Sem autor (2002), “Agustina Bessa-Luís em jantar no Golden” in *Jornal da Madeira-Suplemento Cultura Viva*, Funchal, 14-11-2002, p.II

Sem autor (2003), “Herberto Helder no Golden Gate” in *Jornal da Madeira*, Funchal, 22-1-2002, p.18

Silva, Agostinho (2016), “Golden: leilão do ano é hoje” in *Diário de Notícias*, Funchal, 22-11-2016, p.17

Sennett, Richard(1943), *O Declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo, Editora Schwarcz Ltda.

Silva, Agostinho (2016), “ ‘Golden’ vendido no verão pelo valor mais alto” in *Diário de Notícias*, Funchal, 6-5-2016, p.20

Silva, José Marmelo e (2002) - *Desnudez Uivante»* in *Obras Completas*, Campo das Letras, Porto Silva, Miguel e António Macedo Ferreira (2014), “Café do Golden fecha amanhã com manifestação” in *Diário De Notícias*, Funchal, 3-8-2014, p.20

Silva, Miguel e António Macedo Ferreira (2014), “Café do Golden fecha amanhã com manifestação” in *Diário De Notícias*, Funchal, 3-8-2014, p.20

Trigo, Adriano A. E Annibal A. Trigo(1910), *Roteiro e Guia do Funchal*. Funchal, Typographia Esperança.

Tinoco, Alfredo(2012), “Alfredo Tinoco: Artigos e comunicações”, *Cadernos de Sociomuseologia*, 42 (número temático dedicado ao autor)

Vasconcelos, Teresa (2005), *O plano Ventura Terra e a modernização da cidade do Funchal*, Dissertação de Mestrado em História e Cultura da Regiões, Funchal, Universidade da Madeira.

Verheij, Gerbert(2018), “O plano geral de melhoramentos do Funchal (1915), de Miguel Ventura Terra”. In *Revista Estudo Prévio* 14, (online) Disponível em <http://www.estudoprevio.net>

Veyne, Paul (1971), *Como se escreve a História*. Lisboa, Edições 70, Lda.

Vieira, Alberto (2010), *Anuário 2010 Madeira-Um cais de permanentes chegadas e partidas*, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico.

Vieira, Alberto (sem data), *As Ilhas, Nissologia ou nesologia*. Maderia, CEHA

Vieira, Alberto (sem data), *Conhecimento, literatura e Escritas na e da Madeira. Séculos XV- XXI*, Madeira, CEHA.

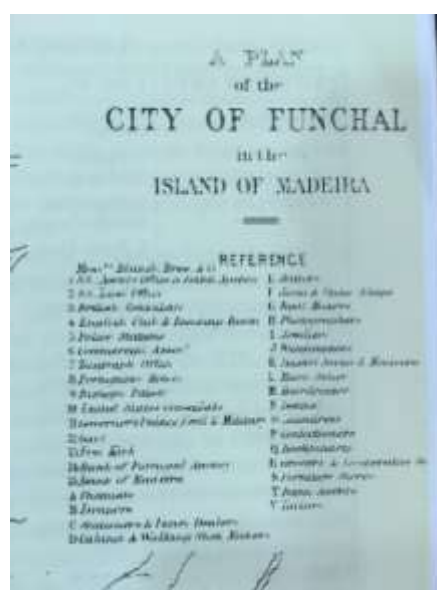
Vieira, Alberto(2016), “Sobre Lugares da memória” In *Memória das gentes que fazem a História*. Newsletter 43 (online) Disponível em:
<https://independent.academia.edu/AlbertoVieira>

Vieira, Alberto(2017), “Quotidiano e sociabilidades”, Aprender Madeira (online) consultado em 02.03.2020 Disponível em <http://aprendermadeira.net/quotidiano-e-sociabilidades/>

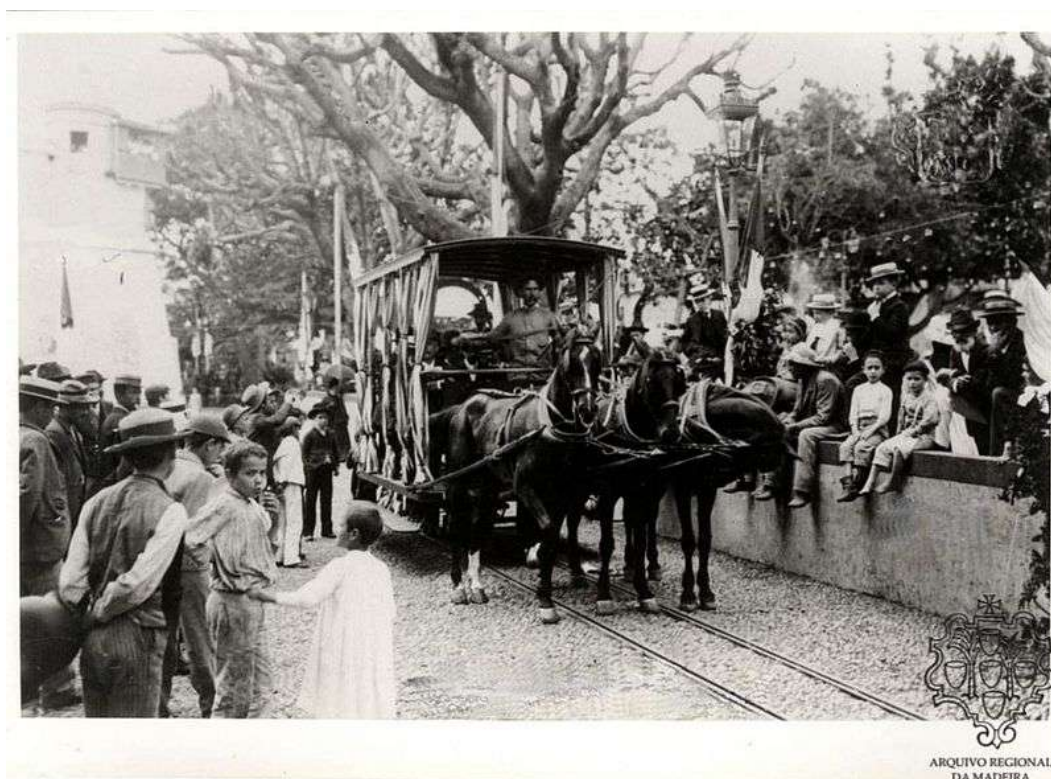
Vieira, Alberto(2017), “Viajantes”, Aprender Madeira (online) consultado em 25..05.2020 Disponível em <http://aprendermadeira.net/viajantes/>

ANEXOS

ANEXO A – Mapa do Funchal em 1882 – Fonte: Revista Atlântico nº19, Outubro 1989



ANEXO B – Carro Americano em 1910 – Adaptado da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira



ANEXO C – Carro de bois e Café Standard na década de 1920 - Fonte: *Arquivo Histórico da Madeira. Imagens Antigas do Funchal Urbano*, Funchal, Drac-ABM: Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira



ANEXO D – Funchal na década de 1930 – Adaptado do projeto “Madeira Quase Esquecida”
(<https://www.facebook.com/MadeiraQuaseEsquecida/>)



ANEXO E- Entrada da Cidade e Café Kit-Kat na década de 1920 - Adaptado de Melo, Luís de Sousa e Susan E.Farrow (1983), *Impressões da Madeira Antiga*, Funchal, Pátio Livraria Inglesa.



ANEXO F – Vista aérea do Funchal, Avenida Arriaga em 2004 e 2018 respetivamente –
Fonte: Câmara Municipal do Funchal

